NA 3.ª PÁGINA: PEQUIM REIVINDICA O APOIO À GUERRILHA BIRMANESA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1969 N.º 16 667 ANO 49.º UM ESCUDO

amanhã anda a roda
"TALUDA" 4 MIL CONTOS!

COMEÇOU O CONGRESSO REPUBLICANO

Mensagens de Cunha Leal e Ferreira de Castro

• Rodrigues Lapa falou na 1.ª sessão de trabalhos

AVEIRO, 15 — Constituiu um acontecimento realmente notável a sessão inaugural do II Congresso Republicano de Aveiro, esta manhã verificada no Teatro Aveirense. Muito antes das 11 horas já a grande sala de espectáculos se encontrava completamente cheia, sendo difícil até o trânsito na praça fronteira.

DOS NOSSOS ENVIADOS ESPECIAIS
Raul Rego
Urbano Tavares Rodrigues
Joaquim Benite
Lobo Pimentel

A cidade de Aveiro vive, com efeito, uma das horas grandes da sua história, bem conforme com as nobres tradições liberais da região. A sala encontra-se devidamente ornamentada. Ao fundo destaca-se um grande retrato do dr. Mário Sacramento. A negro e branco são as feições do que foi o primeiro secretário-geral do I Congresso Republicano de Aveiro e que teria sido o deste se a morte o não tem levado. O retrato é uma obra, estilizada e valiosa do artista Jorge Trindade, a quem se devem também os cartazes do Congresso e os distintivos.

Ao assumir a presidência o coronel Helder Ribeiro, a assistência dispensou ao antigo ministro da República, figura

(Continua na página central)

«Com a França, pelos franceses», poderão ler os eleitores, sob o retrato sorridente de Georges Pompidou, os cartaz de propaganda eleitoral do ex-primeiro-ministro do general de Gaulle. A campanha para a eleição presidencial abre oficialmente amanhã

Na sala do secretariado, os principais organizadores do II Congresso Republicano de Aveiro trabalham até final para o êxito do encontro entre democratas portugueses

Os oito pontos de Nixon

WASHINGTON, 15 — (F. P.) — É o seguinte o plano em oito pontos proposto esta noite pelo presidente Nixon para solucionar o conflito vietnamiano:

«1 — Logo que um acordo possa ser concluído, todas as forças que não sejam sul-vietnamianas começariam a ser retiradas do Vietnam do Sul.

«2 — No prazo de um ano, e por etapas a combinar, a maior parte das tropas americanas, aliadas e outras forças não sul-vietnamianas seriam retiradas. No fim deste período de doze meses, o resto das forças americanas, aliadas e não sul-vietnamianas retirar-se-ia para bases designadas e abster-se-ia de qualquer operação militar.

«3 — O resto das tropas americanas e aliadas terminaria a sua retirada á medida que as forças norte-vietnamianas se retirassem e regressassem ao Vietnam do Norte.

«4 — Seria criado um organismo internacional de supervisão, aceitável pelas duas partes, com o fim de verificar as retiradas e com qualquer outro objectivo combinado pelas duas partes.

«5 — Este organismo internacional começaria a operar segundo um calendário estabelecido e participaria na negociação dum cessar-fogo controlado.

«6 — Logo que fosse possível, depois da entrada em

(Continua na ultima página)

Nelson Rockefeller, cuja chegada ás Honduras foi assinalada por uma manifestação em que morreu um estudante.

A RETIRADA UNILATERAL DOS E. U. A. DO VIETNAM COMEÇARÁ EM BREVE

WASHINGTON, 15 — (R.) — O presidente Nixon pediu a noite passada a Hanói que concorde com uma retirada, por fases, de todas as tropas estrangeiras no Vietnam do Sul, durante os próximos doze meses, ao fazer uma nova deligência para acabar com a guerra.

Num discurso de 22 minutos que pronunciou a noite passada pela Televisão, Nixon propôs um plano de paz de oito pontos, começando com uma evacuação por fases, seguida por um cessar-fogo fiscalizado internacionalmente e por eleições livres, abrangendo todos os elementos políticos do Vietnam do Sul.

(Continua na 19.ª página)

COMUNICADO DE DEMOCRATAS DO PORTO SOBRE O PRÓXIMO ACTO ELEITORAL

Assinado pelos srs. dr. Armando Cotta, eng.º Virgínia Moura e drs. Raul Castro e Armando Bacelar, recebemos, do Porto, o seguinte comunicado á Imprensa:

«Um numeroso grupo de democratas do Porto vem, já há largos meses, a exercer actividade política e cívica em face da actual situação política e do próximo acto eleitoral.

«Assim, oportunamente, foi enviado á Imprensa um comunicado, noticiando o requerimento apresentado ao senhor governador civil do Porto, em Novembro do ano findo, com cópia dos estatutos de uma Comissão Eleitoral Democrática do Porto, de carácter mera-

(Continua na página seguinte)

HOJE 36 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE

Na página 19 publicamos o regulamento do «Grande Prémio de Publicidade Diário de Lisboa» com o qual se distinguirão os anúncios (publicados em 1968 nos jornais e revistas portuguesas) que, pelas suas qualidades artísticas e gráficas forem julgados como sendo os melhores.

1969 — ANO DE ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

(Continuação da pág. anterior)

mente temporário, a qual veio a ser indeferida por despacho de 5 de Fevereiro último, da qual foi interposto o competente recurso na Auditoria Administrativa, em 5 do mês corrente.

«Nos dois bairros administrativos desta cidade e nos concelhos do distrito do Porto, os cadernos do recenseamento não puderam ser consultados senão nas mãos de pessoal das respectivas secretarias, sendo expressamente recusada qualquer forma de cópia dos cadernos, quer mecânica quer manual.

«Esta recusa foi mantida pessoalmente pelo sr. governador civil do Porto, em audiência concedida, em 9 do corrente, a alguns democratas que com ele se avistaram em face da referida recusa.

«Apesar das dificuldades levantadas, tornou-se evidente para as pessoas que efectuaram as consultas que há numerosíssimas omissões no recenseamento. Assim, nos dois bairros desta cidade apenas se encontram inscritos cerca de 40 mil eleitores, o que traduz uma percentagem de cerca de 12 por cento da população da cidade. Para evidenciar a exiguidade destes números, basta compará-los com os do distrito de Aveiro, já publicados nos jornais, com uma percentagem de cerca de 50 por cento de eleitores, numa população essencialmente rural.

«Há numerosas pessoas que requereram a sua inscrição e não figuram nos cadernos. Verifica-se, também, a existência de incorrecções na identificação de várias pessoas e a inscrição de eleitores fora da área das suas residências, o que é suficiente para impedir essas pessoas de exercerem o seu direito de voto.

«Acresce que no 2.º bairro do Porto não há um só caderno mas dois cadernos de recenseamento, sendo um dos eleitores de 1968 e o outro dos do ano corrente, e em ambos os bairros desta cidade a eliminação dos eleitores é processada através de um carimbo, e nada garante que ele não possa vir a ser utilizado para os outros eleitores.

«E até a um advogado desta cidade, dr. Arnaldo Mesquita, que verificou não estar inscrito, apesar de ter o requerimento respectivo recenseado, no 2.º bairro comunicaram-lhe o motivo do indeferimento, que procurou conhecer para efeito de reclamação; e no concelho de Gondomar não foi permitido a qualquer eleitor informar-se da inscrição ou omissão de outros eleitores, assim, como no concelho da Maia não estavam organizados os cadernos, no início do período da sua reclamação.»

● «Perfeita igualdade de circunstâncias» para o acto eleitoral — afirma o governador-civil de Lisboa

O governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, enviou um ofício de resposta ao requerimento que lhe foi entregue pelos democratas drs. Francisco Salgado Zenha, José Manuel Galvão Teles e Vasconcelos Abreu, que, como noticiámos, foram recebidos pelo chefe do distrito, e que era assinado ainda pelos drs. Francisco Pereira de Moura e Mário Soares. Nesse ofício, dirigido ao primeiro signatário do requerimento, diz-se:

«Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª o teor do despacho que hoje exarei no requerimento que me foi entregue neste Governo Civil, documento do qual V. Ex.ª é primeiro signatário:

«Não dispondo este Governo Civil de quaisquer cópias do recenseamento eleitoral para o ano corrente, o qual, aliás, não se encontra ainda definitivamente elaborado, não pode a pretensão considerar-se oportuna.

Desde já, porém, assegura este Governo Civil que todos os candidatos a deputados pelo círculo de Lisboa, bem como os respectivos mandatários, se encontrarão, em qualquer das fases preparatórias do acto eleitoral, e no próprio acto eleitoral, em perfeita igualdade de circunstâncias.»

Este despacho confirma, portanto, a comunicação que, conforme dei a V. Ex.ª conhecimento por via telefónica, tive oportunidade de fazer pessoalmente ao seu ilustre colega sr. dr. José Manuel Archer Galvão Teles, também signatário da mencionada petição.»

Resposta do governador civil de Leiria a reclamações da oposição

«As reclamações da oposição, desde que legais, serão atendidas» — afirma o governador civil de Leiria

Em resposta ao comunicado n.º 2 de um grupo de democratas de Leiria, no qual, conforme noticiámos, e além do mais, se apontavam diversas irregularidades (das quais tentamos dar uma súmula) do processo eleitoral, recebeu agora, o seu primeiro signatário, sr. dr. Vasco da Gama Fernandes, uma resposta do governador civil, sr. dr. Damasceno Campos, que é do seguinte teor:

«Os oposicionistas do distrito de Leiria, no seu comunicado de 2 do corrente, de que V. é o primeiro signatário, denunciam e protestam contra um certo número de irregularidades que dizem ter sido praticadas nas operações do recenseamento eleitoral distrital.

Movido pelo desejo e preocupação de que a lei eleitoral não seja de modo algum violada, averiguei junto dos presidentes das comissões recenseadoras e dos presidentes das Câmaras Municipais do fundamento de tais acusações, podendo assim informar com segurança que:

a) *Em todos os concelhos do distrito foram observadas cuidadosamente todas as normas legais que regulam os diversos actos do processo de recenseamento;*

b) *Na secretaria da Câmara Municipal de Leiria, alguns cidadãos que ali se dirigiram, a fim de saber se estavam, ou não, inscritos, foram atendidos por um funcionário, que os informou consultando o recenseamento eleitoral anterior, actualizado com a inscrição de novos eleitores e eliminação daqueles cuja inscrição não devia manter-se, como determina o art.º 7.º da Lei 2015. Este facto em nada prejudicou os direitos dos «interpelantes», pois foram informados pronta e acertadamente do que lhes interessava: saber se estavam, ou não, recenseados;*

c) *Só no dia 20 de Junho, como determina o parágrafo 2.º) do art.º 20 da Lei 2015, o recenseamento eleitoral deverá estar totalmente elaborado, com todos os requisitos previstos no art.º 22 da mesma lei;*

d) *Da não inclusão no recenseamento de «muitos dos cidadãos que requereram a sua inscrição» e da eliminação «dos elementos oposicionistas» devem os interessados, com competência legal, reclamar e recorrer.*

Pode a oposição estar certa de que as suas reclamações, desde que legais, serão plenamente atendidas;

e) *Os cadernos eleitorais têm estado patentes e sido consultados pelos elementos de oposição, o que é provado pelo conhecimento que a mesma oposição deles possui, como dá testemunho nas infundadas críticas que lhe faz, que incidem, até, nos mais pequenos pormenores gráficos».*

O sr. dr. Vasco da Gama Fernandes respondeu já ao chefe do distrito, dizendo, além do mais, que: só têm podido obter certidões desde que paguem 2$00 por nome, que o próprio signatário quis consultar os cadernos e não lho consentiram, ficando impedido de reclamar nos termos do art.º 19 da Lei 2015; os cadernos eleitorais nunca estiveram patentes, e só ao vê-los folhear pelos funcionários se aperceberam de algumas ilegalidades; no dia 6 do corrente, verificou que nos termos de encerramento das folhas do recenseamento não constava o número de eleitores inscritos, como manda o art.: 22 da Lei 2015; que havia nomes riscados com traços a lápis: que primeiro, na freguesia de Leiria, havia duas ordens alfabéticas, uma dos eleitores antigos, isto é: já inscritos, e outra dos novos, acontecendo que no dia 10 do corrente já foram incluídas folhas novas só com uma ordem alfabética.

Por sua vez, os srs. drs. José Henrique Vareda e Rocha e Silva receberam resposta do presidente da Câmara Municipal em que se lhes comunicava terem sido indeferidos os requerimentos em que, para instruir o competente processo, solicitavam a identificação dos eleitores que tinham sido cortados com traços a lápis e a indicação dos motivos que fundamentaram esses cortes. O presidente do Município justifica o indeferimento, por esses elementos, em seu entender, não serem «destinados a fim legal e útil».

VIDA POLÍTICA

● Ministro das Obras Públicas

O ministro das Obras Públicas recebeu em audiência de trabalho o presidente da Câmara Municipal de Penela com quem tratou de assuntos relacionados com os serviços do julgado municipal; e o presidente do Município de Lages das Flores.

● Ministro do Ultramar

O prof. dr. Silva Cunha, titular da pasta do Ultramar, trabalhou mais uma vez com o governador da Guiné e teve uma reunião de trabalho conjunta com o director-geral de Saúde do Ultramar, o director da Escola Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical e o secretário provincial de Saúde e Assistência de Moçambique. Recebeu, também, os componentes da equipa de futebol do União de Bissau e uma deputação de estudantes ultramarinos.

● Subsecretário das Obras Públicas

O dr. Silva Pinto, subsecretário de Estado das Obras Públicas trabalhou com o governador civil de Santarém e com os presidentes das Câmaras Municipais de Benavente, Cartaxo e Salvaterra, recebeu também o prof. eng.º Prostes da Fonseca, director do Gabinete de Estudos e Planeamento da Secção Educativa do Ministério da Educação Nacional; e o dr. Carvalho Guerra, da Fundação Calouste Gulbenkian.

Aterragem de emergência de um avião senegalês na Guiné portuguesa

BISSAU, 15 (A. N. I.) — No passado dia 10, cerca das 19 horas, um avião monomotor «Piper», da companhia senegalesa Air Senegal em viagem de Skerring para Casamansa, foi obrigado a aterrar de emergência numa bolanha perto de Caió no concelho de Cacheu, da província portuguesa da Guiné. O avião ficou quase completamente destruído, mas os ocupantes sofreram apenas ligeiras escoriações.

Atribui-se a aterragem de emergência, a um erro de navegação, agravado com a falta de combustível.

O aparelho era pilotado pelo senegalês Mame Abdou Seck e transportava cinco passageiros: Jean Claude Etienne Ribas e Paule Raymonde Claudine Ribas Maurin, residentes em Paris, Raymond Casimir, Maurin e Odette Jaqueline Maurin Olivier, residentes em Dacar, todos franceses, e Marie France Bernard, canadiana, também residente em Dacar.

Os sinistrados, transportados, para Teixeira Pinto, foram ali observados e tratados. Um helicóptero da Força Aérea transportou-os depois a Bissau, onde se tomaram providências para a sua instalação. Os passageiros e o piloto seguiram ontem para Dacar, noutro avião.

VISITA À LISNAVE

Os membros do «Industrial College of the Armed Forces», que desde há dois dias se encontram de visita ao nosso País, estiveram esta manhã na Lisnave, no estaleiro da Margueira, cujas instalações percorreram demoradamente, acompanhados pelo sr. eng.º Luís Gomes, das Relações Públicas. Em seguida foi-lhes oferecido um almoço.

QUINTA-FEIRA DA ESPIGA

A cidade acordou hoje envolta no azul luminoso, risonha e florida, rescendente a flores silvestres e verduras bravias. Reaviva, assim, as suas nostalgias campesinas, do tempo em que, neste dia, se despovoava a caminho das hortas e dos recintos arrabaldinos onde celebrava, num risonho e galhofeiro panteísmo, o dia tradicional de Quinta-feira da Ascensão, ou Quinta-feira da Espiga, *ao gosto popular.*

O ramo característico, de sugestão pagã, oferecem-nos, logo de manhã, quase a cada esquina, nas ruas por onde coleia, a caminho da faina quotidiana, o atarefado formigueiro humano, estendem-nos, as vendedeiras, algumas, vindas do arrabalde, tão graciosas, com seu belo palminho de cara, «braços roliços, ancas redondas e o peito às ondas» — assim celebradas pelo enamorado poeta na sua cálida e tão sádia e sedutora formosura.

Rubras papoilas estalando de cor, branco e oiro de malmequeres e margaridas enfeitando o molho viçoso com o olorante rosmaninho, as flores de oliveira, as espigas de trigo — o ramo simbolizando a exultação da terra fecunda que se desentranhará em frutos.

O ramo de Quinta-feira da Espiga *traduz assim esperanças e anseios sempre renovados de fartura no agasalho e alegria na vida — aquela alegria que quereríamos tivesse sempre em todas as almas o verdadeiro júbilo primaveril.*

CENTENÁRIO DE VASCO DA GAMA

Para as comemorações do V Centenário do nascimento de Vasco da Gama, foram já constituídas as comissões distritais de Lisboa, Santarém, Setúbal e Funchal e a comissão concelhia de Sines.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

MERCADO DA PRIMAVERA
ZONA DE BELÉM
Hoje, às 21 h. com entrada livre
ABERTURA AO PÚBLICO
— Centros de vendas de artesanato de todas as regiões do País.
— Restaurante privativo (a partir de amanhã, 6.ª-feira).
— Exibições de grupos folclóricos.
— Concertos por bandas de música.
(Esta noite: BANDA DE ALCOCHETE)
DIÀRIAMENTE, abertura às 12.30 horas e encerramento às 0,30 horas
Preços de entrada:
Sábados, Domingos e Feriados ... 5$00
Restantes dias da semana ..... 2$50

Pequim reivindica o apoio à guerrilha birmanesa

As notícias provenientes da Birmania — país discreto, e mesmo secreto — sempre foram raríssimas: as autoridades de Rangum não têm de modo algum o costume de apresentar balanços, ou de expor a situação nas províncias em que as perturbações, de origem política, ou político-étnica, nunca cessaram desde a independência, em 1948. Pequim, em contrapartida, recomeçou, há pouco mais de um mês, a difundir textos comunistas birmaneses e documentos chineses aprovando-os.

O movimento de guerrilheiros comunistas birmaneses dura há vinte e um anos (1). Durante muito tempo Pequim fez silêncio em torno disso: era a época da amizade entre os dirigentes chineses e o presidente do Conselho Revolucionário birmanês, general Ne Win, no Poder há sete anos. Em Maio de 1967 eclodiram em Rangum motins antichineses. As relações entre os dois países imediatamente foram afectadas por isso, e Pequim descobriu então em Ne Win um passado de «*fascista*» passando a incensar a revolta armada, que se dizia inspirada no pensamento de Mao Tsé Tung. Em 1968, foram publicados outros documentos, falando de «luta popular». Houve no fim do ano passado uma pausa na publicação dos comunicados. Em fins de Janeiro de 1969, Ne Win dirigiu-se de visita oficial ao Paquistão. Segundo informações não confirmadas, teria nessa altura mantido conversações secretas com diplomatas chineses. Se a notícia é verdadeira, as discussões sem dúvida não tiveram êxito, porque, a partir de meados de Março, a «Nova China» recomeçou a exalçar a revolução armada. O último documento deste género (traduzido do chinês) data de 27 de Abril.

O ponto de partida desta nova campanha foi a confirmação, pelos comunistas birmanos, do assassínio do seu chefe, Than Tun. A informação fora difundida por Rangum em fins de Setembro. Than Tun teria sido morto por um agente de Na Win — versão comunista — ou por um rebelde que desejava regressar á legalidade — versão governamental. O presidente do P. C. morreu em 24 de Setembro de 1968, mas a «Nova China» só falou disso em 20 de Março de 1969. Nessa época, Chu En Lai e Kang Cheng, membros do Comité Político Permanente do P. C. Chinês, tiveram um encontro com Ba Thein Tin, vice-presidente do Partido birmano.

A importancia da morte de Than Tun não é minimizada pelos revolucionários. O velho dirigente tinha um passado glorioso, que ninguém contestava. A este militante nacionalista dos anos 30, cedo vindo ao marxismo — antes da fundação do P. C. em 1939 (data oficial) — Nu, antigo primeiro-ministro, disse um dia: «*Sereis o Lenine da Birmania e eu o seu Máximo Gorki*». Nu limitava-se a ser

Por Jacques Decornoy

um sonhador que gostava da balbúrdia. Quanto a Than Tu, jogara durante a ocupação japonesa um hábil duplo jogo: ministro da Agricultura do gabinete Ba Maw, era ao mesmo tempo um dos membros mais activos da resistência. Tentou seguidamente, depois da guerra, colaborar com os nacionalistas não comunistas, ocupou um lugar importante em Rangum entre 1945 e 1948, mas quebrou por fim com o Poder e partiu para as guerrilhas no início de 1948, no mesmo ano em que muitos comunistas asiáticos o fizeram. Não mais devia abandonar a dissidência — que foi muito importante de início, e marcou passo por fim, sem no entanto ter sido reabsorvida. Houve tentativas de acordo com o Poder: em 1949 (o general Ne Win desempenhou então um papel...), em 1958 e em 1961. Mas todas falharam.

«O poder vermelho nos campos»

A revolta prossegue. Mas é hoje absolutamente impossível fazer o exame com segurança da situação no terreno. Convém, portanto, tomar unicamente nota dos textos difundidos por Pequim, e que descrevem uma sublevação que se situa resolutamente na movimentação chinesa.

Num discurso pronunciado em 20 de Março, Ba Thien Tin, vice-presidente do P. C. Birmano, asseverou aos seus auditores que «*Than Tun sempre esteve ligado ao marxismo-leninismo, ao pensamento de Mao Tsé Tung, á prática da revolução birmanesa*» e que «*a pandilha militar de Ne Win sempre foi um bando que se entregava aos morticínios*». O que consiste em «esquecer» que as relações entre Ne Win e os dirigentes chineses foram excelentes por muito tempo.

Ba Thien Tin recorda as «*três grandes tarefas*» do P. C. que são: «*a chave da conquista da vitória da revolução armada*». É preciso, diz, «*quebrar as ofensivas do inimigo com ofensivas nossas*», seguir «*uma linha de classe nas regiões rurais*» para «*estabelecer o poder vermelho nos campos*», e «*esmagar o revisionismo*». Tin pensa que a situação é «*excelente*» no plano internacional e local e afirma que as suas forças obtiveram «*enormes vitórias militares*». Anuncia de passagem que está encarregado de dirigir a luta armada conjuntamente com Zin, que passa da co-presidência do Partido para a presidência.

Uma notícia da agência «Nova China» de 27 de Abril último afirma que «as bases revolucionárias vermelhas se consolidam e alastram» e que «se estendem as zonas de combate»: «As forças armadas populares eliminaram primeiro o inimigo por secções, depois por pelotões, e agora podem aniquilar companhias inteiras.» O P. C. desencadeou o movimento «*expandir as queixas*» contra «*os exploradores e os opressores*». Foi dada ordem para se armarem com o equipamento tomado ao inimigo, e retomado este «pensamento» de Than Tun: «*O exército inimigo é o nosso departamento de logística*».

O trabalho ideológico nos campos deve basear-se na seguinte estratégia: «*Apoiar-se nos camponeses pobres, neutralizar os camponeses ricos, atacar os proprietários fundiários*». O Partido tem cuidado em reconhecer os direitos de todas as comunidades étnicas que tornam este país um verdadeiro mosaico. E não esquece também de verberar «os revisionistas» locais contra quem, assevera, «*foram tomadas medidas*» em vida de Than Tun (2).

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

No entanto, é impossível saber se os documentos da «Nova China» descrevem, ainda que parcialmente, uma situação real, ou se reflectem simplesmente o novo decorrer das relações entre Pequim e Rangum. A Birmania continua a ser uma grande desconhecida...

---

(1) Falamos aqui da guerrilha «maloritária». De facto, desde 1946 formou-se uma guerrilha comunista «dissidente», que foi classificada como «trotskista», ainda que recusasse esse título. Nunca teve a envergadura do movimento de 1948

(2) Em Moscovo, a «Literaturnaya Gazeta» acaba de escrever que os pró-chineses conquistaram a direcção do P. C. birmanês, e três membros do Comité Central foram executados por «revisionismo». Mas o jornal soviético não diz que Than Tun foi assassinado. É certo que este era pró-chinês...

Nota do dia

SIGNIFICADO DE UM DISCURSO

NO DISCURSO QUE PROFERIU na inauguração da barragem de Sabóia, traçou o prof. Marcello Caetano o perfil da figura do Presidente da República como «símbolo da nossa unidade, da independência nacional, da soberania portuguesa». E acentuou: «Onde está o Presidente da República está o povo português, o povo de aquém e de além-mar, o povo que moureja nos campos, trabalha nas oficinas, serve nos estabelecimentos, lida nos escritórios e se bate nas fileiras das forças armadas, o povo que somos todos nós, unidos num só sentimento pátrio e numa só vontade de paz e progresso. Respeitar o Chefe do Estado é respeitar tudo o que ele representa como imagem viva e expressão tangível. Respeitar o Chefe do Estado é venerar Portugal».

O prof. Marcello Caetano não se limitou com isto a prestar as suas homenagens protocolares ao almirante Américo Thomaz, que se encontrava presente e a quem as dirigiu. O prof. Marcello Caetano estava procedendo deliberadamente a um acto político, que é, parece-nos, o seu propósito de reconstituir a figura política do Presidente da República na dimensão que lhe é estabelecida no texto constitucional.

É a caracterização do presidencialismo fixado no texto constitucional. Numa publicação oficial («Portugal», Exposição Universal de Bruxelas, 1958) encontra-se no capítulo sobre a organização política portuguesa uma nota identificando o sistema da Constituição de 1933 como um sistema «que se poderia qualificar de presidencialismo bicéfalo, ou mais exactamente de presidencialismo de primeiro-ministro». Não traz o referido capítulo indicação de autoria, ao contrário de todos os outros capítulos da mesma obra, mas o prof. Marcello Caetano era ao tempo o ministro da Presidência, de quem dependiam todos os serviços da representação portuguesa naquela exposição.

Era evidentemente um desvio que a prática fizera do texto da lei constitucional: «O longo consulado do dr. Oliveira Salazar na Presidência do Conselho deslocou para este cargo a chefia efectiva do Governo e reduziu a Presidência da República a uma magistratura eventualmente arbitral». Deslocou e reduziu. Exactamente como «as mesmas razões que apagaram a função política do Presidente da República explicam a pequena intervenção desse Conselho na vida política». É a referência ao papel do Conselho de Estado. E porque, na sua opinião, de um desvio se tratava, assiste-se agora ao que pode chamar-se o processo da reintegração da figura jurídica do Presidente da República na plenitude dos seus próprios poderes.

Por certo que a situação se transformou a partir do momento em que o Chefe do Estado tomou a iniciativa de resolver a crise de Setembro passado, dando ele próprio o passo histórico, que as circunstâncias impuseram, de retomar em mãos os seus próprios poderes. E daí, o novo Presidente do Conselho, o actual, aparecer manifestamente investido na posição de número dois do Poder Executivo, tanto mais que (artigo 71.º da Constituição) o Chefe do Estado, só por si, é um dos órgãos da soberania nacional, de cuja exclusiva confiança depende (art.º 112.º) a sua conservação no Poder. O professor de Direito repõe o direito escrito. Toma ele o seu lugar e refortalece a posição do vértice da estrutura constitucional vigente. O discurso de domingo, no fragmento transcrito, encerra esse significado.

RECTÂNGULOS DA VIDA

SÃO CRISTÓVÃO

Todos nós, muitos de nós, pelo menos, recordamos das nossas primeiras leituras sérias, adultas, aquele velho gigante bondoso que, com o menino ao colo, já sem forças, já moribundo, lhe perguntava: «Ó meu menino, onde é a casa de teu pai?» E o menino sempre a responder: «Mais longe, Cristóvão, mais longe». Sempre até ao derradeiro instante — «Ai meu menino, meu menino!» — quando o velho caiu porque a hora da sua morte tinha chegado. «Mas sentiu as suas grossas mãos presas nas do menino, — e a terra faltar-lhe debaixo dos pés. Então entreabriu os olhos, e no esplendor incomparável reconheceu Jesus Nosso Senhor, pequenino como quando nasceu no curral, que docemente, através da manhã clara o ia levando para o céu».

O belíssimo texto de Eça de Queiroz fez-nos conhecer São Cristóvão e fez-nos amá-lo. Não como a um santo de altar, verdade seja, mas como a alguém que encontrámos em novos, no tempo das grandes amizades puras, e que nunca mais podemos esquecer. Ouvimos a mãe perguntar-lhe num grande espanto porque não era ele mais pequenino, andámos com ele pela floresta, fomos na sua companhia gigante particular de fidalguinho caprichoso, ajudámos também fracos e oprimidos. Porque ele «por cidades e campos só buscou, na simplicidade do seu coração, ser útil e bom. Batia á porta das cabanas, perguntava se eram necessários ali dois braços fortes, para todos os trabalhos. Não pedia salário. A côdea menor de pão era a que lhe bastava (...) Se o injuriavam baixava a face humildemente. Se o espancavam, ficava imóvel e quieto sob os golpes. Se o despediam, apanhava o seu bordão e partia suspirando». Se não era ser-se santo!

E não, não era. Provou-se que não era afinal bastante santo para ser universal. A política (no bom sentido, note-se) entrou no calendário, e a velha Europa cedeu lugares ao novo mundo e até ao terceiro mundo. Então os santos menos importantes, os santos mais «duvidosos» também — terão mesmo existido alguns deles? — foram retirados. Entre os desaparecidos, Santa Bárbara (incapaz portanto, ao que parece, de proteger os homens dos raios celestes), São Jorge, o do castelo, São Nicolau, o do Natal das crianças nórdicas. São Cristóvão também, patrono dos viajantes em geral e dos automobilistas em particular.

O nosso velho amigo São Cristóvão, francamente...

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

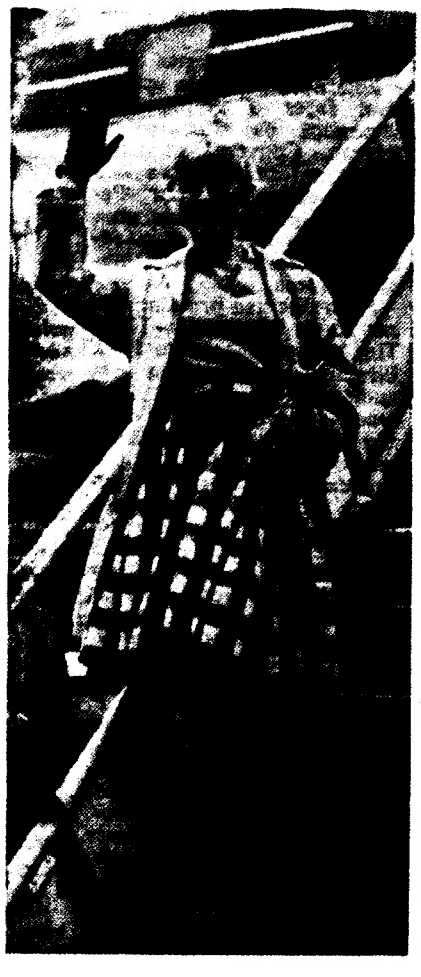
LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE
VAGAS PARA O ANO LECTIVO DE 1969/70
JARDIM INFANTIL — Só para crianças nascidas em 1964.
7.º ANO DO LICEU — alínea a); número reduzido para as restantes.
Av. de Duarte Pacheco — LISBOA — Tel. 61 11 01-2-3

SOB O SIGNO DA MEDIOCRIDADE — 1

Aumentou o número de concorrentes

mas baixou (e muito) o nível da «Rosa de Oiro» de Montreux

MONTREUX — Cada ano que passa, tudo parece indicar que o Concurso de Televisão «Rosa de Oiro» de Montreux vai baixando de nível, e subindo no número de concorrentes e emissões apresentadas «hors concours». Só no que se refere a participação oficial, foi superior o nível: vinte e oito obras apresentadas por vinte e cinco países. Quase outras tantas emissões «hors concours». Algumas estrelas de concorrentes, pois as TV brasileira, grega e israelita quizeram mostrar um ar da sua graça, sem o conseguir, porém. Quanto aos espectáculos de inauguração e de encerramento, nunca foram tão faustosos e concorridos, e excelentes, não obstante o concerto monstro de assobios aquando da entrega de galardões, no espectáculo de gala da Eurovisão. Uma vez mais, a TV lusa esteve ausente e a sua ausencia tornou-se, este ano, notada.



Petula Clark, uma das grandes atracções da «Rosa de Ouro»

Do nosso correspondente na Suíça
FERNANDO DE MACEDO

Tempo maravilhoso nesta Montreux, centro da Riviera helvética. A presença de estrelas da Rádio, do Cinema, e da Canção animou o ambiente, e, por vezes, foi mais espectacular e mais interessante do que o próprio Festival. Assim, no periplo da sua viagem de nupcias, ou antes, no prolongamento da sua viagem de nupcias, como quis insistir, o beatle Lennon, perdão, Ono, fez uma rápida descida a Montreux, com Yoko Ono, sua mulher, e cujo nome, entretanto, adoptou como seu. Ambos, completamente de branco vestidos... O casal e o sol brilharam e deram calor á monotonia das sessões. Conferência de Imprensa anunciada e anulada — vazia ficou a sala de projecção, que Concurso há todos os dias, mas o beatle e a cara-metade um apenas... Essa Conferência de Imprensa por fim veio a realizar-se, após um dia de perseguição e de um jogo de escondidas, em que o novel casal parece ter sido quem mais se divertiu. Nada se disse, afinal, pelo menos nada de concreto ou profundo. Defesa do programa com que a Austria concorre, e que foi realizado por Lennon. Em todo sério, o sr. Ono declarou que o «seu» programa era o melhor de quantos apresentados, embora não fosse ganhar qualquer prémio... Injustiça. A previsão confirmou-se, pois seria escandaloso acontecer o contrário. Palavras, palavras: que o dito programa é avançado demais para o publico actual... Que ele, Lennon, aliás Ono, é rico, imensamente rico, e ninguém tem nada com isso, que adora a sua Yoko (um metro e 50 de altura e 42 quilos de peso)... Tudo quase monólogo, com adelmas da esbelta nipónica. Tudo um pouco confuso — talvez em razão das frequentes interrupções dos caçadores de autógrafos, dos quais nem um unico foi arredado pelo beatle barbudo e alvi-vestido. Casal simpático, ao fim e ao cabo. E assaz comunicativo, após o jogo das escondidas a que submeteu os jornalistas todo um santo dia.

PARA O MAU HUMOR, A LÍNGUA INGLESA...

Tipo completamente distinto, é Petula Clark. Além de participar nas «galas» de inauguração e de entrega de prémios, tirou á sorte a ordem por que os programas iriam ser projectados. Outra «estrela» famosa, simpática, e modesta. Elegantemente vestida no «show» de abertura, com calças e tunica azuis marinho, e «chemisier» rosa-encarnado, a sua presença foi cativante; e foi a sua «presença de espirito» e radiante simpatia que salvou a gala de distribuição de prémios, em que cantou e distribuiu as «Rosas».

Ao fim e ao cabo, não teve culpa da escolha feita pelo Juri. Rodeada por suas filhas, Barbara, de 6 anos, e Catarina, de 5, Petula não deixava de conversar com os jornalistas, mas sem deixar comprometer-se com «declarações». Sempre falando francês, excepto quando de mau humor, momentos raros em que regressa ao seu idioma materno, o inglês. Mas sempre «twenty». Petula...

E vinte foi o numero dado a «O Samba... começou assim»; e, assim, recém-chegada á «Rosa» de Montreux, tocou á TV brasileira tocar o Samba e contar a sua história a um publico europeu na sua quase totalidade. De autoria e realização de Maurício Shermann, em preto e branco, este «show» apresenta em pouco mais de meia hora, a lenda do nascimento do samba. Emissão turistica, sem nada de novo, nem mesmo o samba, e sem grandes anseios, a não ser estar presente, e atrair turistas. O Rio estava presente, porém, embora sem as favelas. Ao Brasil, e ao samba, seguiu-se o... Tango, da TV italiana. Programa ainda mais histórico-sentimental, com Milva cantando durante quase uma hora. Este «one woman show» saturou pela sua lentidão e langor. E tornou-se notado pela sua mais que mediocridade, facto anormal para uma emissão transalpina.

E os vinte e oito espectáculos — a que se deve juntar os «hors concours», foram-se sucedendo-se, nesta semana que durou o concurso de Montreux. Dalguns desses programas nem vale a pena escrever, pois nem sequer devertam ter sido projectados, ou até realizados. Por isso, limito-me a descrever, a traços largos, os melhores e alguns dos menos bons, desses que ganharam prémios, por vezes mais por razão de Diplomacia ou de Geogra-

(Continua na 12.ª pág.)

A sueca psicadélica teve, este ano, enorme repercussão com o espectáculo inglês de excepcional qualidade «Flair». Os chineses marcaram a sua presença não apenas na tela, mas na plateia também

Em três linhas

Foi aprovado o regulamento do Prémio Escolar Joaquim José Delgado, no valor de 21 700$00 e destinado a crianças do ensino primário da cidade de Chaves.

///

Vai ser lançada em circulação, cumulativamente com os que estão em rigor, uma emissão de selos de franquia postal comemorativa do 2.º centenário da Imprensa Nacional.

///

Foi constituída uma nova sociedade produtora de filmes de que são sócios os srs. Fernando Humberto Costa, Jaime Baptista Duarte de Brito e Luís Fernando de Vasconcelos do Couto e que recebeu a denominação de «Interfilme, Produções Cinematográficas, Lda.».

CONSTRUÇÃO DE CASAS (POR EMPRÉSTIMOS DA PREVIDÊNCIA) EM VILA FRANCA DE XIRA

VILA FRANCA DE XIRA, 15 — A convite do presidente da Camara Municipal, a Missão de Acção Social do Ministério das Corporações prossegue na sua actividade neste concelho, funcionando nas instalações cedidas pela Camara, na Avenida Pedro Vitor, 90, onde ás segundas-feiras, das 15 ás 18 horas, atende os trabalhadores interessados na construção ou aquisição de casas com empréstimos da Previdência.

Nas instalações da Metal Portuguesa, Lda., Castanheira do Ribatejo, decorrem colóquios de divulgação, especialmente dedicados aos operários desta empresa, interessados na resolução do seu problema habitacional.

■

Haverá, também, no sábado, ás 21 horas, na Casa do Povo de Vila Franca de Xira, um colóquio de divulgação da lei ao qual assistirá o presidente da Camara.

Esse colóquio é destinado especialmente aos trabalhadores rurais.

■

Os colóquios da Metal Portuguesa prosseguirão na Ecril — Empresa de Concentrados de Tomate do Ribatejo, em Castanheira do Ribatejo, e nos Nitratos de Portugal, em Alverca do Ribatejo, onde a actuação da missão se alongará pelo tempo necessário.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 15 — (A. N. I. e L.) — Foi distribuido o Boletim Informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 5 a 11 do mês de Maio corrente, o qual é do seguinte teor:

«Durante o período o inimigo flagelou a povoação de Feninque (Tite) e os aquartelamentos de Cabuca, Guileje e Cufar; implantou engenhos explosivos na estrada de Buba-Aldeia Formosa e nas regiões de Samba Sabali (Buba), Biesasema (Tite), Bijope (Cacheu) e Jegus (S. Domingos); emboscou as nossas tropas nas regiões de Sare Uso, Oeste de Ponta Nhaga (Jol), Rio Fulacunda, Aldeia Formosa e Cob.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu:

Na região de Flaque Indegueté (Tite), um capturado; na região de Cabanta (Jol), seis mortos; em Bafatandim (Oio), três mortos, e a apreensão de armamento; na região de Nhaga (Jol), 6 mortos, um capturado e a apreensão de armamento; na região Oeste de Catora (Pelundo), um morto; na região de Burné (Cacheu), um morto; na região a sul de Pecé (Jol), dois mortos; na península de S. Vicente cinco mortos; a sudoeste de Pelundo um capturado.

Nas vias fluviais foram destruídos meios de transposição.

No conjunto das acções levadas a efeito foram recuperados quatrocentos elementos da população que voluntàriamente se acolheram á protecção das nossas forças em operações, na ansia de se subtrairem ás acções terroristas do inimigo.

Durante o período o inimigo sofreu vinte mortos e quatro capturados.

As nossas forças sofreram um morto em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos da Informação.»

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Moçambique, o furriel miliciano n.º 0244266, Aurélio Almeida Santos. Também em Moçambique morreu em combate o furriel miliciano n.º 03272466, Carlos Alberto Farias Silva Graça, e ainda o soldado n.º 11026367, Vitor Manuel Bandeira Quaresma.

Por que não ter filhos cedo?

Qual a melhor época para se ter filhos? Aos vinte anos? Aos trinta?... Um especialista aponta factos muitas vezes esquecidos pela maioria dos casais. Leia o artigo em Selecções de Maio, já à venda, numa distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

APARTAMENTOS

ALUGAM-SE

Mobilados, todo o conforto, c/ utensílios e roupas, ao mês, época ou ano, na linha do Estoril, junto à praia. Telef. 2 47 30 98.

Reposição no Variedades: «A Rainha do Ferro-Velho»

Pois, pois! «A Rainha do Ferro-Velho». Uns dias em Lisboa, antes de ir para a Africa. Lá, então, vai ser uma «canja». E das boas. Que a Laura Alves continua a ser, para o Teatro, a «galinha dos ovos de ouro...»

Pois, pois! «A Rainha do Ferro-Velho». Mas ainda bem: «A Rainha do Ferro-Velho!»

Com tudo o que teve para a América do fim da guerra, a peça ainda sobra para o nosso publico. Comunica. Sugere. Ilustra. Conta á boca-grande o que, diàriamente é repetido no coro da boca-pequena. Tem a força de não desprezar as palavras fortes. Nem sequer as interditas. «A Rainha do Ferro-Velho» anda para ai a chamar algumas coisas pelo seu nome. Sobre outras, abre em cada espectador, uma perspectiva de esperança. Diz que o mundo é assim, mas, um dia, há-de deixar de o ser. E o homem da plateia gosta de ouvir isto, mesmo que, pelo seu lado, faça tudo ao invés...

«Ora, ora» — dizem, e têm razão, os que vão lá e apenas se riem. Mas mesmo esses recebem, cara-a-cara, numa linguagem que não desconhecem, um cartão com uma frase, que sempre lhes vai dizendo alguma coisa: «*to it may concerned*». (Não é bem isto, mas é quase: «*a quem possa interessar.*» E, depois disto, que mal está em que se riam para diante — ou mesmo para os lados.

Doutro modo, todos gostam de ver uma grande fortuna trocada por miudos. E, troco-por-troco, o ricaço ferro-velho é um hmem que só tem dinheiro, que é o que, muitas vezes, tem quem não tem mais nada. Como já tinha dado por isso o repórter (Rui de Carvalho), acabam por o saber a sua «boneca» (Laura Alves) e, numa visão mais sombria, o advogado que se avençou á burla (Canto e Castro). Que preciosos papeis! Que notável desempenho!

Mas tenhamos uma palavra de respeito pelo protagonista (Tomás de Macedo). Sem a sua criação (talvez, a melhor de sempre, desde que, do Cinema se passou para o Teatro) as outras figuras ficaram vazias ou, pelo menos, despropositadas. Para não ir mais longe: sem a violência que o Tomás imprime á «tareia» do segundo quadro, Laura não podia ter humanizado tanto a sua figura de humilhada. Nem ter dado abertura para a cena do Canto e Castro — aquela mesmo em que ele atira sobre si próprio a ultima pedrada na peça. Digamos: no charco.

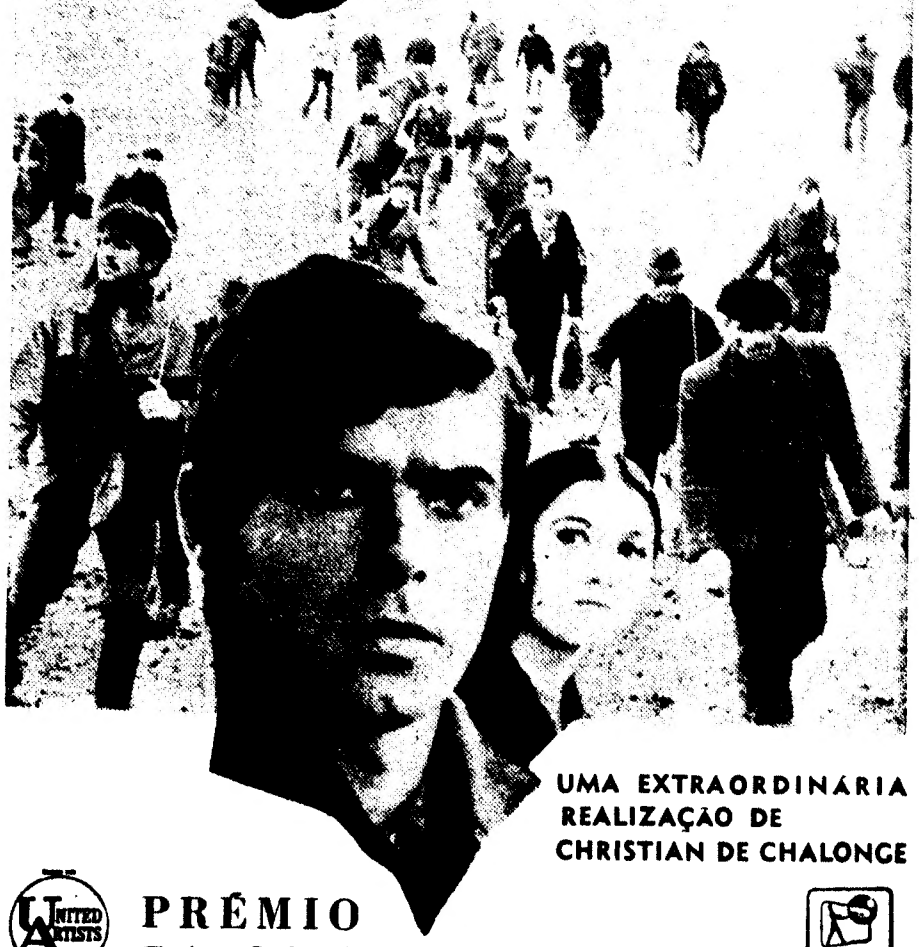
Para não enganar ninguém, não queriamos apenas falar do texto e da interpretação, mas, a verdade, é que a encenação não vai além do débito de palavras, então, para quê, perder, com isso, ainda outras palavras?

TAVARES da SILVA

TRUFFAUT NO ABC CINECLUBE

Mais uma sessão do ABC Cineclube de Lisboa, a 737.ª, está marcada para amanhã (18 e 40) no Cinema Lys. Será exibido o clássico de François Truffaut, «Os quatrocentos golpes».

Teatro Capitólio
Tel 320379
Últimas representações
HOJE AS 21.45 HORAS
O original português de Nuno Moniz Pereira
A ESFERA FACETADA
M/ 17 anos
Domingo-Tarde ás 16 horas

estudio 444
APRESENTA EM
3.ª SEMANA
O SALTO

UMA EXTRAORDINÁRIA REALIZAÇÃO DE CHRISTIAN DE CHALONGE
UNITED ARTISTS
PRÉMIO DA OCIC
Adultos
RANK FILMES

O VERDADEIRO, O AUTÊNTICO OSS 117 VOLTA NUM GRANDE FILME DE ESPIONAGEM!
NADA DE ROSAS PARA OSS 117

UMA AVALANCHE DE SITUAÇÕES «PERIGOSAS» E «DIFÍCEIS» RESOLVIDAS POR PROCESSOS «ENERGICOS» E «INÉDITOS»
John Gavin ● Curd Jurgens
Margaret Lee ● Robert Hossein
REALIZAÇÃO DE ANDRE HUNEBELLE
FILMES LUSOMUNDO
HOJE
ESTREIA «SUSPENSE»
ADULTOS
TECHNICOLOR
POLITEAMA

Depressa, tome Rennie!
O SEU EXTINTOR DE BOLSO

Indigestão, azia, excesso de ácidos...
Você sente o estômago a arder!
Depressa! Uma pastilha Rennie
e apague **imediatamente** esse ardor!
Rennie não precisa de água
e tem agradável sabor!
Uma segunda Rennie,
dissolvida lentamente na boca,
assegura-lhe um alívio mais duradouro!
Rennie
Força digestiva!

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- O empresário José Miguel pensa organizar uma grande companhia de revistas para a próxima época de Inverno. Do elenco farão parte, entre outros, os artistas Anabela, Badaró, Carlos Coelho, José de Castro, etc.
- Os artistas Eunice Muñoz e Fernando Gusmão principiam dentro de dias a ensaiar uma nova peça.
- É muito provável o ingresso no teatro da mulher do jovem actor Vasco Morgado Junior.
- Ultimam-se os preparativos para a estreia de nova peça no Teatro da Estufa Fria.
- O artista Fernando Farinha tem como acompanhante o violista Nicolau Neves e o guitarrista Manuel Mendes.
- Já regressou da Dinamarca a artista Teresa Tarouca.
- A artista Isaura Alice de Carvalho também participa no festival a levar a efeito no Estádio José Alvalade por ocasião das «Vinte e quatro horas de Lisboa», em ciclismo.
- Encontra-se a actuar no «Timpanas» a cantadeira Tina Santos.
- Foi posto á venda um novo disco do artista Jorge Lima.

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

MAORI HAKAS
famoso conjunto neozelandês

FINN JON ilusão e fantasia
TEREZA SILVA CARVALHO
e directamente da Broadway

ÇA C'EST L'AMOUR

produção de
PIERRE FRANCK PERRY MC CANN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
FERRER TRINDADE e sua orquestra

JIRINA'S COMBO

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

LADY CHINCHILLA
só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e às 21.30
O BOM, O MAU E O VILÃO
(M. 17 anos)

O «Wonder Bar» está hoje reservado para um jantar das Indústrias Metálicas Previdente (Conference Civab). Os clientes habituais serão servidos no Grande Salão-Restaurante

CASA DE COMÉDIA
(Janelas Verdes)
Às 22 h.
STRINBERG
DANÇA DA MORTE
(Trad. R. Alberty)
CARMEN DOLORES
AUGUSTO FIGUEIREDO
E
ALVARO BENAMOR
Direcção: Jorge Listopad
Cenário: António Botelho
Marcações pelo telefone 677299

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
Hoje, dia 15, às 21.30
Última récita da ópera
TRAVIATA
de VERDI
Pela Companhia Portuguesa de Ópera
Maiores de 12 anos
Dia 17—4.ª Récita da ópera «Bodas de Fígaro», de Mozart

DEAN MARTIN
O jogador que não temia balas nem mulheres!
ROBERT MITCHUM
O prégador que desafiava o céu e o inferno!

A PARAMOUNT APRESENTA UMA PRODUÇÃO DE HAL WALLIS

O PREÇO DE 5 JOGADORES
(FIVE CARD STUD)

MAIORES DE 12 ANOS
INGER STEVENS · RODDY McDOWALL · KATHERINE JUSTICE · REALIZ. DE HENRY HATHAWAY
ARGUM. DE MARGUERITE ROBERTS · DO ROMANCE DE DANIEL · MÚSICA DE MAURICE JARRE · TECHNICOLOR E UM FILME PARAMOUNT

AMANHÃ GRANDE ESTREIA NO EDEN

À ATENÇÃO DO PÚBLICO

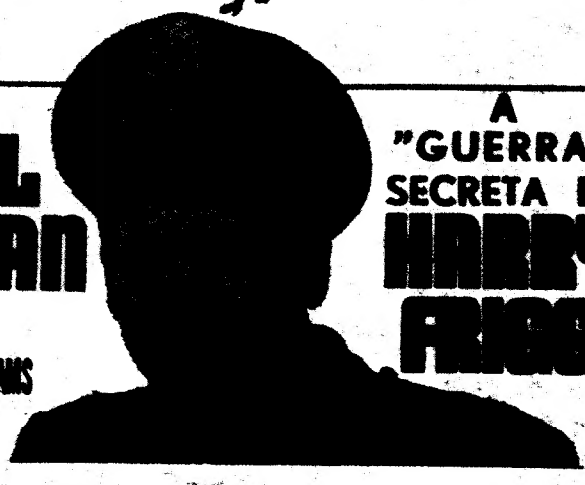
Em complemento deste programa, a Gerência deste Cinema orgulha-se de apresentar o documentário colorido

APOLO 8 – JORNADA À VOLTA DA LUA

Espantosa viagem dos cosmonautas Frank Borman, William Anders e James Lovell e as extraordinárias imagens obtidas na sua maravilhosa verdade, só conseguidas pelas camaras cinematográficas.

Este documentário é um rigoroso exclusivo da PARAMOUNT, por direitos cedidos pelo U. S. Information Service.

Eram uma vez cinco Generais "dentro"... e um magala fora... O problema era tirar os generais de "dentro" para fora... e evitar as armadilhas lançadas por uma bela condessa!



PAUL NEWMAN
SYLVA KOSCINA
TOM BOSLEY · ANDREW DUGGAN · JOHN WILLIAMS · WERNER PETERS · JAMES GREGORY
Realização de JACK SMIGHT
TECHNICOLOR SCOPE

A "GUERRA" SECRETA DE HARRY FRIGG

UNIVERSAL FILMES LUSOMUNDO
Maiores de 12 anos
Amanhã GRANDE ESTREIA
CINEMA MUNDIAL

Artes plásticas

Miguel Arruda nas Belas Artes

A inauguração da exposição de esculturas de Miguel Arruda, na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes, anunciada para amanhã, é transferida para sábado, às 18 horas.

Espiga Pinto na Galeria 111

Amanhã, às 18 horas, na Póvoa Grande, será inaugurada uma exposição de trabalhos do pintor Espiga Pinto.

Exposição de Máscaras e Gravuras

VISEU, 15. — No sábado, às 18 horas, nos salões da Biblioteca Municipal (Casa Amarela), será inaugurada Livraria-Galeria 111, no Camuma exposição de máscaras e gravuras, da autoria do casal brasileiro Vasco Prado-Zaróvia Bettiol, que, de passagem por esta cidade, aqui nos revelaram os seus trabalhos artísticos cheios de interesse.

RECINTOS DE DIVERSÕES

* O pianista Eugénio Pepe deve deslocar-se ainda este ano ao Brasil.
* Estreou-se na Tipóia a cantadeira Beatriz da Conceição.
* Deve verificar-se, no próximo dia 24, a estreia, em Buenos Aires, do artista Tristão da Silva.
* Continua a actuar na Senzala a cançonetista Lenita Gentil.
* A artista brasileira Dercy Gonçalves pensa apresentar em breve nas principais cidades do País um «show» com que habitualmente se apresenta na TV brasileira

PRÉMIO D. JOÃO II

Está aberto o prazo para entrega das obras concorrentes ao Prémio D. João II, relativo ao biénio de 1968-69, instituído pela Agência-Geral di Ultramar e que se destina a galardoar o melhor estudo sobre o tema «Unidade Nacional».

O valor do prémio é de 50 000 escudos, podendo concorrer os autores que apresentem obras impressas (19 exemplares) ou dactilografadas (três exemplares), escritas em Português, com um mínimo de 200 páginas, de 25 linhas cada, excluindo-se da contagem transcrições ou

O prazo encerra-se em 30 de Setembro

A CRIAÇÃO DA «CASA DO ESCUTA»

Antigos escutas e amigos do Escutismo são convidados a colaborar com o Corpo Nacional de Escutas na sua campanha pró-Casa do Escuta

Qualquer ajuda ou sugestão poderá ser enviada para: Chefe do Agrupamento XLVII do C. N. E., Largo do Chiado, 15 Porta A — Lisboa.

HOMENAGEM À MEMÓRIA DE UM VIANENSE

VIANA DO CASTELO, 15. — Um grupo de individualidades prestou homenagem á memória do dr. Armando da Silva Rangel, numa romagem ao seu túmulo no Cemitério Municipal, onde foram colocadas flores.

Usou da palavra o sr. dr. António Ribeiro da Silva, que fez o elogio do ilustre vianense.

P.ª Homenagens

A um dirigente regionalista

Por iniciativa da Casa da Comarca de Arganil, foi ali homenageado com um almoço, o seu antigo dirigente, sr. dr. Leonel J. Carvalho, a quem foi entregue a medalha de prata da colectividade, pelos serviços prestados.

ESTA NOITE...
DESCONTRAIA-SE!... E MARQUE ENCONTRO NO SÃO JORGE
COM UMA SEDUTORA... OUSADA... E DIVERTIDA AVENTURA!!!

MELVIN FRANK apresenta
BOA NOITE SENHORA Campbell
(BUONA SERA, Mrs. CAMPBELL)
com
GINA LOLLOBRIGIDA
SHELLEY WINTERS · PHIL SILVERS · PETER LAWFORD e TELLY SAVALAS
WALTER BRADDOCK
e com
LEE GRANT · JANET MARGOLIN · MARIAN MOSES · PHILIPPE LEROY em Vittorio
Prod. execut. e C. O. ERICKSON
argum. de MELVIN FRANK, DENNIS NORDEN e SHELDON KELLER

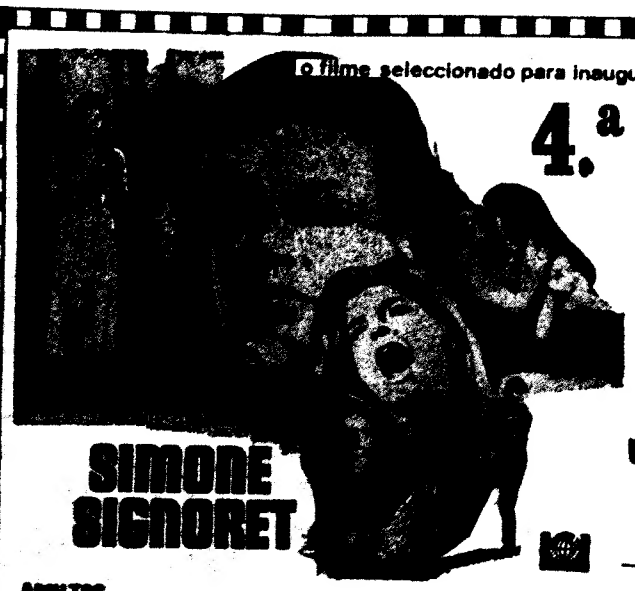
SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK
ADULTOS
TECHNICOLOR United Artists

APRESENTA HOJE ÀS 21.30 UMA COMÉDIA
QUE VAI DAR QUE FALAR!

Em complemento: A notável realização de HECTOR J. LENIEUX
«A FROTA BRANCA», «THE WHITE SHIP»
Produção: «THE NATIONAL FILM BOARD OF CANADA»

Maria Vitória
HOJE ÀS 20,45 E ÀS 23 HORAS
● A SENSACIONAL REVISTA
● MÃOS À OBRA! ●
O TRIUNFO de UM GRANDE ELENCO, com
SALVADOR ● VIANA
MARIEMA
MAX ● ANITA ● DORA ● VITOR MENDES ● HELENA CARDINALI ● MARIANO FRANCO ● VITOR ESPADINHA e a atracção MAY AVRIL com ALBERTO GRAZIANO
● DOMINGO, «Matinée», às 16 ●
ADULTOS

MARIEMA no «Decorador»



O filme seleccionado para inauguração da mais moderna casa de espectáculos de Lisboa
4.ª SEMANA DE GRANDE EXITO DE UM FILME EXCEPCIONAL
JOGOS PERIGOSOS
JAMES CAAN · KATHARINE ROSS
SIMONE SIGNORET
UNIVERSAL — SONORO FILME
TECHNICOLOR
ADULTOS
VOX
Av. Frei Miguel Contreiras
Tel. 726808

VIDA MUSICAL

A Orquestra de Viena inaugura o Festival Gulbenkian de Música

A Orquestra Filarmónica de Viena (o mais famoso agrupamento sinfónico europeu e um dos melhores de todo o mundo) — vem inaugurar o XIII Festival Gulbenkian de Música em Lisboa, efectuando dois concertos, amanhã e no sábado, ás 21 e 30, no Coliseu dos Recreios. Dirigida pelo maestro italiano Claudio Abbado, a Orquestra interpretará obras de Haendel Webern, Berlioz e Brahms na primeira noite, e de Schubert, Alban Berg e Beethoven, na segunda.

Para se fazer uma ideia da importância de que se reveste a apresentação da Orquestra de Viena, bastará referir que esta goza actualmente de um prestígio impar, devido não apenas á extraordinária qualidade das suas interpretações mas também á sua tradição cultural. Pode, na verdade, dizer-se que a história deste agrupamento é inseparável da própria história da música europeia, de meados do século XIX até aos nossos dias. Fundada em 1842, a Filarmónica de Viena tem tido sucessivamente, como regentes titulares ou convidados, alguns dos nomes mais célebres da música: compositores como Wagner, Verdi, Gustavo Mahler e Ricardo Strauss, maestros como Hans Richter, Clemens Krauss, Wilhelm Furtwaengler, Karl Böhm, Bruno Walter e Herbert von Karajan.

As esperanças do cinema inglês para o Festival de Cannes estão postas no filme «77», de Lindsay Anderson, que está a fazer sucesso em Londres. A acção decorre, inteiramente, num internato masculino

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em Português — «Nada de rosas OSS 117».
Realização — André Hunebelle.
Intérpretes — John Gavin, Margaret Lee, Robert Hossein e Curt Jurgens.
Género — Aventura.
Distribuição — Filmes Luso Mundo.
Processo — Normal a preto e branco.
Classificação — 17 anos.

No São Jorge

Título em português — «Boa Noite Senhora Campbel».
Título original — «Buona sera Mrs. Campbel».
Produção — Italiana.
Realização — Melvin Frank.
Intérpretes — Gina Lollobrigida, Sheley Winters, Phil Silvers e Peter Lawford.
Género — Comédia.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Technicolor.
Classificação — 17 anos.

+ ACTUALIDADE religiosa

Trinta especialistas na Comissão Teológica Internacional do Vaticano

No seu último discurso ao Consistório, o Papa Paulo VI anunciou a constituição da comissão teológica internacional que fora recomendada pelo Concílio e, em particular, pelo Sínodo Episcopal de 1967.

«*A Santa Sé*, disse o Papa, *poderá beneficiar deste modo do concurso especial de teólogos especialistas, escolhidos nas diversas partes do mundo, e a proveitar intercâmbios mais amplos e variados, para o aprofundamento e a salvaguarda da fé, quer dizer para a aplicação e a manutenção da verdade revelada*».

Este organismo, acrescentou Paulo VI, terá de «*enfrentar o estado actual de coisas, aumentando as investigações e os estudos teológicos (especialmente no respeitante às novas questões que o desenvolvimento das ciências e as tendências da mentalidade moderna apresentam), assim como de compreender, com rectidão e da melhor maneira, a doutrina católica*».

As notícias provenientes da Cidade do Vaticano ainda não deram a lista completa dos teólogos escolhidos, mas «La Croix» de 30 de Abril cita os nomes dos trinta teólogos que dela serão membros e que representam dezoito países.

Eis a lista oficiosa:

— *Cinco franceses:* os padres Bouyer, oratoriano; Congar, dominicano; Feuillet, sulpiciano; Le Guillou, dominicano; Lubac, jesuita;

— *Quatro alemães:* os padres Rachner, jesuita; Ratzinger, Schnackeburg (Oeste) e Schuermann (Leste);

— *Três latino-americanos:* os padres Gera (Argentina), Medina (Chile) e Roxo Mascarenhas (Brasil);

— *Dois americanos:* os padres Ahern e Burghardt, jesuitas;

— *Dois suiços:* os padres Urs von Balthazar e Feiner;

— *Dois belgas:* mons. Delaye e Philips;

— *Dois holandeses:* os padres Lescramawamt e Maltha, dominicanos;

— *Dois italianos:* os padres Carlo Colombo e Vagaggini, beneditinos;

— *Dois asiáticos:* os padres Khalifé, maronita (Líbano) e Nemesgyi, jesuita (Japão);

— *Um africano:* mons. Tshibagu (Congo-Kinshasa), reitor da Universidade Lovanium;

— *Um austríaco:* o padre Lakner, jesuita;

— *Um canadiano:* o padre Lonergan, jesuita;

— *Um espanhol:* o padre Gonzalez de Cardebal;

— *Um jugoslavo:* o padre Sagi-Bunic, capuchinho;

— *Um polaco:* o padre Olejnik.

O nome do presidente desta comissão não é conhecido; nota-se, no entanto, que o nome do padre Carlo Colombo (italiano) figurava à cabeça da lista original e é reputado como um dos «teólogos» do Papa. Mas é possível que seja ao cardeal Daniélou que caiba esta função de animador.

A França e a Alemanha têm maior número de teólogos. Alguns lamentarão a ausência do padre Chenu, cuja irradiação é muito notada. Os padres Congar e de Lubac encontram, naturalmente, um lugar nesta lista. Notemos, por outro lado, que o padre Le Guillou dirige actualmente o Instituto Superior de Estudos Ecuménicos (Instituto Católico de Paris) enquanto ao padre André Feuillet, sulpiciano, especialista de Sagrada Escritura, recorda-se que dirigiu a publicação duma obra de introdução à Bíblia, na altura (1958) severamente criticada pelo Vaticano, pois Roma pedira algumas modificações para que o livro deixasse de ser proibido como manual nos seminários.

Se o padre Rahner se encontra na lista, o mesmo não acontece para o abade Hanns Küng (Suiça) nem com o padre Schillebeeckx, teólogo do episcopado holandês. Quanto ao padre Maltha, é conhecido pelas suas opiniões conservadoras e intervém frequentemente nas sessões do concílio pastoral holandês, tomando uma posição conservadora.

A representação do «terceiro mundo» é relativamente ampla. Salienta-se, por fim, que a Itália ocupa um lugar discreto, porquanto a comissão só inclui dois teólogos deste país.

H. F.

EXCLUSIVO «LE MONDE»-«DIÁRIO DE LISBOA»

OS CARGUEIROS DA VARIG SÃO ARMAZENS QUE VOAM

A VARIG TEM BOEINGS 707, OS GRANDES JACTOS DAS LINHAS INTERNACIONAIS, A TRANSPORTAR APENAS CARGA. UM SERVIÇO EXCLUSIVO. DESDE O 1º DE MAIO DE 1969. 45 TONELADAS DE CAPACIDADE POR AVIÃO. NAS ROTAS DA EUROPA, DA AMÉRICA DO SUL, ATÉ PARA O JAPÃO. CARGA PALLETIZADA, ACOMODAÇÃO PERFEITA, PERFEITO PLANEJAMENTO. CARGA AÉREA: VARIG. INFORME-SE. CONSULTE O SEU AGENTE DE CARGA.

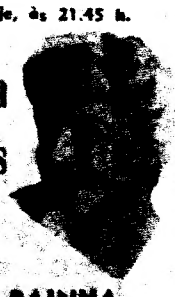
VARIG
Linhas Aéreas Brasileiras

VARIEDADES

Hoje, às 21.45 h.
Adultos

Laura Alves

NA CÉLEBRE PEÇA



A RAINHA DO FERRO-VELHO

com RUI DE CARVALHO no clássico (por ordem de entrada em cena) Rui de Carvalho, Angela Ribeiro, Carlos José Teixeira, João Mota, Laura Alves, Curto e Castro, Vasco Morgado Jr., Aldo Pinto, Joaquim Miranda, Manuela Maria e no protagonista Tomás de Macedo

9 ÚNICOS DIAS

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar **exclusivamente para si** UM NOVO SEGURO DE VIDA adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente GRÁTIS e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME_____

ENDEREÇO_____

"AO SEU SERVIÇO"

IMPÉRIO

a sua seguradora

Actualidade internacional

Nova guerra no Médio Oriente? (1)

O presidente Nasser afirmou já que, a bem ou a mal, os territórios ocupados por Israel desde a «guerra dos seis dias», serão recuperados pelo Egipto. De facto, com o agravamento da situação em todas as frentes—Canal de Suez, Golan e Jordania — tudo parece indicar que uma nova e talvez mais violenta confrontação está iminente. Só um acordo dos «quatro grandes» poderia evitar que essa confrontação se verificasse. Mas isso é cada vez mais vago.

Para melhor se compreender o que se tem passado no Médio Oriente desde a ultima guerra, publicamos hoje uma cronologia dos principais eventos.

VINTE E DOIS MESES DE «IMPASSE»

1967

— 5-10 de JUNHO: guerra de seis dias. No final de uma campanha relampago contra a R. A. U., a Jordania e a Siria, as forças israelitas ocupam o Sinai, a Cisjordania e os montes Golan. O cessar-fogo incondicional, pedido por votação unanime do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 6, é aceite em 7 pela Jordania, em 8 pela R. A. U. e em 9 pela Siria. A U. R. S. S. rompe as relações diplomáticas com Israel, seguida pela Checoslováquia, Bulgária, Polónia, Hungria e Jugoslávia.

— 19 de JUNHO-21 de JULHO: sessão da Assembleia Geral da O. N. U. convocada a pedido da U. R. S. S. Nenhuma das quatro moções apresentadas obteve a maioria requerida de dois terços. A Assembleia adia os trabalhos «sine die» sem resultado, com excepção de uma resolução condenando a anexação de Jerusalém por Israel (efectuada em 27 de Junho).

— 10 de JULHO: o Conselho de Segurança autoriza o estacionamento de observadores da O. N. U. nas duas margens do Canal de Suez.

— Chegada de doze navios de guerra soviéticos a Port-Said. Início da penetração naval soviética no Mediterraneo.

— 28 de AGOSTO: conferência em Cartum de oito chefes de Estado e de representantes de mais cinco países árabes, com excepção da Siria. A conferência decide o recomeço dos fornecimentos de petróleo aos países ocidentais e a concessão á R. A. U. e á Jordania, pelos principais países produtores, de auxilio financeiro. Os participantes comprometem-se a não reconhecer, não negociar e não concluir a paz com Israel. Na Jordania ocupada, a organização palestiniana El Fatah retoma, no fim de Setembro, as suas actividades terroristas.

— 22 de NOVEMBRO: o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprova por unanimidade a resolução britanica como programa de solução do conflito. No dia seguinte, U Thant designa Gunnar Jarring, embaixador da Suécia em Moscovo, como seu enviado especial ao Médio Oriente, encarregado de pôr em execução esse programa.

— DEZEMBRO: instalado em 10, em Nicósia (Chipre), Jarring tenta em vão resolver o problema do desembaraço dos quinze navios bloqueados no Canal de Suez.

1968

— FEVEREIRO-MARÇO: Jarring tenta decidir os árabes e israelitas a delegar representantes ao seu quartel-general de Nicósia, a fim de entabolar conversações. O projecto, que Israel aceita em 26 de Fevereiro, cai em 8 de Março perante a hostilidade da R. A. U.

— 22 de NOVEMBRO: o Governo egipcio dá a saber que receberia favoràvelmente uma conferência das quatro grandes nações para uma solução da crise.

— 4-12 de DEZEMBRO: Scranton, enviado especial do presidente eleito Nixon, efectua uma viagem de informação ao Médio Oriente.

— 11 de DEZEMBRO: o Conselho de Ministros francês pronuncia-se novamente por uma concertação das quatro grandes nações.

— 21-24 de DEZEMBRO: viagem de Gromyko ao Cairo. No seu regresso á U. R. S. S. fará chegar aos Governos interessados um memorando propondo um calendário para a solução da crise.

— 26 de DEZEMBRO: o atentado perpetrado em Atenas contra um avião «Boeing» da companhia israelita El-Al e o «raid» sobre o aeroporto de Beirute (28 de Dezembro), que Israel efectua como represália, reavivam a tensão.

1969

— 6 de JANEIRO: a França impõe o embargo a todos os fornecimentos de armas com destino a Israel.

— 7 de FEVEREIRO: os representantes das quatro grandes nações na O. N. U. começam uma série de conversações bilaterais destinadas a preparar a concertação a quatro.

— 3 de ABRIL: primeira reunião em Nova York dos representantes dos Quatro.

Possíveis represálias egípcias contra Israel

CAIRO, 15 — (A. N. I.) — O Governo egipcio estudou as possiveis medidas de represália a adoptar contra Israel na sequência da tentativa feita ontem por tropas israelitas de atravessar o Canal de Suez em barcos de borracha — afirma-se em circulos diplomáticos ocidentais do Cairo.

Contudo, segundo os mesmos circulos, espera-se que o Governo de Nasser actue muito cautelosamente.

As forças egipcias repeliram os israelitas transportados em três barcos de borracha quando tentavam cruzar o Canal de Suez para atacarem áreas residenciais, perto de Port Said — disse um informador militar egipcio.

Acrescentou que um dos barcos foi afundado e outro atingido, ignorando-se porém se os israelitas tiveram baixas.

Entretanto, dois jornais do Cairo, «Al Gomhouria» e «Al Khabar», dizem que Israel está a concentrar «enormes efectivos» de tropas para ataques contra as forças árabes na área do Canal de Suez, na Jordânia e na Siria, e ainda contra bases dos guerrilheiros.

Os mesmos jornais acrescentam que esses ataques serão desferidos «num futuro próximo».

ATENTADOS NO 21.º ANIVERSÁRIO DE ISRAEL

TEL-AVIV, 15 — (R.) — Ficaram hoje feridas pelo menos 36 pessoas na parte de Gaza ocupada pelos israelitas e em Jerusalém, em consequência de terem sido lançadas várias bombas.

GREVE DOS ARABES

JERUSALÉM, 15 — (F. P.) — As forças de segurança israelitas entraram de prevenção devido á greve que os árabes estão a fazer nas escolas e nalguns estabelecimentos comerciais de Jerusalém Oriental, no vigésimo primeiro aniversário da fundação de Israel.

PROSSEGUE A GREVE NO «FIGARO»

PARIS, 15 — (F. P.) — Os jornalistas do «Figaro», reunidos ontem á noite em assembleia geral, decidiram prosseguir a greve.

Os jornalistas entendem não ter recebido dos proprietários do jornal as garantias que reclamavam e consideram inaceitáveis as últimas propostas que lhes foram feitas. Hoje, haverá uma nova assembleia dos redactores, para estudar a situação.

PELÉ VAI PAGAR AO FISCO 1200 CONTOS

SÃO PAULO, 15 — (F. P.) — O brasileiro Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido por Pelé, é um dos maiores contribuintes do Brasil. Este ano, deverá pagar ao fisco 160 000 cruzeiros, ou seja 1200 contos aproximadamente.

Esta quantia é aplicada não só sobre o que Pelé ganha no futebol, mas também sobre os lucros dos seus contratos de publicidade, de actor de Televisão e dos diversos negócios que possui.

RETIRADA UNILATERAL EM BREVE

(Continuação da 1.ª página)

O plano, que Nixon descreveu como «uma oferta de paz generosa e razoável», fez com que o presidente fornecesse, até á data, o maior numero de elementos do seu anunciado plano para reduzir os efectivos norte-americanos no Vietnam do Sul — com ou sem acordo de Hanói — logo que os sul-vietnamianos pudessem assumir um maior papel na luta.

Fontes afectas á Casa Branca declararam mais tarde que Nixon planeava fazer regressar 550 000 soldados norte-americanos que se encontram no Vietnam, quando julgasse que o pudesse fazer com segurança.

Essas fontes afirmaram ainda que uma evacuação unilateral de tropas — modesta provàvelmente de início — começaria dentro em breve.

«Mercado Comum» dos engenheiros

BRUXELAS, 15 — (F. P.) — A Comissão Europeia, entre várias propostas que transmitiu aos Seis, sugeriu que se realizasse o «Mercado Comum dos engenheiros» e, de uma maneira mais geral, se aplicasse o direito de estabelecimento e de livre prestação de serviços ás actividades de «investigação, criação, consulta e aplicação do domínio técnico».

A Comissão convidou os Seis a suprimirem as «restrições» que impedem os engenheiros e técnicos de exercer as suas actividades num dos países da comunidade. Propôs também disposições transitórias, na esperança do reconhecimento mútuo dos diplomas.

«IMORALIDADE» RACIAL

CIDADE DO CABO, 15 — (F. P.) — No ano passado, mais de 900 pessoas, tanto de raça branca, como negra, foram alvo de procedimento judicial por terem cometido infracções á «lei da imoralidade», que, na África do Sul regulamenta as relações sexuais entre pessoas de raça diferente.

O ministro da Justiça, P. C. Pelser, que revelou estes dados no Parlamento, acrescentou que 452 daquelas pessoas tinham sido absolvidas e que a maioria dos inculpados eram homens brancos e mulheres africanas. A lei sul-africana prevê pena de vários meses de prisão para as pessoas reconhecidas culpadas.

«SE FOR ELEITO...»

PARIS, 15 — (F.P.) — «Se for eleito, Pierre Mendès-France será o meu primeiro-ministro. Decidimos formar equipa»—declarou Gaston Deferre, candidato á eleição presidencial, falando, esta manhã, numa conferência de Imprensa.

OS CINCO PONTOS DA F. N. L.

Declaração do «Comité» Central da Frente, de 3 de Novembro de 1968, para «encontrar uma solução correcta para o problema vietnamiano».

1 — O Vietnam do Sul está resolvido a lutar pela realização dos seus direitos sagrados: independência, democracia, paz, neutralidade e prosperidade, reunificação pacífica da Pátria;

2—Os imperialistas americanos devem pôr fim á sua guerra de agressão no Vietnam, retirar do Vietnam do Sul todas as tropas americanas e satélites e todo o material de guerra respectivo, liquidar todas as bases militares americanas no Vietnam do Sul.

3 — Formação de um Governo de ampla coligação nacional e democrático e organizar eleições gerais livres no Vietnam do Sul.

4 — Reunificação gradual do Vietnam por meios pacíficos, tendo por base discussões e acordos entre ambas as zonas.

5 — O Vietnam do Sul praticará uma política exterior de paz e neutralidade.

OS QUATRO PONTOS DA R. D. V.

Posição de Hanói afirmada em 8 de Abril de 1965 e desde então por várias vezes difundida:

1 — Reafirmação dos direitos fundamentais do povo vietnamiano: paz, independência, soberania, unidade e integridade territoriais. Conforme aos acordos de Genebra, os E.U.A. devem retirar militarmente do Vietnam do Sul e pôr fim aos seus actos de guerra contra a R.D.V.

2 — Enquanto o Vietnam não for pacíficamente reunificado, ambas as zonas devem abster-se de qualquer aliança com países estrangeiros, de estabelecer bases ou de admitir tropas de outro país.

3 — Os assuntos do Vietnam do Sul devem ser resolvidos pelo povo desta zona, sem intervenção estrangeira.

4 — A reunificação do Vietnam por meios pacíficos, completa e ambas as zonas, sem interferência estrangeira.

DECLARAÇÃO DA F. N. L.

PARIS, 15 — (F.P.) — «Os Estados Unidos continuam a agarrar-se à antiga proposta de retirada mútua das tropas. Agora apresentam-na de forma diferente apesar de já a termos rejeitado imensas vezes, — afirma uma declaração oficial publicada hoje de parte pela delegação da Frente Nacional de Libertação do Vietnam do Sul nas conversações de Paris.

Livros brasileiros para Portugal

SÃO PAULO, 15 — (A. N. I) — Um carregamento de 891 quilos de livros, destinado a livreiros portugueses e no valor de 661 dólares, foi embarcado ontem em Santos pelo navio «Pasteur» — informa o «Diário de São Paulo». Entre esses livros figuram dicionários e obras de matemática e de orientação pedagógica.

CONCURSO NACIONAL DE MONTRAS TV—SEVEN SEAS

A Novel, Lda., distribuidora das camisas TV, vai realizar de 23 de Maio a 9 de Junho um Concurso de Montras entre os melhores estabelecimentos nacionais destinado a promover o lançamento das camisas TV-Seven Seas.

«The Seven Seas» é a linha de moda masculina lançada este ano pelo I. F. C.— International Fashion Council — e que em Portugal é apresentada pelas camisas TV.

O concurso tem despertado o maior interesse e encontrado o maior apoio, pois trata-se de uma iniciativa a todos os títulos notável, tanto pelo aspecto promocional de que se reveste como pela possibilidade que se oferece á capacidade criativa dos decoradores de modas nacionais.

DESEMPANAGEM
TODOS OS DIAS DA SEMANA, DAS 8 ÀS 2 HORAS
ELECTRICIDADE E MECÂNICA
escape
R. CASTILHO, 72-A. TELS. 58 16 16 | 58 19 19 LISBOA

A SURDEZ
A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSON, casa especializada
LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, E.
PORTO: Praça de Bataihe, 8

Barbara Hutton, a milionária norte-americana mundialmente conhecida pelo seu dinheiro e pelos seus maridos, vai divorciar-se do actual consorte, o príncipe Doan Vinh de Champassak, com quem se casou há quatro anos. Ei-los em 1965, fotografados nos dias grandes da felicidade

NIXON E A POBREZA

Saindo a pouco e pouco da atitude de espera, que observava escrupulosamente desde a sua instalação na Casa Branca, Richard Nixon vem agora declarar guerra à pobreza. Numa mensagem especial enviada ao Congresso, o presidente acaba de pedir créditos suplementares, no montante de um bilião de dólares, para salvar «a honra da democracia americana» e arrancar á subnutrição — mais do que á fome, porque nos Estados Unidos ninguém morre literalmente de fome — dezasseis milhões de americanos. Até agora, apenas sete milhões de pessoas beneficiavam de auxílio, cuja extensão o chefe do executivo solicitou.

O programa que mereceu a atenção de Nixon é, acima de tudo, assistencial. Consiste na atribuição, ás famílias mais carecidas, de senhas de alimentação gratuitas ou a preço reduzido (food stamps), cujos cupões os comerciantes utilizam para ser reembolsados pelo Governo Federal. Se o projecto de Nixon for aprovado pelos parlamentares, esses cupões passarão não só a ser, na maioria dos casos, gratuitos, como ainda serão distribuídos por um número maior de famílias.

Que a administração republicana actualmente no Poder avalie em 16 milhões o número de americanos necessitados de uma tal assistência, pode causar surpresa ao europeu, habituado a pensar em termos de sociedade de abundancia, e mesmo de dissipação, sempre que ouve as palavras Estados Unidos da América.

Além-Atlantico a mensagem do presidente terá surpreendido apenas os mais impenitentes optimistas. Desde a presidência de John Kennedy que o americano deixou de poder ignorar essa «outra América», a América da pobreza, que Johnson desejava sepultar para sempre antes de ir ele próprio enterrar-se nos arrozais do Vietnam, a América dos «ghettos» das cidades industrializadas do Norte, das zonas rurais subdesenvolvidas do Sul. Os negros formam, claro, os maiores batalhões destes cortes de homens deixados á deriva, destes «mal alimentados», «mal alojados», «mal ensinados». Mas não são os unicos. Os porto-riquenhos de Nova York e de Chicago só raramente escapam a esta miséria, tal como os «pobres brancos» do Sul ou dos Apalaches, uma forte proporção de velhos sem distinção de raças, a maioria da população índia, e grande numero de americano-mexicanos do Texas, do Arizona e da Califórnia do Sul.

Mas o programa proposto por Nixon constitui apenas parte dos esforços necessários para vencer a pobreza nos Estados Unidos. Na própria natureza deste projecto fixam-se os seus limites: trata-se apenas de distribuir excedentes agrícolas que os Estados Unidos já não têm a esperança de escoar desde que o Mercado Comum deixou de ser tão acolhedor e grande numero de outros países supre mais largamente as suas próprias necessidades alimentares. Mas assistir não é integrar, alimentar gratuitamente não é fazer participar. Ora, se existe inegavelmente um problema alimentar nos Estados Unidos, o problema psicológico não é menos importante. E' significativo o facto de os negros já não raciocinarem em termos de assistência, mas sim em termos de reparação de preconceitos suportados ainda num passado muito recente. O mesmo, mas em muito menor escala, vale para os brancos deserdados que não souberam encontrar o seu lugar ao sol numa sociedade que raramente perdoa áqueles que ficam á margem.

Eis um dado essencial do problema da pobreza numa sociedade industrial muito avançada e, ainda por cima, étnicamente dividida.

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

TERCEIRO DIA DE VIOLÊNCIA NA CAPITAL MALAIA

KUALA LUMPUR, 15 — (R.) — Saqueadores percorriam hoje algumas partes desta capital, onde a onda de violência entrou no terceiro dia.

Fontes de confiança disseram que foram ouvidos tiros na cidade e que um avião voou baixo, transmitindo, por um altifalante, apelos aos habitantes para se abrigarem.

Todos os telefones no centro da capital pareciam estar cortados e era difícil apurar o que estava a acontecer.

Registaram-se de novo desordens quando milhares de pessoas apareceram nas ruas para comprar víveres durante um abrandamento de duas horas do recolher obrigatório permanente, imposto 36 horas antes.

Um informador da Polícia disse que algumas pessoas se aproveitaram da situação para causar novas desordens.

Fontes fidedignas disseram que reforços estavam a ser enviados com urgência para Kuala Lumpur de outras partes do país.

No meio de notícias de que as forças de segurança estavam a dispersar as pessoas das ruas, disparando para o ar, Rádio Malásia pediu aos habitantes para se manterem afastados das vias principais e dos bairros malaios e chineses onde ocorreram grandes estragos e se registaram os piores recontros e o mais elevado número de mortos.

TRINTA E DUAS EXECUÇÕES NO IRAQUE DESDE O INÍCIO DO ANO

BAGDAD, 15 — (F. P.) — A execução de dez espiões a soldo dos Estados Unidos e do Irão foi anunciada por Rádio Bagdad na sua emissão dedicada aos «títulos dos jornais da manhã», entre outras notícias relativas ao aniversário da criação de Israel, á reacção da R.A.U. ás declarações do ministro israelita Abba Eban, etc.

A estação não deu pormenores quanto á nacionalidade das pessoas executadas ou ao local da execução.

Em 12 do corrente, o Tribunal da Revolução condenou á morte oito membros de uma rede de espionagem que operava no Iraque a favor do Irão, de Israel e dos Estados Unidos. Foram todos executados esta manhã, juntamente com mais dois condenados em anteriores julgamentos, entre os quais o advogado Abdel Hadi Bajjari, reconhecido culpado de participação na rede de espionagem descoberta em Janeiro.

Desde o princípio do ano houve já 32 execuções no Iraque. Em 27 de Janeiro foram enforcados 14 membros de uma rede de espionagem, entre os quais nove judeus. Seguiram-se oito execuções em 20 de Fevereiro e mais dez esta manhã.

Ao ser anunciada, há três dias, a condenação á morte de oito indivíduos a soldo do Irão, a Imprensa de Bagdad atacou violentamente o Governo de Teerão «que dá todo o seu apoio» — disse — «aos espiões que trabalham por conta de Israel e dos serviços de informação americanos».

Reservas em hotéis europeus por meio de um ordenador

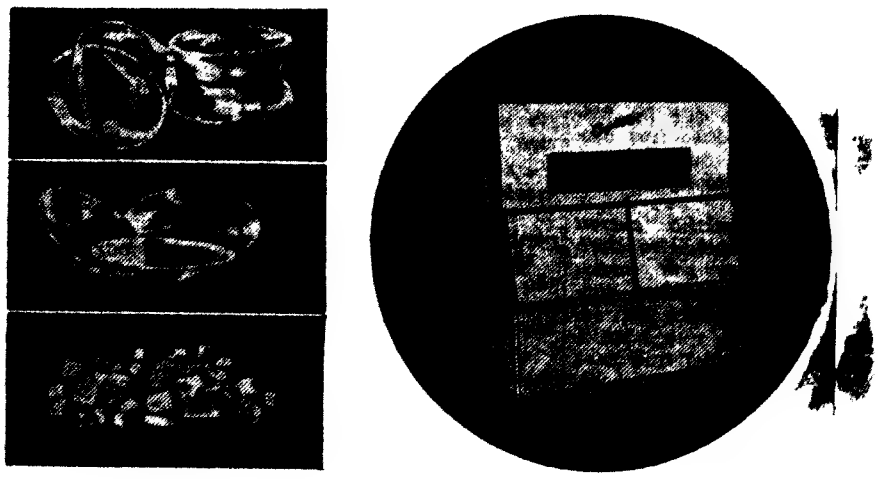
PARIS, 15 — (F. P.) — Após várias entrevistas que decorreram nos últimos meses, as organizações hoteleiras nacionais da Alemanha Ocidental, da França e da Suiça chegaram a acordo para criar um sistema comum centralizado de reserva de quartos de hotel por meio de um ordenador.

Este sistema tornar-se-á operacional no próximo ano e será a síntese dos estudos comuns de diversas sociedades hoteleiras. Os três países assinaram já um protocolo de acordo, ao qual outros países europeus poderão aderir.

O sistema hoteleiro europeu de reserva electrónica permitirá estabelecer ligações rápidas e seguras com os sistemas paralelos de transportes aéreos, ferroviários, rodoviários, marítimos e outros serviços do turismo, como as agências de viagem interessadas em tal acção.

Graças a este sistema, cada um poderá, a partir do próximo ano, reservar o seu quarto num hotel europeu, organizar a sua viagem segundo os seus desejos, obter em poucos instantes todas as informações úteis que lhe forem necessárias, vindas de todos os pontos do Globo.

COM CRYSTAL TIPS...



...HÁ SEMPRE GELO!

HOTÉIS · HOSPITAIS · LABORATÓRIOS
RESTAURANTES · BARES · ETC.
resolveram o problema da obtenção de gelo, em especial nos meses quentes, através das máquinas CRYSTAL TIPS, que nos seus vários modelos produzem de 43 a 204 Kg, diários, de gelo da melhor qualidade e em três formatos diferentes.

exposição em:
MANUEL J. MONTEIRO & C.ª Lda
r. da assunção 43, LISBOA 2
tel. 36 60 01/4 32 42 54/6

Hoje, primeiro dia, ainda não foram muitos os que leram na Biblioteca. Pouca gente conhecia a data de abertura ao público

Primeiros leitores da «nova» biblioteca: um padre e uma estudante

Uma jovem estudante liceal e um padre, licenciado em Direito, foram os primeiros leitores da «nova» Biblioteca Nacional que abriu as suas portas ao público esta manhã, pela primeira vez.

Maria José Quelmado Amaral, aluna do terceiro ano do Liceu Filipa de Lencastre e filha de uma funcionário da Biblioteca, foi a primeira pessoa a entrar na sala de leitura, sobraçando um livro de História do 2.º ciclo, no qual passou toda a manhã a estudar.

«Eu sempre disse á minha mãe que ia ser a primeira pessoa aqui a entrar» afirmou ela. *«Não, a única coisa que me interessava era ser a primeira, nem sabia que vinham os jornais e a televisão. Mas já viu o que é eu amanhã, quando crescer, poder dizer que fui a primeira leitora desta biblioteca?»*

Uma equipa de reportagem da Televisão filmava o ambiente da ampla sala de leitura, onde não se pode fumar, tendo recrutado algum pessoal da Biblioteca para figurantes, dado que na primeira hora apenas três pessoas entraram na sala com o sério propósito de ler e recolher notas.

«A rapariguinha entrou antes, mas o primeiro livro foi requisitado por mim», garantiu (e os serviços confirmaram) o padre dr. Jacinto dos Reis, que laboriosamente explora livros para o seu próximo trabalho sobre «Santa Maria em Portugal».

«Este livro é a continuação do outro que publiquei em 1967 — Invocações de Nossa Senhora em Portugal d'Aquém e d'Além Mar e seu padroado», afirmou o sacerdote.

Os primeiros livros a serem pedidos

Os primeiros livros a saírem das estantes para as bancas de leitura — numeradas como os lugares dos cinemas, com filas e números registados num quadro da recepção — ficam a dever essa honra ao padre Reis. São eles «O mês de Maio ou o mês da Família» e «O mês de Maio português», ambos da autoria do padre José de Sousa Amado, um investigador da primeira metade do século XIX.

Entretanto, mais sete pessoas entraram para ocupar lugares na ampla sala, mais em tom de visita do que propriamente de trabalho. Algumas destas juntaram-se na sala de fumo contígua.

Um funcionário de cada lado, em «passerelles» de nível superior, vigia discreta e atentamente o que os leitores fazem, para evitar prejuízos nas obras. Claro que não se receia um roubo como aquele de há 20 anos, quando em Dezembro de 1948 foram roubados 30 mil contos de livros. Mas mais vale prevenir do que remediar..

O pessoal da Biblioteca tinha um semblante bem disposto.

«Isto sim, é um sítio onde dá gosto trabalhar. Aquilo lá em baixo não era nada.» — Disseram alguns ao «Diário de Lisboa». Acrescentaram, porém, um «mas»:

«O problema está na distância. Agora gastamos muito mais nos transportes e ganhamos o mesmo.»

Mas pessoal e público estão de parabéns — Lisboa tem, de facto, a partir de hoje, uma bela biblioteca.

«Dizem que é uma das melhores da Europa» — disse o padre dr. Jacinto dos Reis — *«eu não conheço outras, mas que aqui se está muito bem, isso é que não deixa dúvidas»*, acrescentou aquele velho «cliente» da Biblioteca Nacional, cujos dois milhões de volumes têm agora uma «encadernação» nova e digna, ali no Campo Grande.

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

†

Artur Manuel Amaral de Carvalho

O Grupo de Forcados Amadores de Lisboa, participa o falecimento do seu companheiro e amigo Artur Manuel, tendo-se realizado o seu funeral dia 14 para o cemitério de Meca — Alenquer.

«O RUMO DA INFORMAÇÃO ESTÁ TRAÇADO PELO PROF. MARCELLO CAETANO»

— DISSE O DR. MOREIRA BAPTISTA NO INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES

«O direito á informação, realidade social do nosso tempo, é o termo de uma longa jornada do homem na sua vida colectiva. E no entanto sempre foi uma necessidade premente: sempre o homem desejou saber o que se passava á sua volta, e sempre comentou e transmitiu o que viu e imaginou» — disse esta manhã no Instituto de Altos Estudos Militares o dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado de Informação e Turismo, no decorrer da sua anunciada conferência sobre «Aspectos sociais da Informação».

Para o dr. Moreira Baptista tem especial interesse o momento em que a Informação (através da Imprensa, Rádio, TV e Cinema) passe a servir não grupos restritos, mas massas de população sobre as quais vai exercer todo o seu poder de atracção e toda a sua influência para o bem para o mal». Quanto ao indivíduo, preso de uma engrenagem em que «tudo tende á massificação que a alta tecnologia dos nossos dias solicita e impõe», vê-o o orador «solidário mas isolado», «desumanizado mas ansioso», buscando no conhecimento do que se passa «a única defesa contra as ameaças. Eis porque no centro do «complexo de difusão colectivo» não há já, ou melhor, não há só, o problema da opinião, «mas antes e sobretudo o da informação».

O secretário de Estado abordou seguidamente, entre outros temas o dos «excessos e desvios de certos órgãos da Imprensa internacional em relação ao nosso País», bem assim a guerra psicológica e a propaganda.

E a terminar:

O dr. Moreira Baptista quando proferia a sua palestra

— Informar! Informar bem e com verdade, ao serviço de Portugal e do homem. Tarefa terrivelmente difícil na alucinação dos tempos mas, além de aliciante, fácil até quando, traçado o rumo, não há mais do que mantê-lo firme e seguro. O rumo está traçado pelo professor Marcello Caetano. Vamos agora segui-lo, nas incertezas do tempo, e com firmeza e segurança. Em tais factos se baseia também a eficiência da Informação.

SOB O SIGNO DA MEDIOCRIDADE

(Continuação da 4.ª página)

sia, do que em consequência de valor intrínseco.

De John Lennon-Ono e Yoko já falei — agora resta dizer algumas palavras acerca de «Violação», programa que o Beatle produziu, em Londres, para a TV austríaca. Falta saber por que Viena, onde há alguns realizadores de televisão de alta valia, decidiu apresentar este filme televiso — será imaginando que o nome e a fama do seu autor seriam bastantes para atrair uma «rosita»? Com efeito, não se trata, sequer, de uma emissão para diversão, como o requer, implicitamente, o âmbito do Concurso de Montreux. Um pouco de «cinema-vérité», mas péssimo, com ideias por vezes ininteligíveis e imagens do pior que se viu em todo o certame: um cameraman e um operador de som seguem uma jovem, de um cemitério, onde a encontraram, por acaso, deambulando e falando com os seus botões, até ao apartamento onde Beatle a encerrou durante os dois dias que durou a filmagem. A jovem — uma foragida húngara — começa por se divertir com a situação (ela não sabe que estão fazendo com ela um filme para a TV, e menos para apresentar num Festival), mas, a pouco e pouco, enfurece-se. Em movimento perene, tenta escapar-se ao «olho» perscrutador, implacável da câmara. Impossível. Trata-se, todo o filme, de uma tentativa perversa de «violação» da esfera íntima de uma pessoa — pois á jovem só depois de tudo terminado se revelou o fim da experiência. Yoko Ono, a sr.ª Lennon, teve a ideia, e o sr. Ono a reproduziu em imagens. Filme recheado de «simbolismo», por vezes tão hermético que ninguém o entende, talvez mesmo nem os seus criadores. Parece que se tratava de demonstrar que todos nós estamos sujeitos, constantemente, a pressões exteriores a que é impossível escapar; filme «amoral» conforme a autora «espiritual» o confessou.

MUITO DINHEIRO E POUCO BOM GOSTO...

Os Beatles, aliás, estiveram presentes em «Hippie happy yeah» da TV germânica. Traição, traição, devem ter exclamado os quatro britânicos ao ver o «show» — este, cujas primeiras sequências estão prenhes de fantasia e de bom humor, degenera em 45 minutos de cenas de péssimo gosto, de monotonia nauseante; o colorido, incrível; os motivos, inacreditáveis; o próprio Karel Gott dava pena ouvir numa canção beatleniana. Programa que prova, á sociedade, que a qualidade, em TV, não depende de técnica, ou de dinheiro, mas sim do bom ou mau gosto do realizador: e quem dirigiu «Hippie happy yeah» devia estar, sem duvida, com soluços. Mau, igualmente, o segundo programa alemão, que projectou «Paris aktuell». E este demonstra que não basta apresentar estrelas a granel, para condimentar um bom programa, nem mesmo se essas vedetas são todas de primeiro plano: Adamo, Alexandra, Mary-France Boyer, Jean-Claude Brialy, Gilles Dreu, Frères Jacques, Gina Lollobrigida, Elsa Martinelli, Mireille Mathieu, Michèle Morgan, Jean Claude Pascal, Romy Schneider, Laurent Terzieff, etc., etc., apareceram nesta emissão, que custando milhões, não vale um chavo. Uma hora de projecção, hora que se arrasta — com as vedetas fazendo o possível por salvar a coisa: mas era impossível, embora o tema, a moda, fosse aliciante. Malogro, igualmente o «show» «Zizi Jeanmaire», da ORTF. Zizi esteve em Montreux para apresentar a sua emissão, mas nem a sua presença gentil salvou o programa. A primeira vez, aliás, que a França apresenta um mau programa, aqui em Montreux: talvez consequência das circunstâncias e dos homens, quem sabe?

DE ESPANHA ATÉ À SUÉCIA PANORAMA DESOLADOR...

Há um ano, a Espanha apresentou «História da Frivolidade», emissão de um valor excepcional, que conquistou, então, merecidamente, a «Rosa de Oiro». Agora, «La última moda» conseguiu uma de bronze, mas com bem menos mérito, embora a emissão seja agradável de seguir; realizado pelo romeno-espanhol Valediu Lazarov, especialmente para Montreux, «La última moda» peca por prometer demasiado, e chegar ao seu final com grande parte da promessa por cumprir, televisamente falando. O argumento é absurdo e de um humor por vezes um pouco pesado: uma jovem decide caminhar de mãos no chão e pés para o ar, e assim passar o mundo ao revés. Ideia original, que provoca toda a casta de peripécias, algumas «réussies» por Lazarov, outras francamente não, a ponto que se foram filmadas para fazer rir, não conseguem o seu objectivo.

Gregos e russos apresentaram danças folclóricas, e nada mais. Nem sequer pretensões. Quanto á emissão holandesa, em que pontificou Lisbeth Lith (lembram-se dela, um dos quatro primeiros prémios do Festival de Madrid?) agradou, e muito. Trata-se de outro «one woman show», repleto de belas imagens e de canções de bom gosto. O programa em que Lisbeth brilha — ela combina o encanto de uma Mónica Vitti com uma voz à Barbra Streisand — teve boa recepção ao ser apresentado, e viria a conquistar uma simples menção do júri. Bem realizado, agradável de ver, francamente bom, merecia melhor galardão. Tanto mais que os dois «shows» seguintes, ambos vindos dos Estados Unidos foram uma decepção mais, e iguais a tantos outros vistos e revistos, dia após dia, em todos os televisores, mundo afora.

A Hungria, que decepção! A Checo-eslováquia, idem idem. A TV belga, nem tem meios, nem ideias, ao que parece. E a sua emissão é das piores apresentadas num Festival que não prima pelo seu alto nível. Os dinamarqueses, deveriam ter escolhido melhor o programa, pois a música de Sousa tem vigor e merece melhor homenagem do que a que lhe foi prestada. Os noruegueses, esses, prestaram homenagem, ou tentaram fazê-lo, sem o conseguir, a Gershwin, aproveitando, e mal, algumas das suas melodias. Os jugoslavos, com alguns «ballets» interessantes, mas vistos e revistos. Os finlandeses, nórdicos e loiros, trouxeram a Montreux a sulu — negra claro — Miriam Mabeka. Título do programa: «We will win» (Venceremos). Cantou e falou. Canções xaroposamente românticas, declarações vigorosamente anti-racistas. Canta melhor do que fala, com maior coerência. Miriam Mabeka foi também aproveitada pelos suecos no seu programa, mas teve pouca sorte com o dia da sua apresentação pois a atenção de todos estava virada para dois tópicos, unicamente, o «nao» dos franceses a De Gaulle e o programa «Hair», visto, a noite anterior, em Montreux.

NOVOS DIRIGENTES DO GRÉMIO DA PANIFICAÇÃO DE LISBOA

No Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, o sr. dr. Mário Emanuel Pais de Sousa, delegado do Instituto Nacional do Pão, junto daquele organismo, deu posse aos membros do novo conselho-geral, recentemente designados por sufrágio da indústria da área, depois do que proferiu palavras de elogio e agradecimento para o conselho cessante, salientando o nome do seu presidente, sr. João Marques Fernandes.

O conselho reuniu-se, logo após a posse, e escolheu a mesa que ficou constituída pelos srs. drs. Isaías Gomes Gautier, António da Silva Gomes Gautier e Domingos José Carlos Borges.

Finalmente, procedeu-se à eleição das firmas que por sua vez indicarão os seus representantes para se constituir a nova direcção do Grémio. As firmas escolhidas foram: Sociedades de Padarias de Santarém, Limitada (SOPASAL); Sociedade Fabril de Panificação (SOFAPA), de Lisboa; e Sociedade de Panificadores Reunidos de Lisboa (SOPAREL) — para os cargos efectivos.

Para suplentes: União de Padarias, de Tomar; Sociedade Panificadora do Levante, de Lisboa; e Panificação Unida de Belém, Ld.ª (PANIBEL), também de Lisboa.

MORREU CZEIZLER

Em Budapeste, faleceu o antigo treinador do Benfica, Lajos Czeizler, que há tempos se encontrava gravemente enfermo, e entre nós deixara numerosos amigos.

ora diga-nos...

— Gosta de fazer perguntas?

Há tanto tempo fazemos as mais variadas perguntas nesta rubrica, e com a maior sem-cerimónia pelos hábitos alheios, não nos temos interessado pelas qualidades biabilhoteiras dos outros!... É uma lacuna, que é boa altura de preencher. Ainda que para isso corramos o risco de fazer uma pergunta estúpida, a que nos respondam com modos menos diligentes...

● *A sr.ª D. Maria Dive Cruz foi a primeira interpelada. Respondeu-nos assim:*

— Quando são precisas...

— Esta que lhe estou a fazer, é-o?

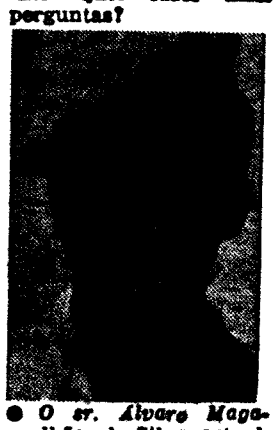
— Se me perguntasse qualquer coisa, eu respondia-lhe, se pudesse.

— Mas eu já perguntei!...

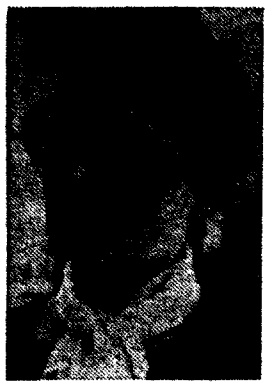
— Pois perguntou...

— Então!?

— Então, respondo-lhe. Quer fazer mais perguntas?



● *O sr. Álvaro Magalhães da Silva, actualmente na vida militar, mas montador de «offset» na vida civil, retrucou desta maneira à nossa questão:*



— Gosto... Quando tenho resposta acertada.

— Mesmo das perguntas estupidas?

— Das estupidas, não.

— Por exemplo?

— E l a s são tantas! Sei lá...

— É curioso?

— Um pouco. À minha maneira, entenda-se. Muito à minha maneira — à James Bond.

● *O sr. Alexandre Duarte Lopes, continuo, fechou o inquérito da forma que segue:*

— Bom, gosto.... De vez em quando é preciso fazer perguntas.

— Especifique, homem!

— Aos homens dos b a r c o s, -por exemplo, quando quero saber por onde passam — é preciso perguntar, não é?

— E. Gosta de investigar c o i s a s, de averiguar...?

— Depende. Há coisas que me interessam, outras não me interessam absolutamente nada.

Necrologia

FUNERAIS

D. Ester Pessoa de Castro Carvalho de Mendonça

Da casa mortuária da igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de São João, realizou-se ontem à tarde o funeral da sr.ª D. Ester Pessoa de Castro Carvalho de Mendonça.

A extinta era casada com o sr. capitão da Aeronáutica José Manuel de Mendonça, mãe da sr.ª D. Maria Ester de Castro e Carvalho de Mendonça Pereira Coutinho, irmã do sr. José Fernandes Castro Carvalho, avó de Maria da Graça Mendonça Pereira Coutinho e de António Miguel Mendonça Pereira Coutinho e cunhada das sr.as D. Lurdes, D. Celeste e D. Arminda Mendonça e do sr. Luís de Mendonça.

Estudo de tráfego encomendado pela TAP à Lusotecna

No seguimento de uma política que tem por objectivo o aperfeiçoamento dos seus serviços, acompanhando as crescentes necessidades de aumento de tráfego, a TAP encomendou à Lusotecna um estudo sobre tráfego aéreo.

Este estudo visa a previsão do desenvolvimento do tráfego em algumas das rotas daquela companhia, por forma a que os vários problemas daí resultantes possam ser devidamente solucionados.

A Lusotecna — C o n s u l t o r e s Técnicos Industriais é associada da GIU de Londres, uma das maiores e m p r e s a s consultoras mundiais para estudos económicos e de transportes.

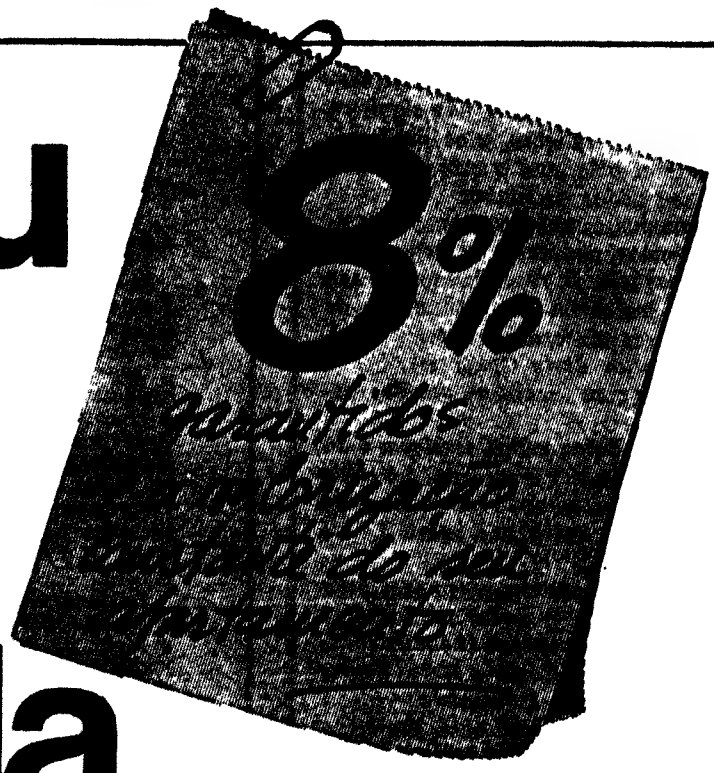
Atropelamento grave

O sr. Domingos Pires Belo, de 65 anos, reformado da Guarda-Fiscal, residente na Rua do Vigário, 68, 2.º foi atropelado por um automóvel na Avenida Fontes Pereira de Melo. Com graves contusões e fractura de perna ficou internado na sala de observações do Hospital de S. José.

ALMADA NA RÁDIO

O concelho de Almada está constantemente a ser elevado e propagandeado através do seu mais antigo e mais válido programa radiofónico que lhe é dedicado inteiramente. Ondearte e António Madeira são duas legendas que todos os almadenses de bom senso nunca poderão esquecer pelo muito que já fizeram em benefício da sua terra em matéria de propaganda turística, comercial e industrial. Varanda Almadense é uma das rubricas da Ondearte que se ouvem com agrado e particular interesse através da qual se diz ao País inteiro as actualidades de maior relevância passadas e vividas no concelho da vila de Cristo-Rei. Ondearte apresenta logo às 19 e 30 horas uma oportuna entrevista com o dr. Malheiro do Vale, director da Escola Comercial e Industrial Emídio Navarro, de Almada para a qual chamamos a atenção de todos os interessados.

o seu capital pode ser ainda mais rentável



Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital.
Apartamentos desde 230 a 990 contos.

TORRALTA
Informações:
Lisboa–Av. Duque de Loulé, 66-A, Telefs. 51748 e 54479
Algarve–Hotel Golfinho Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos
Praia de Alvor Telefs. 1324 e 428 de Portimão

DIÁRIO DE LISBOA 15 MAIO 1969

CARTA DE AVEIRO

por URBANO TAVARES RODRIGUES

Não vou falar-vos da mensagem corajosa e limpa que Ferreira de Castro enviou ao II Congresso Republicano, que nesta cidade vai inaugurar-se, e que honra a inteligência e a dignidade de um povo. Não vou, tão-pouco, referir-me às excelentes teses de Joel Serrão e Rui Grácio («A Educação na Democratização do País») ou de José Tengarrinha e Augusto da Costa Dias («A Situação do Escritor em Portugal»). Quero tão-só nesta nótula veloz traduzir o que de serenamente vibrante, de firmemente e polidamente determinado se pressente na cidade onde o Congresso decorre e que visivelmente dele se orgulha.

Há cartazes estimulantes em muitas das lojas, e até nas paredes. Nos restaurantes, na Praça da República, nos hotéis, nos estancos de tabaco, o assunto não é outro. Que congresso? Até os turistas estrangeiros o perguntam. «Pois não sabe? Um congresso político. Aveiro é uma terra democrática».

Nesta noite suave, que em certas ruas tem um cheiro a limão e a baunilha, reunem-se grupos de jovens com uma centelha de entusiasmo novo no olhar. Alguns deles tinham oito anos em 1957, aquando da realização do primeiro Congresso Republicano de Aveiro. Falam depressa, têm uma luz de esperança no sorriso.

Qual a razão deste apoio que os congressistas a todo o momento encontram na população de Aveiro? Obviamente o nível de vida (mais alto do que na maioria dos outros distritos) adveniente da construção naval, das indústrias têxteis e metalúrgicas, calçado, papel e lacticínios, das conservas e do incremento do artesanato. A consciência cívica e o sentimento da classe despertam tanto mais viva e fortemente quanto mais uma região se desenvolve.

Além disso, a tradição também conta. E no distrito de Aveiro esta palavra tradição não significa forçosamente passadismo rançoso, mas perpetuidade do espírito liberal pelo qual a cidade já deu o seu sangue e o seu poder de sonho.

Ao acaso dos meus passos vagabundos, divagando pela hora crepuscular, conversei há poucas horas com quatro aveirenses. E, respeitando um seu curioso desejo, não irei além da transcrição de meia dúzia de palavras sinceras que deles colhi.

— Que espera o senhor deste Congresso?

E, inquirindo eu, por meu turno: «E você?», disse-me o primeiro:

— Eu já nada espero. Estou velho. Gastei a vida a moer e remoer esperanças. E a esperança é coisa que se gasta. Mas, enfim, quando sentimos este ardor nos jovens tudo é outra vez possível. Até a liberdade! Será?

Não quero encerrar este apontamento sem uma palavra de reconhecimento — como português e como democrata — para os grandes organizadores do Congresso: Álvaro Neves, Costa e Melo, Carlos Candal, Flávio Sargo e João Sarabando.

E, sobretudo, sem aqui evocar, com profunda emoção, o amigo querido, o ensaísta culto e subtil, o homem invulgarmente lúcido e generoso, que foi Mário Sacramento, cuja morte deixou dolorosamente vago o cargo de secretário geral do II Congresso Republicano de Aveiro.

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

A Ourivesaria da GUIA

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

O GRANDE AUSENTE — Retrato de Mário Sacramento, feito pelo artista Jorge Trindade, que figura no palco do Teatro Aveirense, ao fundo

A sessão de abertura do Congresso Republicano

(Continuação da 1.ª página)

inquebrantável e heróica de 5 de Outubro e de Flandres, uma colossal ovação. Ouvem-se vivas à República e a multidão entoa em coro a Portuguesa.

Ladeavam o presidente os srs. drs. Costa e Melo e prof. Mário Silva. Em três filas de cadeiras, colocadas por detrás da mesa de presidência, sentavam-se todos os componentes das comissões promotora e executiva do Congresso.

Ao lado de um retrato gigantesco do dr. Mário Sacramento, colocado ao fundo do palco, estava uma faixa branca com a palavra «DEMOCRACIA», escrita em grandes caracteres. No lado oposto figura uma esfera armilar.

A ALOCUÇÃO DO SECRETÁRIO DO CONGRESSO

Aberta a sessão, o dr. Álvaro Seiça Neves, secretário do Congresso, proferiu uma alocução em que, depois de recordar o I Congresso Republicano de Aveiro, que decorreu em 6 de Outubro de 1957, evocou a memória de Mário Sacramento.

Definiu, depois, os objectivos do Congresso como «eminentemente patrióticos», pois «visam à discussão e esclarecimento dos graves e inadiáveis problemas.

O dr. Álvaro Seiça Neves disse, a seguir:

— Encaremos de frente a nossa situação. Reparemos no nosso subdesenvolvimento e inquiramos das causas que o provocam já que não podemos buscar, precisamente por esse passado, de que nós republicanos tanto nos orgulhamos, em [illegible]mo. Olhemos, sem cruzarmos os braços, para esse espectáculo que é o fenómeno emigratório no nosso País.

E o secretário do Congresso, após perguntar «Tem o Estado Novo democratizado o ensino e oferecido ao povo os necessários processos e meios para divulgação da cultura?»,

Referindo-se à «vacuidade e inocuidade da concepção de República das hostes do Estado Novo», o dr. Seiça Neves disse que os republicanos e democratas portugueses opõem-lhes «um conceito renovado, dinâmico e actuante».

O secretário do Congresso agradeceu a todos os autores de teses e congressistas. Teve, ainda, palavras de agradecimento para os órgãos de Informação.

Agradeceu, por fim, as presenças dos srs. coronel Helder Ribeiro (que convidou para presidir à sessão) e prof. Rodrigues Lapa.

PALAVRAS DO COR. HELDER RIBEIRO AO ASSUMIR A PRESIDÊNCIA

Depois da alocução do secretário do Congresso, dr. Seiça Neves, o antigo ministro da República, coronel Helder Ribeiro, que presidia à sessão inaugural começou

(Continua na página seguinte)

PREPARANDO O DIÁLOGO

por RAUL REGO

Antes de subir o pano, o ambiente de Aveiro é de expectativa serena. Neste momento é, com certeza, Aveiro a cidade portuguesa com mais condições de diálogo; e quando todos andamos irritados uns com os outros, sem falarmos francamente, porque não querem uns ou porque não podem outros, não deixa de ser motivo de esperança no convívio de todos, o facto de se ir realizar o II Congresso Republicano na mesma cidade em que ainda há dias soavam aplausos de um sector e vivas, na cerimónia de posse da Comissão Distrital da União Nacional. Pois não é o facto quase inédito, entre nós, onde até os locais frequentados por uns se tornam tabu para outros, e onde as ideias dos homens e suas crenças se aferem pelos cafés que frequentam?

A cidade de Aveiro vive uma contida euforia. Calma, sem manifestações exteriores, nas horas que precedem a abertura do Congresso onde os democratas de todas as províncias portuguesas vão apresentar perante todos os portugueses uma série de problemas que a todos interessam por verdadeiramente nacionais. Como tal deveriam ser debatidos em comum, e em completa liberdade de expressão e naquela confiança mútua que vem da fé no carácter das pessoas com quem se fala, ainda quando se não comunga nas suas ideias.

São as tradições altas da liberal Aveiro, de onde saiu a voz mais cálida do parlamentarismo português e de onde se ergueu o primeiro brado contra o absolutismo, oito escassos anos após a instauração do regime liberal entre nós, que vêm à superfície. Os aveirenses de 1828 tiveram de oferecer a cabeça à corda do algoz; mas suas cinzas, em ânfora preciosa, são, nesta Aveiro de dinamismo e confiança, mais do que um símbolo. São, realmente, o penhor da grandeza de alma dos bisnetos dos mártires da Praça Nova.

Um desses descendentes, acompanhámo-lo há bem poucas semanas ao campo santo do seu antepassado. E não degenerara em nada Mário Sacramento, obreiro desta jornada antes da qual se lhe apagou a luz dos olhos, dos que morreram de preferência a viver como servos.

O idealismo de ontem e a generosidade desses homens palpitavam em Mário Sacramento, como nos seus companheiros da caminhada angustiosa. E são as caras erguidas, os peitos leais, olhar firme e claro desses companheiros que encontramos nesta Travessa do Governo Civil, onde temos o cortiço de tanta e tanta movimentação na terra portuguesa. Chamam-se eles Álvaro Neves, Carlos Candal, Costa e Melo, João Sarabando, Flávio Sargo, tantos mais.

E sob o signo da esperança que se vivem estas horas, antes de ir ser dada a resposta do II Congresso Republicano, no Teatro Aveirense, às palavras há dias proferidas noutra sala de espectáculos desta mesma Aveiro. E o diálogo português, que esperamos seja, realmente, amplo e livre.

Palavras do chefe do distrito de Aveiro ao «Diário de Lisboa»

Pouco antes da abertura do Congresso Republicano, contactámos com o governador civil de Aveiro, sr. dr. Francisco Valle Guimarães, a quem se deveu a autorização do I Congresso, em 1958, e que agora repetia a sua atitude «dada a confiança que o civismo dos ilustres componentes das comissões promotora e executiva inspira».

O dr. Valle Gumarães atendeu-nos na sua casa de São Jacinto, quando ultimava preparativos de partida para a Madeira, para onde saiu pouco mais ou menos à mesma hora a que se registou a sessão de abertura do Congresso.

— Não posso fazer declarações neste momento, estou cheio de pressa...

Perante a nossa insistência, contudo, o governador civil declarou:

— Qualquer afirmação que tenha nesta altura seria mero platonismo. Quero pronunciar-me apenas no final do Congresso. Nessa ocasião já poderemos falar com base numa realidade que por enquanto não podemos ainda, por falta de dados, abordar.

Os organizadores do Congresso

Dr. Manuel da Costa e Melo

As quatro figuras do Secretariado do II Congresso Republicano de Aveiro arcam com o grande trabalho da organização de uma assembleia destas. Três advogados e um jornalista tomam aquele trabalho do secretário-geral que há doze anos foi o do médico Mário Sacramento.

Destacamos hoje o o dr. Manuel da Costa e Melo, de posição política há muito definida no campo socialista. Natural do distrito, de Águeda, de 55 anos, conhece bem os problemas de toda a região por a ter vivido desde sempre. Estudou em Coimbra e, logo que formado em Direito, marcou lugar de relevo no foro e nas comarcas do centro do país, em particular Aveiro e Águeda. Em toda a sua vida profissional a actividade política se tem intermeado, uma vez que os tribunais plenários lhe são familiares, poucos sendo os processos políticos do centro do País em que não tenha tido intervenção.

Firme nas suas crenças republicanas e socialistas, o dr. Manuel da Costa e Melo tem tomado posição na primeira fila dos combatentes da democracia e o seu trabalho no grupo organizador do II Congresso Republicano de Aveiro tem sido realmente notável.

Dr. Manuel da Costa e Melo

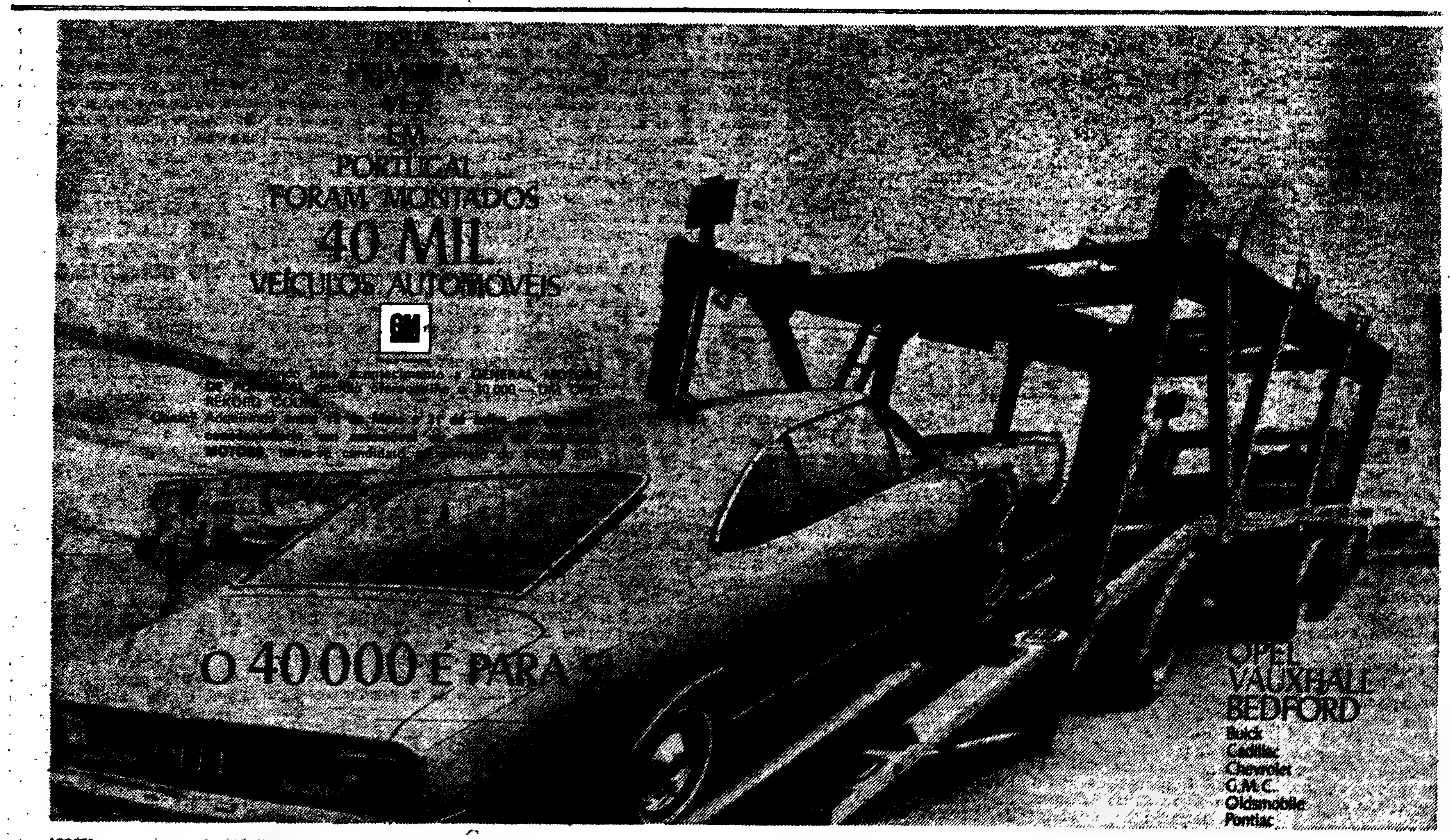
Dr. Álvaro de Seiça Neves

Figura marcante na vida, social, intelectual e política de Aveiro, o distinto advogado dr. Álvaro de Seiça Neves herdou um nome que tem sabido manter com galhardia. Nele se continua realmente a obra de doutrinação e defesa da Republica do dr. Manuel das Neves. E muitas vezes pai e filho se irmanaram na mesma luta, nos mesmos anseios de esperança.

Aos 50 anos é das personalidades de mais prestígio de toda a região e foi um dos motores do grande movimento que levou à realização do II Congresso Republicano de Aveiro. Tanto nas reuniões preparatórias, como nos trabalhos do secretariado, o dr. Álvaro Neves foi a figura pendular e decidida a vencer todos os obstáculos, e só mercê da conjugação das quatro vontades e actividades se conseguiu o êxito de todos reconhecido.

O dr. Álvaro Neves foi, na sessão de abertura, o intérprete de todos os organizadores em cuja voz se conjugaram realmente toda a tradição liberal e todo o forte querer aveirense. Por ele falaram os liberais dispostos a todos os sacrifícios desde o levantamento que deu a leva da morte da Praça Nova, no Porto.

Dr. Álvaro de Seiça Neves



AÇORES	ÁLVARO TAVARES	LISBOA	AUTO INDUSTRIAL, SARL
ALMADA	LEMAUTO-UNIÃO DE AUTOMÓVEIS, SARL	LISBOA	LICAR, SARL
AVEIRO	STAND JUSTINO	LISBOA	SOREL, SARL
BEJA	COSTA & SILVA, LDA.	MADEIRA	F. DE ORNELAS CUNHA
BRAGA	FERNANDO DIOGO SIMÃO	OLIVEIRA DE AZEMEIS	GARAGEM JUSTINO
BRAGA	SOC. DE REPRESENTAÇÕES ETHOS, SARL	PONTE DO SOR	RODRIGUES & FIGUEIRA, LDA.
CALDAS DA RAINHA	AUTO INDUSTRIAL, S.A.R.L.	PORTIMÃO	FARAUTO, LDA.
CASTELO BRANCO	LUIS DOMINGOS & IRMÃOS, LDA.	PORTO	ANTÓNIO SARDINHA, LDA. (NORMOTORES, SARL)
COIMBRA	AUTO INDUSTRIAL, SARL	PORTO	MOTO-MECA, SARL
COVILHA	AUTO COVILHA	PORTO	MUNDAUTO, SOC. COMERCIAL DE AUTOM., LDA.
ELVAS	ANTUNES & GUERRA, LDA.	SANTAREM	BATISTA, LDA.
EVORA	ACINAUTO, LDA.	SANTAREM	GUIAUTO, AUT. E CAMIÕES DO RIBATEJO, LDA.
FARO	FARAUTO, LDA.	TOMAR	AUTO ACESSÓRIOS, LDA.
GUARDA	MANUEL CONDE	TORRES VEDRAS	FONSECAS, COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, SARL
LEIRIA	AUTO INDUSTRIAL, SARL	VILA REAL	MOREIRA DE CARVALHO & BOTELHO, LDA.
		VISEU	AUTO JUSTINO SANTOS, LDA.
		VISEU	LEMOS & IRMÃO, LDA.

visite JÁ o SEU concessionário GM

GM
MARK OF EXCELLENCE

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

[illegible] não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
T. 3[illegible]

Pasta Medicinal Couto — Evita e trata doenças da boca — PORQUE É MEDICINAL

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

O CONGRESSO REPUBLICANO DE AVEIRO

(Continuação da pág. anterior)

por recordar os nomes de três democratas ultimamente falecidos, os drs. António Luís Gomes, Manuel das Neves e Mário Sacramento, para se referir, depois, aos democratas portugueses que morreram nos últimos anos, tendo pedido um minuto de silêncio em sua memória.

O coronel Helder Ribeiro aludiu, em seguida, a todos os democratas portugueses espalhados pelo mundo.

Agradecendo, depois, o convite que lhe foi dirigido para presidir à sessão inaugural recordou ser um dos poucos sobreviventes da Assembleia Constituinte cuja importancia na Republica sublinhou.

O coronel Hélder Ribeiro disse ainda que era a terceira vez que vinha a Aveiro, sendo a primeira com o ministro Correia Barreto para condecorar a cidade.

A terminar, o antigo ministro da Republica exaltou os ideais democráticos.

A MENSAGEM DE FERREIRA DE CASTRO

A estudante universitária D. Clara Sacramento leu, então, a seguinte mensagem do escritor Ferreira de Castro:

«Meus amigos: Encontrar-me-ei ausente de Portugal na data em que se efectuará o Segundo Congresso Republicano. Aqui estou, porém, a dizer-vos que a vossa iniciativa merece calorosos louvores pelos problemas que vai estudar e pelo carácter nacional, partindo do nosso distrito de Aveiro, que é um dos grandes símbolos da liberdade. E, acima de tudo, por esse Congresso corresponder ao desejo da maioria dos portugueses, entre os quais se encontram tantos, tantos, que ilustram altamente a nossa terra, com os seus méritos em todos os campos do espírito, inclusive os das letras e das ciências. Méritos que em muitos casos não puderam colocar-se inteiramente ao serviço de uma colectividade que tanto carecia deles; não puderam porque, para o fazer, teriam de praticar abjurações e adesões incompatíveis com a sua dignidade de cidadãos e a sua mentalidade de homens livres.

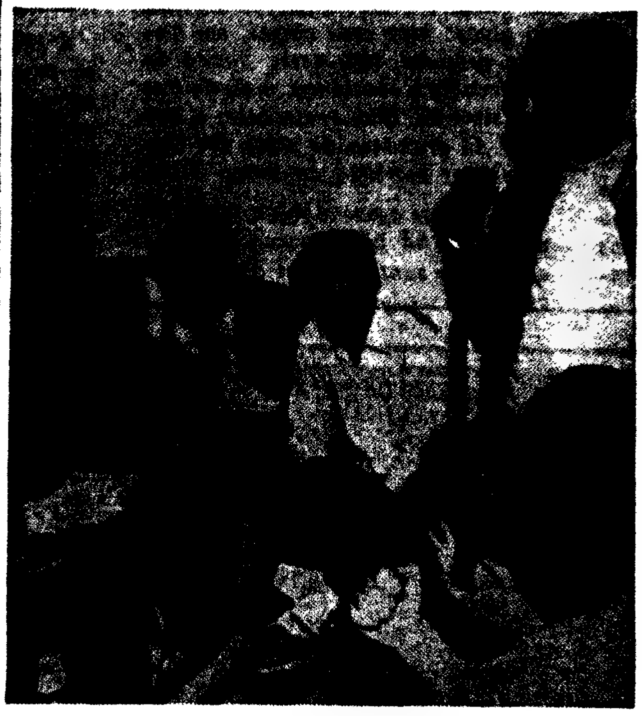
Sabeis que não tenho nenhuma ambição política e que, se a tivesse, me faltariam condições temperamentais para a efectivar. Sabeis que sou apenas um simples escritor que ama os seus semelhantes e muitas vezes não consegue dominar a sua velha timidez, esse defeito sempre latente. Um escritor que nunca desejou nem deseja para ele coisa alguma do Estado, salvo a restituição da liberdade

Sabeis também, decerto, que as minhas aspirações por uma sociedade nova e justa ultrapassam as características da nossa primeira republica e de outras semelhantes que existem no Mundo Mas esse regime republicano, apesar de todas as dificuldades que lhe criaram, apesar de tão combatido por aqueles que julgavam ameaçados nos seus imensos privilégios, lutou sempre por manter a Liberdade.

E é sabido que quando a Liberdade nos permite expor, em plena luz, as nossas ideias, as nossas discordâncias ou os nossos anseios, os grandes ódios colectivos deixam de se gerar, porque o ódio, ave nocturna, nasce de sombrias humilhações, de negras opressões e alimenta-se de sucessivos recalcamentos. Ora é justamente uma sociedade isenta de ódio, é um mundo de compreensão e de amor, sem oprimidos, sem humilhados, sem explorados, esse que nós desejamos. Um mundo que dignifique o homem e a sua inteligência.

A minha vida está já muito perto do seu termo e esse horizonte começa a cerrar-se definitivamente para os meus olhos. Mas sinto um grande confronto por saber que ao mesmo tempo que ele se fecha para mim, se vai abrindo, cada vez mais luminoso promissor, para os outros, sobretudo para os que chegarem depois de nós.

Faço votos para que haja, durante Congresso, muito sol na nossa Aveiro. Certamente os congressistas ocupar-se-ão de temas muito melhor estruturados do que estas pobres palavras que lhes endereço e que talvez se tenham mesmo afastado um pouco das normas estabelecidas no programa. Se assim aconteceu, foi porque não sei ver, nem sentir de outra maneira a nossa época e os seus problemas Não sei ver o mundo de ontem e de hoje, sem o meu cérebro e o meu coração desejarem a Humanidade redimida de todas as injustiças — um mundo justo e fraternal para todos, todos os homens!»



O Congresso interessa à juventude democrática.

«QUE A REPÚBLICA, EVOLUCIONANDO, SAIBA SUBSISTIR» — VOTOS DO ENG.º CUNHA LEAL

Subiu nesse momento ao palco o sr. dr. Artur Cunha Leal, para ler a mensagem que seu pai, o antigo presidente de Ministério, eng.º Cunha Leal, enviou ao II Congresso Republicano, de Aveiro, impedido por doença de estar presente naquele grande acontecimento. Eis os termos da mensagem:

«Nestes magros dias de euforia e simultâneamente de reflexão, quisera encontrar-me na grata companhia de camaradas que, quais os presentes, desde sempre, conceberam o regime republicano como promissor de transformações sócio-políticas, susceptíveis de propiciar á arquivelha Pátria portuguesa disciplina espiritual, progresso material e justiça distributiva. Não quis o Destino que se efectivasse este meu violento anelo. Com esta crueldade dos Fados fui eu o unico a perder, já que a minha presença pouco ou nada poderia acrescentar ao brilho do complexo das vossas concepções sobre a marcha evolutiva da nossa sociedade, sem vulneração de principios éticos da mentalidade internacional, sem sonhos hiperbólicos de grandeza, que acabam por se transformar em causas seguras de esgotamento vital, sem lambujens de vaidade que desandam em caricaturas de velhos pobres a fingirem de novos ricos.

O que é que, radicalmente, nos separa dos rancorosos senhores que, há 43 longos e eternos anos, conseguiram estabelecer um domínio implacável sobre a nossa pobre colectividade nacional? O que é que impossibilita a transmutação duma velha e pegajosa União Nacional numa *nova* e florescente União? São, fundamentalmente, três os motivos: 1.º) a desoladora privação das liberdades individuais que, na intimidade da consciência, nos reduz aos nossos próprios olhos a entidades amorfas, sem vislumbres de coragem moral; 2.º) o estabelecimento do regime corporativo, que imprime ao destino das classes trabalhadoras a modalidade duma escravatura, por mais que a irradiação craniana do sr. ministro das Corporações tente incutir-lhe uma caracterização diferente; 3.º) a radical negação do principio da liberdade aos Povos quando a sua marcha evolutiva o constituta com benefício para as próprias entidades liberandas, após um periodo de preparação que se tente tornar o mais curto possivel, em proveito de colonizados e colonizadores.

Estou convencido de que as teses presentes a *este Congresso Republicano* — propositadamente acentuo com esta adjectivação a sua essência fundamental — hão-de caracterizar a objectividade de que importa revesti-lo e de que as conclusões votandas a não-de pôr em luminosa evidência. E, por isso, dirijo a todos os seus membros, sem excepção, as minhas calorosas saudações. Elas evolam-se do mais recondito da minha alma — esta alma em que o desgaste de um pouco mais de 80 anos não conseguiu extinguir a vibratilidade que sempre a caracterizou.

A fé republicana que nela se infiltrou desde o alvor da minha mocidade nem sequer a morte a conseguirá extinguir. Dela se evolará qualquer coisa que os meus Filhos, Netos e Bisnetos saberão guardar — eles também — na intimidade dos seus seres.

Que a Republica, embora evolucionando, saiba subsistir com as características fundamentais do seu modo de ser são os meus ardentes votos. Saudações minhas efusivas — repito — para quantos, como V. Ex.as, saibam ser nesta hora crucial os intérpretes colectivos dum sentimento consagrado exclusivamente em 5 de Outubro de 1910 pela mais generosa e idealista de todas as Revoluções de homens de pé descalço e de alma revestida de oiro!

Viva a Republica!»

«A PROMOÇÃO DA MULHER E O IDEAL REPUBLICANO», COMUNICAÇÃO DA DR.ª ELINA GUIMARÃES

Lida a saudação do eng.º Cunha Leal, foi apresentada a primeira comunicação ao Congresso, precisamente de uma mulher, a sr.ª dr.ª Elina Guimarães, nossa prezada colaboradora, que falou da promoção da mulher e do ideal republicano.

A PARTICIPAÇÃO DE UM GRUPO DE JOVENS NO CONGRESSO

Para encerramento da sessão inaugural, foi apresentada em seguida a comunicação dos jovens democratas de Aveiro. Começa por evocar a figura do saudoso Mário Sacramento, que sempre acompanhou e compreendeu a juventude.

TELEGRAMAS E SAUDAÇÕES AO CONGRESSO DE AVEIRO

Durante a tarde e noite de ontem continuaram a afluir ao secretariado do congresso inumeras mensagens de saudação e aplauso a esta manifestação. Dentre elas destacamos os telegramas de Utra Machado, Lisboa; Tarrosso Gomes, Braga; Eduardo Fernandes, Lisboa; Manuel Jerónimo Rodrigues de Sousa, Alvito; Manuel Augusto Florêncio, Algés; dr. Veloso de Pinho e Veiga Pires, Porto; José Moedas Melo Garrido, em nome dos profissionais de Imprensa de Beja; dr. António Sousa Gomes, Ponta Delgada; dr. Aristides Couto, em nome de republicanos de Vila Real; revisores do «Diário de Lisboa» Rogério Pereira, José Azevedo, Tabuada, João Valente, Artur Cruz, Carlos Lopes; Joaquim Ferreira Oliveira, Miguel Baguelse, Manuel Nunes, em nome dos democratas de Alcantara, Lisboa; Bárbara Rosa Carvalho Pereira, viuva do republicano Carlos Maria Pereira, Tomar; António Eliseu de Macedo, Lisboa; Tomás Oliveira Silva e João Esteves Simões, Soure; João Anunciação Boticas, 63 signatários democratas de Beja que auguram o maior êxito ao II Congresso, ao qual enviam cordiais saudações; arq.º Lucio Estrela Santos, Porto; Eduardo Rósas Nobre, em nome dos republicanos do concelho de Sátão; Carvalhão Duarte, Lisboa; dr. Luís Salas, Lisboa; dr. Adelino da Palma Carlos, Lisboa; Januário Nunes dos Santos, Lisboa; democratas do Luso (4 assinaturas); Abílio Sobral, Barcelos; Domingos Correia, Lisboa; um grupo de engenheiros-agrónomos, Lisboa; José Cipriano das Chagas, Campo Maior; Guilherme da Palma Carlos, Lisboa; Adalberto Gomes, Guarda; Carlos Aragão, Seia; eng.º Albertino Pires Antunes, Lisboa; Ricardo Julio Pais Gomes, Lisboa; Aldino Pais, Nelas; Olindo Figueiredo, Lisboa; Moreira Dias, Sernancelhe; dr. Manuel Machado da Luz, Lisboa; dr. Manuel Carlos Adrega, Lisboa; tenente José Simões Pinto, Amareleja; Manuel Simões Pinto, Coimbra; dr. Olívio França, Porto; mensagem dos democratas torrejanos (Torres Novas), com 32 assinaturas; mensgens dos republicanos de Mortágua (77 assinaturas).

Por outro lado e por carta, contendo palavras de entusiástico apoio aos organizadores do Congresso, e fazendo votos pelo seu completo êxito, dirigiram-se ao secretariado: Armando de Oliveira Soares de Albergaria, Macieira de Cambra; Adão da Cruz

CAMINHOS DE FERRO

A C. P. acaba de editar um folheto descritivo com o plano das «EXCURSÕES» a realizar no corrente ano, que poderá ser solicitado nas Secções de Informações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais e nas Agências de Viagens autorizadas.

Em LEIRIA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Baltazar & Rodrigues, Rotunda de Santana, 1.

O prof. Rodrigues Lapa assume a presidência das sessões de trabalho

A sessão da tarde (primeira de estudos) foi presidida pela prestigiosa figura do mestre e cidadão exemplar, prof. Rodrigues Lapa, que a abriu com um discurso em que, depois de prestar a sua «homenagem de adversário político» ao governador civil de Aveiro, que classificou de «homem singular», afirmou:

— Estamos aqui empenhados em discutir e criticar certos princípios, sistemas e modos de vida que nos foram impostos e que não podemos de boa mente aceitar.

Evocou, seguidamente, Mário Sacramento — «sombra tutelar deste Congresso» —, e prosseguiu:

— Posto isto, quero dizer-lhes que não estou inteiramente conforme com a designação, por demais restrita e algo abstracta, que se deu ao nosso Congresso. A não ser que, pela palavra «republicanos», se entenda o protesto contra a invasão maciça de elementos que constituem uma dupla traição à República e à Monarquia.

(Continua na página seguinte)

PEQUENAS NOTAS DO CONGRESSO

✱ *Mensagens de personalidades que se encontram fora do País estão a ser recebidas, em grande número, em Aveiro. Sabe-se, por exemplo, que duas delas são assinadas pelos drs. Ramos da Costa e Rui Luís Gomes.*

✱ *Está em Aveiro o conhecido universitário e socialista espanhol prof. Raul Morodo, da Faculdade de Economia de Madrid. É observador e representa o sector socialista espanhol.*

✱ *Uma equipa da Televisão Alemã filma alguns acontecimentos integrados no Congresso, para um programa, a transmitir de Munique, sobre a política portuguesa após a nomeação de Marcello Caetano.*

✱ *A comunicação do coronel Hélder Ribeiro, na sessão inaugural, era a cada passo interrompida por vibrantes salvas de palmas. O público (mais de 1200 pessoas) encheu literalmente o Teatro Aveirense, onde, ainda há dias, decorreu a cerimónia da posse da comissão distrital da União Nacional.*

O CONGRESSO REPUBLICANO

(Continuação da pág. anterior)

Mais adiante, e depois de salientar o facto de se encontrarem representadas no Congresso várias correntes de oposição ao regime vigente, o prof. Rodrigues Lapa disse:

—Todos cabemos sob a mesma bandeira; e para traduzir esta aspiração a um mundo melhor, só vejo uma palavra, *Democracia*, ou, se o quiserem, *Sócio-Democracia*, entendida como «o governo do povo, pelo povo e para o povo». Não tenhamos medo desta palavra, a que os nossos adversários tentam dar um sentido pejorativo, afastando-o das nossas reuniões. O povo, é ainda capaz de grandes coisas, e conhece por instinto donde lhe vem a salvação. Nunca teve os governantes que merece,— disse alguém a respeito dele.

Disse, mais adiante, o presidente da sessão:

—Pois não é verdade que necessitamos duma lei de Imprensa que nos dizem estar há muito tempo em estudo?

E o prof. Rodrigues Lapa terminou:

— Meus caros correligionários: vamos realizar o nosso Congresso.

Que ela seja a inequívoca afirmação, nesta cidade de tão gloriosas tradições liberais, da nossa intransigente fidelidade aos princípios da Democracia. E que ele se inicie e conclua sob o signo da Unidade, da Firmeza e da Esperança! Viva Portugal! Viva a República! Viva a Democracia!

A EDUCAÇÃO NA DEMOCRATIZAÇÃO — TESE DOS DRS. RUI GRÁCIO E JOEL SERRÃO

Os drs. Rui Grácio e Joel Serrão apresentaram uma tese intitulada *«A educação na democratização do País»*.

A tese começa por definir o conceito de democracia, após o que empreende uma análise das coordenadas da história portuguesa desde o liberalismo. «Foi sob o signo da ambiguidade que a experiência liberal despontou entre nós.

«Consciente do seu pequeno peso no conjunto das forças nacionais e da impossibilidade de chegar á massa ignara, apática, vivendo num tempo histórico transacto, a burguesia, para impor a sua situação, viu-se obrigada a associar-se ao Exército, que foi, deste modo, promovido a árbitro da situação nacional» — afirma-se nesta altura.

Analisada, seguidamente, a «ambiguidade da experiência liberal portuguesa», a exposição refere os baixos índices de cultura e consciência cívica, durante o período constitucional, lembrando que se «queremos uma democracia, temos de nos educar a todos para ela, começando por criar as condições de base».

O trabalho apresentado pelos drs. Rui Grácio e Joel Serrão incide, depois, sobre os aspectos da relação entre democracia e educação — as duas necessárias uma á outra.

PORTUGAL NO CONJUNTO DAS NAÇÕES IBÉRICAS — PELO DR. JOSÉ RODRIGUES

O dr. José Rodrigues, da Anadia, no seu trabalho sobre «Portugal no conjunto das nações ibéricas», concluiu:

«Cumpre-nos, para finalizar, expor as razões do nosso asserto quando no início desta comunicação afirmamos que uma das leis que modela o espírito colectivo das nações da península é a que pode formular-se nestes termos: aspiração de liberdade civil e tendência para a realização da Democracia.

A evolução social dos povos peninsulares processou-se sob dupla influência da tradição aristocrática dos invasores germânicos e da tradição democrática dos romanos que os precederam.

Não há dúvida, pois, que a aspiração de liberdade civil e a tendência para a realização da Democracia, constituem uma lei histórica da psicologia colectiva de todas as nações peninsulares, desde a sua formação na Idade Média.

Concluindo: o povo Português foi sempre contrário a qualquer forma de união ibérica.

Contudo, pretende as melhores relações com todas as nações peninsulares, distinguindo, porém, a Galiza, dadas as suas estreitas afinidades étnicas e culturais com Portugal.

A reivindicação das liberdades cívis e políticas é uma constante da evolução histórica do povo português».

A FORMAÇÃO DESPORTIVA É UM DOS ASPECTOS DA PROMOÇÃO SOCIAL DO POVO PORTUGUÊS — OU 20 SUGESTÕES PARA O FOMENTO DO DESPORTO NACIONAL, PELO PROF. JOSÉ ESTEVES

Coube depois ao prof. José Esteves apresentar a sua tese intitulada «A promoção desportiva é um dos aspectos da promoção social do povo português». Começou por acentuar que a promoção desportiva é um dos vários aspectos da promoção social, estabelecendo as diferenças entre promoção desportiva e espectáculo desportivo.

Depois de ter analisado a estrutura do nosso desporto e as suas consequências, apresentou 20 soluções para os principais problemas expostos. Essas soluções são: a aplicação integral das verbas do totobola na actividade gimnodesportiva das crianças; a elaboração de um estatuto das colectividades de utilidade pública; a criação de institutos superiores de educação física e de animação cultural, em Lisboa, Porto e Coimbra; a criação de vários institutos regionais de educação física para a formação de técnicos e dirigentes; o estudo urbanístico dos parques desportivos; planos de fomento; criação em todos os distritos do País de associações regionais de desportos; admissão livre de equipas não profissionais nalguns campeonatos; criação de actividades de Verão; criação de um serviço de educação física nas Forças Armadas; reorganização da Direcção-Geral dos Desportos; auxílio ao movimento escotista português; aumento do parque campista nacional; criação de um organismo que superintendesse em tudo o que dissesse respeito ás actividades normais de clubes e federações; realização de experiências pedagógico-desportivas e gimnodesportivas; exigência de ginásios e campos de ar livre; autosuficiência financeira do desporto nacional; regulamentação e moralização do desporto nacional; realização anual de um congresso de juventude e desportos.

TOMAZ DA FONSECA VIVO — UM INTELECTUAL COM BANDEIRA AO SERVIÇO DO POVO — TESE DE FERNANDO MOUGA, JOSÉ SIMÕES DINIS E AUGUSTO CÉSAR ANJO

A tese a seguir apresentada pelos drs. Fernando Mouga, Simões Dinis e César Anjo, traça o perfil da obra de Tomás da Fonseca, terminando por dizer:

«É a continuação do combate que Tomás da Fonseca travou sem uma fraqueza, sem uma paragem durante 70 anos. E assim adquire dimensão nacional a consagração que a sua dignidade cívica e intelectual impõe.»

A TERRA E O SEU EMIGRANTE — TESE DO DR. JOSÉ ALBERTO RODRIGUES

O dr. José Alberto Rodrigues, de Vila Pouca de Aguiar apresentou a sua comunicação «A Terra e o seu Emigrante».

A FUNÇÃO FORMATIVA DA IMPRENSA — TESE DE MANUELA DE AZEVEDO

A nossa camarada de Imprensa D. Manuela de Azevedo, ao apresentar a sua tese «O jornal, o jornalista e a função formativa da Imprensa», propôs as seguintes medidas:

«Cumprimento da lógica interpretação do art.º 1.º do Dec. 12 008, de 20 de Julho de 1926, que signifique ao Poder, que lutar por uma Imprensa livre e digna é criar instrumentos fiscalizadores e seladores da dignidade e liberdade de todos.»

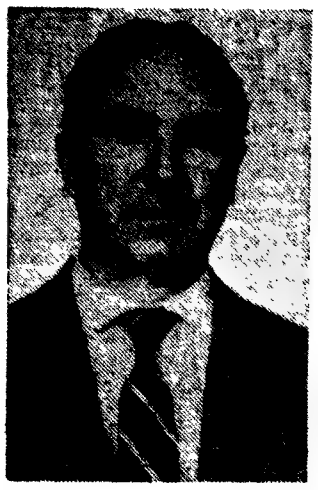
A SITUAÇÃO DO ESCRITOR EM PORTUGAL — COMUNICAÇÃO DE JOSÉ TENGARRINHA E AUGUSTO DA COSTA DIAS

O documento constituiu uma exposição detalhada das condições de vida do escritor em Portugal, incluindo a análise da sua posição perante o publico, a falta de instituições culturais de apoio á sua actividade, a estrutura do ensino, etc.

A tese faz comparações entre o período da Republica e o período do Estado Novo. 1926, grosso modo, é uma data de viragem na cultura portuguesa, dentro do ciclo inaugurado no século XIX.

«A cultura portuguesa, os seus problemas, os problemas mais vastos de todo um povo em que se radica, exigem que os escritores se debrucem sobre eles com lucidez cada vez maior, visando soluções que correspondam ás necessidades e aos

(Continua na página seguinte)



PROF. MANUEL RODRIGUES LAPA

CORONEL HÉLDER RIBEIRO

FIGURAS DO CONGRESSO

Coronel Hélder Ribeiro

Grande figura da República, o coronel Hélder Ribeiro mantém, aos oitenta e cinco anos, a crença no ideal democrático que o animou na juventude.

Natural de Lisboa, estudou na Politécnica e na Escola do Exército, fazendo, depois, o curso do Estado-Maior. Foi da comissão revolucionária do 5 de Outubro. Bateu-se na Primeira Grande Guerra, em França, tendo abandonado a sua cadeira de deputado para ir para a frente de batalha. A Torre e Espada mereceu-a em combate.

Várias vezes ministro, professor da Escola do Exército, Hélder Ribeiro foi dos chefes da revolta do Porto, em 3 de Fevereiro de 1927. Já antes, em Junho de 1926, estiveram preso na fragata «D. Fernando». Em 1931, foi demitido do Exército, tendo sido reintegrado na situação de reforma, em 1936.

Em 1945, presidiu, no Porto, no Cinema Olímpia, á primeira sessão do Movimento de Unidade Democrática, e a sua decisão mantém-no sempre na primeira fila dos combatentes da República. Ainda, em 31 de Janeiro deste ano, presidiu, no Coliseu do Porto, á grande sessão comemorativa do aniversário da revolta de 1891.

Lutador de rara fibra, o coronel Hélder Ribeiro, que amanhã preside á sessão de abertura do II Congresso Republicano de Aveiro, constitui um vivo exemplo do combatente que não abate, qualquer que sejam as dificuldades. Pode servir de modelo da sua geração, a que fez a República generosa, tolerante e aberta a todos os portugueses.

Prof. Manuel Rodrigues Lapa

Universitário de prestígio internacional e que desde 1935 se viu forçado a abandonar a Faculdade em que se doutorara e de que, ainda assistente, era figura marcante, o prof. Manuel Rodrigues Lapa assumiu a presidência efectiva do II Congresso Republicano de Aveiro por direito próprio.

Natural de Anadia, no seu activo em prol da democracia conta-se uma vida que poderia ter sido das mais fecundas no campo do ensino e na projecção intelectual de trabalhos de raro valor. Mas em Rodrigues Lapa se continua também aquela pecha nacional de desperdiçar e inutilizar os nossos reais valores, os que bem poderiam contribuir para a elevação do nível mental e moral da Nação.

Os livros de Manuel Rodrigues Lapa continuam a ser consultados e a servir de guia a muitos estudantes da Faculdade de que ele saiu há trinta e quatro anos. E, fora da Universidade portuguesa, deu-nos obras, como esse «Cancioneiro Galaico-Português» que só tem par nas obras de Carolina Michaelis. O Brasil irmão aproveitou-lhe os méritos e durante anos foi em terra brasileira que o seu ensino irradiou e que os seus livros foram impressos.

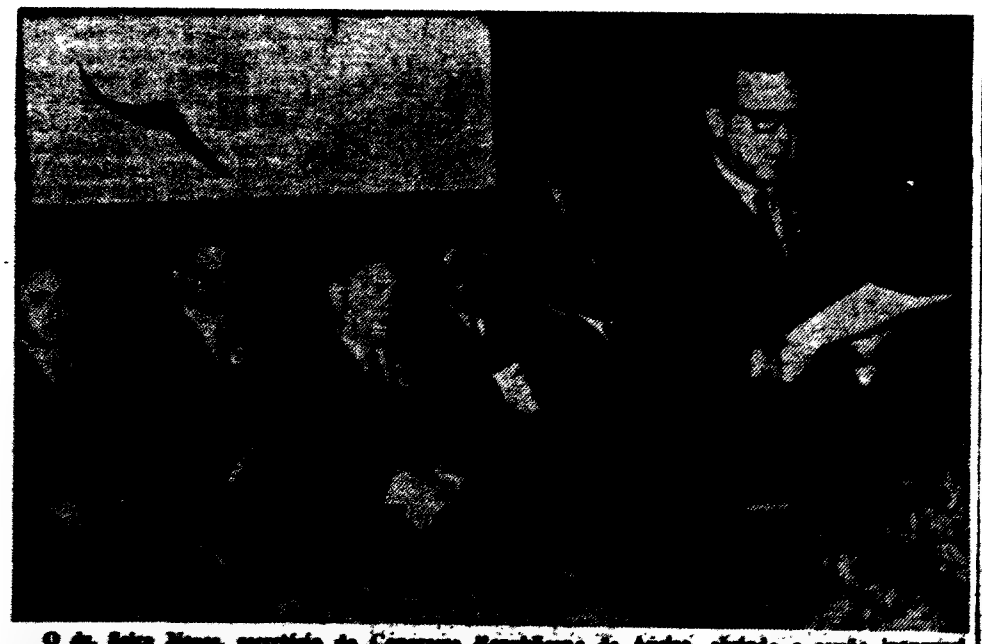
Intelectual e homem de carácter, bem pode o prof. Rodrigues Lapa exemplificar aquele tipo que o seu amigo Sá de Miranda, há quatro séculos, chamava o «homem de um só parecer e de uma só fé». E também ele «homem da corte não é».

AS TESES DE HOJE

Na sessão da tarde, e depois do discurso do prof. dr. Rodrigues Lapa, foram apresentadas as seguintes teses: «A Educação na Democratização do País», pelos drs. Rui Grácio e Joel Serrão; «Portugal no Conjunto das Nações Ibéricas», pelo dr. José Rodrigues; «A Formação Desportiva é um dos Aspectos da Promoção Social do Povo Português», pelo professor José Esteves; «Tomaz da Fonseca Vivo — Intelectual sem Bandeira ao Serviço do Povo», pelos drs. Augusto César Anjo, J. Simões e Fernando Mouga; «A Terra e o seu Emigrante», pelo dr. José Alberto Rodrigues; «O Jornal, o Jornalista e a Função Formativa da Imprensa», por D. Manuela de Azevedo; «A Situação do Escritor em Portugal», pelos drs. J. Tengarrinha e Augusto da Costa Dias; «Do Sigilo da Correspondência», pelo dr. António Macedo; «A Democratização do Ensino em Portugal e do Ensino Particular», pelo dr. Santos Simões; «A Censura Administrativa á Imprensa», pelo dr. Raul Rego; «A Extensão e Profundidade dos Estudos Superiores em Portugal: «A Universidade e a Cultura», pelos drs. Veiga Pires e Veloso de Pinto; e «Para uma definição de Democracia», por Ança Regala.

Na sessão da noite, que será presidida pelo sr. prof. dr. Orlando de Carvalho, serão apresentadas as seguintes comunicações:

«A Modernidade e a Ordem Jurídica Portuguesa», pelo dr. Vasco da Gama Fernandes; «As Casas dos Trabalhadores nos Centros Urbanos», pela eng.ª D. Virgínia Moura e pelo arquitecto Lobão Vital; «Bases para uma Lei Eleitoral de Expressão Democrática», pelo dr. Costa e Melo; «Alguns Problemas Concretos da Cultura Portuguesa», pela revista «Vértice»; «Direitos de Informação e de Comunicação como Condição de Cidadania», pelo dr. Abranches Ferrão; «Economia Portuguesa — Sua Evolução e Perspectivas», pelo dr. Gilberto Lindim Ramos; e «Justiça e Polícia», pelos drs. Salgado Zenha e Duarte Vidal.



O dr. Seiça Neves, secretário do Congresso Republicano de Aveiro, abrindo a sessão inaugural

O CONGRESSO REPUBLICANO

(Cont. da página anterior)

anseios da comunidade a que pertencem.»

«DO SIGILO DA CORRESPONDÊNCIA» — TESE DO DR. ANTÓNIO MACEDO

Na comunicação apresentada ao Congresso, pelo sr. dr. António Macedo, acerca do «Sigilo da Correspondência», fixam-se as coordenadas legais que comandam, disciplinam e delimitam a actuação das autoridades judiciais e policiais e a dos funcionários dos serviços dependentes da Administração-Geral dos Correios e Telégrafos.

A traços largos, e em resumo, afirma o dr. António Macedo:

«Em seguimento dos normativos constitucionais da monarquia liberal, que proclamavam ser inviolável o «segredo das cartas», responsabilizando a Administração dos Correios pelas infracções que se verificassem, a Constituição Política da República Portuguesa, de 1911, estatuiu também a *inviolabilidade do segredo ou sigilo da correspondência*, que a Constituição de 1933 manteve, com a ressalva dos «termos em que a lei determinar» — como «liberdade, direito e garantia individual do» cidadãos portugueses.»

Porém, «nenhuma autoridade estranha aos serviços dos correios e telégrafos poderá neles intervir», e mesmo nos casos em que as diligências ou providência «legalmente requisitadas» e consentidas sejam de efectuar deverão elas ser exclusivamente executadas pelos empregados (privativos) dos correios e telégrafos, pelo modo prescrito nos regulamentos.»

De contrário, incorrerão uns e outros (os que requisitem, ordenem ou executem as diligências, com inobservância dos dispositivos legislados) em sanções administrativas, disciplinares ou penais, conforme os casos e sempre que, por qualquer forma — indevida ou irregular — *haja violação das correspondências* ou, como é óbvio, se retenham ou sequestrem, obstando á sua *normal circulação*.

O dr. António Macedo, depois de fazer várias considerações, legalistas e doutrinárias, e de ilustrar a sua «comunicação» com o exame de um caso concreto, termina por emitir o *voto* de que, pela prevalência da ordem jurídica, se cumpra a lei — salvaguarda, por hipótese, do princípio constitucional que estatui como direito e garantia dos cidadãos portugueses «o sigilo da correspondência, nos termos que a lei determinar.»

A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO EM PORTUGAL — COMUNICAÇÃO DO DR. SANTOS SIMÕES

O dr. Santos Simões, ao apresentar a sua tese sobre «A Democratização do Ensino», começou por afirmar que a reforma de uma sociedade subdesenvolvida só será possível através de reformas muito profundas da sua estrutura sócio-económica. Aludiu seguidamente, ás condições de democratização do ensino, afirmando que elas são, básicamente duas: professores e rede escolar.

A terminar, pediu: um ensino livre numa escola livre; um ensino para todos; uma escola para todos, uma nação de todos; num país livre.

EXTENSÃO E PROFUNDIDADE DOS ESTUDOS SUPERIORES EM PORTUGAL — COMUNICAÇÃO DOS DRS. VEIGA PIRES E VELOSO DE PINHO

A tese dos drs. Veiga Pires e Veloso de Pinto, intitulada «A Extensão e Profundidade dos Estudos Superiores em Portugal», desenvolve longamente o problema da Universidade e da cultura.

Propõe-se a criação duma *Comissão Provisória* que aponte o caminho a seguir para dar sequência de estudo ás teses anteriormente postas.

PARA UMA DEFINIÇÃO DE DEMOCRACIA — TESE DA ANÇÃ REGALA

Na sua tese «Para uma Definição de Democracia», Ançã Regala faz quatro perguntas, a que correspondem as seguintes conclusões: 1) enquanto transformação do tempo no tempo, a democracia é anti-dogmática, é escola da vida, aprendizagem constante, não é algo acabado e totalizado; 2) tem, no entanto, algo permente: de uma tomada de consciência do exterior parte-se para uma transformação desse mesmo exterior em função do homem, criando um sistema não rígido de superação de estruturas em função de um projecto histórico comum; 3) tenta esboçar que é democracia orgânica, do ponto de vista político e económico, concluindo pelo desfazamento existente entre esse conceito e o de democracia autêntica; 4) aponta caminhos. Termina com dois conceitos de liberdade e as escolhas a que conduzem.

IMPORTANTES TESES A APRESENTAR NA SESSÃO DESTA NOITE

As 21 e 30, então sob a presidência do prof. Orlando de Carvalho, prossegue nova sessão de trabalhos do Congresso, em que serão apresentadas as seguintes teses: «A Modernidade e a Ordem Jurídica Portuguesa», pelo dr. Vasco da Gama Fernandes; «As Casas dos Trabalhadores nos Centros Urbanos», pela eng.ª D. Virgínia Moura e pelo arquitecto Lobão Vital; «Bases para uma Lei Eleitoral de Expressão Democrática», pelo dr. Costa e Melo; «Alguns Problemas Concretos da Cultura Portuguesa», pela revista «Vértice»; «Direitos de Informação e de Comunicação como Condição de Cidadania», pelo dr. Abranches Ferrão; «Economia Portuguesa—Sua Evolução e Perspectivas», pelo dr. Gilberto Lindim Ramos.

Um aspecto da assistência á sessão inaugural. (Telefoto)

A MODERNIDADE E A ORDEM JURÍDICA PORTUGUESA — TESE DO DR. VASCO DA GAMA FERNANDES

O dr. Vasco da Gama Fernandes, na sua tese «A Modernidade e a Ordem Jurídica Portuguesa», começou por afirmar que «numa Democracia não há dogmas, pois ela exclui a estratificação das ideias ou a sua sacralização. Disse, a certa altura, ter a certeza de que «não haverá nenhum congressista que despreze os ensinamentos da modernidade», acrescentando mais adiante:

«Ao promulgar-se a Constituição Política da República, escrita, pensada e discutida pelos homens que derrubaram a Monarquia, o notável instrumento, coluna vertebral do regime nascente, interpretava as fontes do conhecimento filosófico do tempo e traduzia, com nobre lassidão, as conquistas jurídicas e políticas da época que era a sua. Entretanto, a evolução da História e da Cultura, o desabar das reestruturações modernas, a presença das problemáticas socialistas e o desenvolvimento da técnica, criaram um tipo civilizacional, o *estilo de vida* de que nos fala algures Fidelino de Figueiredo e que os poetas da estirpe de García Lorca sintetizaram na necessidade de preservar e defender os *grandes pensamentos*. Sem prescindir da pureza das ideias, neste caso da pureza da Liberdade, a Ciência política foi criando novos temas sociológicos, económicos, morais e intelectuais que importa inserir nas concretizações do presente e do futuro.»

O dr. Vasco da Gama Fernandes afirmou, mais adiante:

«A *modernidade* é a nossa óptica: com ela construiremos a Pátria para todos os portugueses, sob a égide de uma Democracia Republicana, respeitadora das ideias estranhas, mas firme nas tarefas que preservem as estruturas do regime e, ao mesmo tempo a integrem numa ordem social e política actualizada e conforme com as revelações históricas vindas até nós.»

O AGRICULTOR MODERNO NA ECONOMIA DE MERCADO

— tema abordado em Pegões pelo secretário de Estado da Agricultura

PEGÕES, 15 — «*Cremos bem que, sem desprezar as acções de fundo indispensáveis, importa actuar decididamente na recuperação das reservas intelectuais ainda existentes, mas cujas oportunidades de valorização não foram a seu tempo aproveitadas*», afirmou, esta tarde, o secretário de Estado da Agricultura, na sessão de encerramento do 6.º Curso de Monitores de Mecanização e Pecuária, levado a efeito pela Junta de Colonização Interna no Centro de Formação Profissional Agrícola local.

— *Por outro lado* — acrescentou o eng.º Vasco Leónidas — *terá de fazer-se um esforço junto dos que, embora tendo dado por concluída a sua formação, necessitam de obter um efeito de actualização de conhecimentos perante a evolução das técnicas.*

A sessão, a que assistiram o governador civil de Setúbal, presidente da Câmara Municipal do Montijo, todos os directores-gerais daquela Secretaria de Estado e do Ensino Técnico e Profissional, e bem assim deputados e várias outras individualidades do distrito, contou, também, com a presença do subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Nogueira de Brito.

Precedido no uso da palavra pelo presidente do Município do Montijo, um aluno da escola, pároco de Pegões e eng.º Pitschieller (da J. C. I.), o eng.º Vasco Leónidas abordou em profundidade o tema da formação profissional agrícola extra-escolar, cujo particularismo vem de ela ter que obedecer a técnicas «*que tanto se apoiam no sistema geral do ensino e da educação como em acções paralelas de vulgarização agrícola subordinadas ao objectivo específico da promoção rural e da própria rentabilidade do sector agrícola.*»

O secretário de Estado sublinhou ainda:

— *A economia de mercado, em que o agricultor moderno terá de integrar-se, exige dele conhecimentos perfeitos de gestão e de organização do trabalho, espírito aberto ao associativismo e a compreensão e o entendimento dos problemas técnicos, económicos e humanos que dia-a-dia terá de enfrentar na sua própria empresa.*

A terminar afirmou que a formação profissional agrícola na Metrópole «se destina também a preparar famílias de agricultores para o Ultramar», pelo que mais acrescidas se tornam as responsabilidades que impendem sobre os serviços.

O DIA DA MÃE TEM 96 HORAS

Começaram hoje as comemorações do Dia da Mãe, que se prolongam até ao próximo domingo, num total de quatro dias, portanto de 96 horas.

As comemorações são promovidas pela Obra das Mães, pela Educação Nacional com a colaboração da Mocidade Portuguesa Feminina.

Hoje, houve uma visita ao Centro de Reeducação e Assistência ás Crianças Mongolóides — que tudo deve á Associação de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais — instituição que funciona no Largo da Ajuda com pessoal especializado a tentar recuperar numerosas crianças vítimas daquela doença.

A visita foi de senhoras da Obra das Mães que pareciam querer ficar mais ou menos informadas sobre as actividades meritórias daquela instituição particular que trava uma luta notável com apoios ou estímulos.

O «BELENENSES» VISTO PELAS CRIANÇAS

O Clube de Futebol «Os Belenenses» vai promover um concurso de desenhos subordinado ao tema «O Belenenses visto pelas crianças», integrado nas comemorações das Bodas de Ouro.

A selecção de juniores despediu-se do Ministro da Educação

Os componentes da selecção nacional de futebol de juniores, que, na Alemanha, vai continuar a disputa do torneio internacional da U. E. F. A., foram recebidos, hoje, pelo ministro da Educação Nacional, a quem apresentaram cumprimentos de despedida.

Assistiram á audiência o subsecretário da Juventude e Desporto, director-geral de Desportos e o seleccionador nacional.

AGRESSÃO A UM JORNALISTA DESPORTIVO

Por último o autor da tese apresentou conclusões.

Já foi entregue ao ministro da Educação Nacional o inquérito relativo ao caso da tentativa de agressão a um jornalista desportivo no aeroporto de Portela (Lisboa).

Sobre o assunto, o dr. Hermano Saraiva pronunciar-se-á dentro de dias.

UNIÃO NACIONAL: REUNIÃO DE ALTO NÍVEL NO DIA 31

Está marcado para o próximo dia 31, na sede da União Nacional, um encontro da Comissão Executiva com todas as comissões distritais do continente e das ilhas. A reunião, com início ás 10 e 30, deverá prolongar-se pelo resto do dia. Presidirá o dr. José Guilherme de Melo e Castro.

Entretanto houve ontem uma sessão de trabalho da mesma Comissão Executiva, durante a qual foram especialmente tratados alguns pormenores do encontro de 31.

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Monte da Caparica, concelho de Almada, de uma linha mista provisória a 6 kV, com 475 m, parte aérea com 375 m e parte subterrânea com 100 m, do apoio n.º 6 da linha para a Amoreira ao posto de transformação da SONAP — Sociedade Nacional de Petróleos ao Porto Brandão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 12 de Maio de 1969.

Pelo Engenheiro-Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Regulamento do Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa»

1. O «Grande Prémio de Publicidade Diário de Lisboa» propõe-se distinguir os anúncios publicados em 1968 nos jornais e revistas portuguesas que, pelas suas qualidades artísticas e gráficas, e pelo impacto da sua mensagem publicitária, forem julgados como sendo os melhores.

2. Podem concorrer todas as Agências de Publicidade legalmente constituídas e os Serviços de Publicidade de Empresas, desde que umas e outras exerçam a sua actividade em Portugal.

§ único — *Não serão aceites a concurso anúncios criados no estrangeiro ou adaptações, e aqueles que se provar estarem nessas condições serão desclassificados em qualquer momento.*

3. Cada Agência ou Serviço de Publicidade pode concorrer com um número ilimitado de anúncios de sua criação, devendo estes ser entregues no «Diário de Lisboa» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa, ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 31 DE MAIO.

a) De cada anúncio a preto e branco deverá ser enviada uma prova em papel «couché», no formato máximo de 42x32 cm, montado em cartolina cinzenta-clara com as dimensões de 50x32 cm. As folhas de cartolina deverão conter, no canto inferior direito, a menção, de uma forma discreta, do nome da Agência ou Serviço de Publicidade.

b) Juntamente com as provas do anúncio, a Agência ou Serviço de Publicidade deverá indicar um dos dias em que o referido anúncio tenha sido publicado no jornal ou revista.

c) De cada anúncio de cor deverão ser enviadas duas páginas do jornal ou revista reproduzindo o anúncio, seguindo-se no restante o prescrito nas alíneas anteriores.

4. Todos os trabalhos serão submetidos a JÚRI, cuja constituição é a seguinte: Igrejas Caeiro, presidente do Clube dos Publicitários; Luís Filipe de Abreu, professor da Escola Superior de Belas-Artes; Sebastião Rodrigues, artista gráfico; Vítor da Silva, professor da Escola de Artes Decorativas António Arroio, e Jorge de Oliveira, técnico de publicidade.

5. O material enviado pelas Agências e Serviços de Publicidade não será restituído e fará parte dos arquivos do «Grande Prémio de Publicidade». O «Diário de Lisboa» reserva-se o direito de fazer dele o uso que entender (exposição, reprodução no próprio jornal, em catálogos, revistas, livros, etc.) sem que os seus autores ou produtores tenham por isso direito a qualquer compensação, devendo no entanto ser sempre citado, junto a cada trabalho, o nome da Agência ou Serviço de Publicidade onde o anúncio foi criado.

6. Os prémios, a atribuir de acordo com a decisão do júri, serão entregues no próximo mês de Junho em data a designar e são os seguintes:

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE DIÁRIO DE LISBOA (anúncios a preto e branco): troféu destinado à Agência ou Serviço de Publicidade. O «Diário de Lisboa» atribuirá ainda esc. 20 000$00 para os criativos que intervierem no trabalho premiado, a distribuir pela entidade premiada.

1.º PRÉMIO DE PUBLICIDADE (anúncios a preto e branco): placa destinada à Agência ou Serviço de Publicidade e a importância de esc. 10 000$00 atribuída da forma indicada acima.

2.º PRÉMIO DE PUBLICIDADE (anúncios a preto e branco): troféu destinado à Agência ou Serviço de Publicidade e a importância de esc. 5000$00 atribuída da forma indicada acima.

PRÉMIO ESPECIAL (anúncios de cor): troféu destinado à Agência ou Serviço de Publicidade.

PRÉMIO ANUNCIANTE: miniatura do troféu destinada ao cliente da Agência de Publicidade que obtiver o GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE.

7. É obrigatória a atribuição pelo júri de todos os prémios.

8. Qualquer dúvida suscitada pela aplicação deste Regulamento será resolvida pelo júri, cujas decisões são soberanas e insusceptíveis de recurso, com ressalva do disposto no § único do artigo 2.º

PRÉMIO ESPECIAL EM COLABORAÇÃO COM A «INTERTUR» E A «AIR FRANCE» — UMA VIAGEM DE AVIÃO E OITO DIAS DE ESTADIA EM NOVA IORQUE

Além dos prémios indicados no regulamento, à Agência ou Serviço de publicidade que obtiver o Grande Prémio, será oferecida pelo nosso jornal, uma viagem de ida-e-volta a Nova Iorque, com hotel pago, durante uma semana de estadia na grande metrópole americana.

Este prémio especial, que conta com a colaboração da «Intertur—Organização Mundial de Intercâmbio Turístico Lt», e com a da «Air France», a juntar aos que o regulamento anuncia, será mais um aliciante e um estímulo para a classe publicitária.

Nova Iorque é uma das capitais da publicidade e o beneficiado com esta viagem, a indicar pela entidade contemplada, poderá tomar contacto com algumas das mais perfeitas organizações da sua especialidade.

LIVROS NOVOS

«DOCUMENTAÇÃO AVULSA MOÇAMBICANA DO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO», sumariação pelo DR. FRANCISCO SANTANA

A documentação dos arquivos portugueses não tem sido convenientemente aproveitada e difícil se torna ao investigador ir direito às fontes por falta de inventários claros e concisos acessíveis a todos. Os catálogos dos nossos arquivos estão por fazer.

Todavia o Arquivo Histórico Ultramarino teve a sorte de organizadores competentes e dirigentes que, sendo realmente do ofício se empenharam em o fazer servir á função. E ali têm trabalhado historiadores dos mais variados quadrantes do mundo e a mina que se lhes depara é abundante e cristalina

Ultimamente várias publicações têm sido feitas pelo Centro de Estudos Históricos Ultramarinos de forma a que os documentos ou, pelo menos, a indicação sumária dos mesmos, possa ser levada a qualquer biblioteca em qualquer parte do mundo A história de Moçambique conta agora com estes dois volumes dos sumários de documentos O segundo volume da *«Documentação Avulsa Moçambicana do Arquivo Histórico Ultramarino»*, abrangendo os maços 11 a 20, feita pelo dr Francisco Santana, saiu agora, com as características do primeiro.

«BOLETIM DA FILMOTECA ULTRAMARINA PORTUGUESA»

A Filmoteca Ultramarina Portuguesa tem prestado serviços valiosos aos investigadores da nossa história ultramarina A série de volumes publicados e em que se encontra o sumário desses documentos têm o interesse grande de dar aos que por esses assuntos se interessam revelações úteis

No volume agora saído do «Boletim da Filmoteca Portuguesa» inclui-se os Livros das Monções desde 1667 a 1685 ou sejam do n.º 37 ao n.º 49 São os números 35, 36 e 37 do boletim

«OS EMIGRANTES DO MAYFLOWER», por ROBERT N WEBB

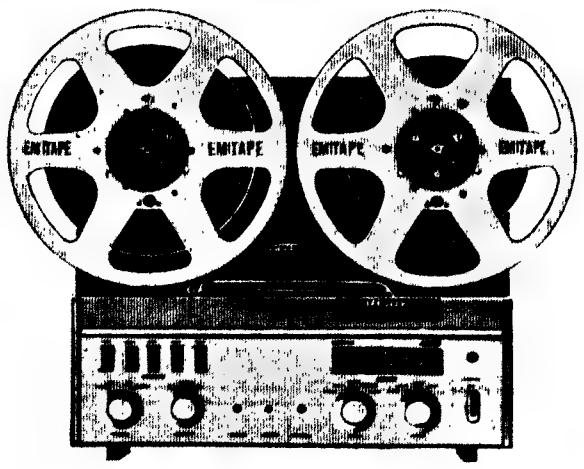
Teve repercussão na história da América e do mundo essa emigração do «Mayflower» que levou umas dezenas de casais para o novo mundo e nele influiria poderosamente

A literatura, o cinema e o teatro tomaram conta do episódio e tanto os artistas plásticos como os demais continuam ainda a versar esse tema Em tradução de Isaura Correia dos Santos, a Livraria Civilização dá-nos agora este livro, ilustrado, da colecção «Histórias para a Juventude» de Robert N Webb

Novo! O SENSACIONAL

REVOX A 77

PARA ESTÚDIOS E CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE



CONHECE ALGUM GRAVADOR QUE REÚNA TODAS ESTAS CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS?

— Resposta: 30 a 20 000 ciclos a 7 ½; distorção a pontas máximas. 2 %; ruído de fundo; —54 db (normas de estúdio)
— Utilização de bobines tipo profissional NAB de 26,5 cm de diâmetro
— 3 motores — tracção directa ao cabrestante
— Bipoe de alimentação estabilizado electrónicamente
— Igualizações NAB e IEC
— 2 velocidades comutadas electrónicamente
— Funções mecânicas comandadas por relés
— Motor de tracção com servo-regulação electrónica de velocidades
— Circuitos de tipo «plug in»
— 2 vulmetros incorporados para regulação dos níveis de entrada e saída
— Célula foto-eléctrica para paragem no fim de fita
— Mecânica telecomandável
— Possibilidades de trucagem (eco, multiplay, duoplay, etc.)
— Cabeça de reprodução independente
— Saída para auscultadores estereofónicos
— *TOTALMENTE TRANSISTORIZADO*

Peça uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95, 97-LISBOA
No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTÓNIO, 210 — PORTO

Instalações da P. S. P. de Ílhavo

ÍLHAVO, 15 — Prosseguem, embora em ritmo lento, as obras de adaptação, num grande edifício da Rua Arcebispo Bilhano, desta vila, para o aquartelamento duma força de Polícia de Segurança Pública que em breve virá para esta vila. O edifício foi visitado pelo comandante-geral, fez-se um projecto e logo se iniciaram as obras indicadas e necessárias. Far-se-á uma garagem, estão já construídas duas prisões e num anexo instalar-se-á a Subdelegação de Saúde.

Calcula-se que em fins de Junho tudo estará pronto e teremos então, na vila, uma força de dez praças da P. S. P.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

VIDA SOCIAL

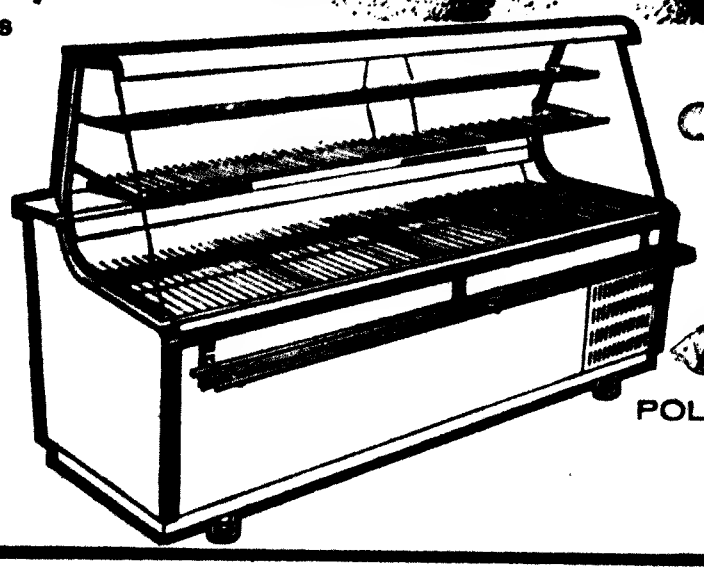
D. ISABEL MARIA PAIS DA CUNHA

SANTAR, 15. — Rodeada de seus filhos, festejou agora o seu 86.º aniversário a veneranda senhora D. Isabel Maria Pais da Cunha, viúva do antigo magistrado dr. Manuel Casimiro Coelho do Amaral Reis, na sua casa do Soito, perto de Santar. Nesse lar, recheado de antiguidades e objectos de valor, vive a veneranda senhora rodeada do respeito de todos os que com ela contactam e de todo o seu pessoal. Recebeu de vários pontos do País e, em especial, de Lisboa, afectuosos cumprimentos de parabéns.

Em ALHANDRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria do Carmo Barroso (Merceeira), Av. Major Joaquim José Paiva, 18, 3.º-Dt.º

PRAXIS

VENDER É PÔR À VIS$TA

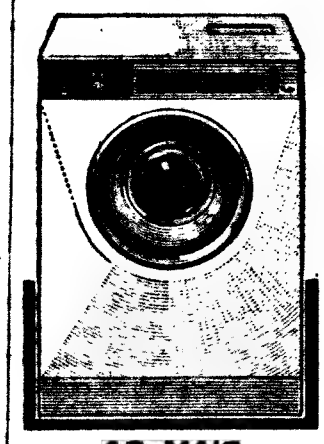


Exponha os seus artigos nas vitrines que atraêm os olhos e venda duas vezes mais.

POLAR — vitrines e congeladores para todos os fins.

POLAR
REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
av. almirante reis, 94 c tel 56116/78 - lisboa
rua gonçalo cristóvão, 120 - porto

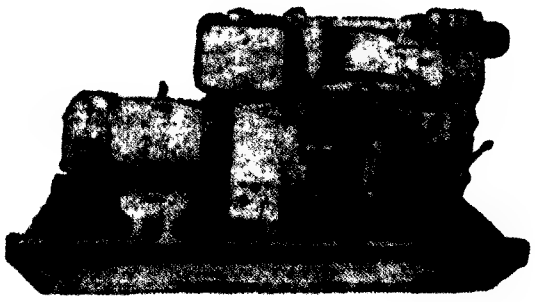
VEJA O QUE RUTON CRIOU PARA SI



AS MAIS MODERNAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

DETERGENTE RECOMENDADO

- Máquinas-Ferramentas
- Motores Diesel e fora de borda
- Grupos Electrogéneos, etc.
- Grupos Moto-Bombas para rega



GÜLDNER

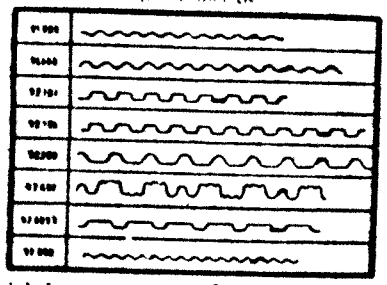
METALÚRGICA ALENTEJANA

CARLOS ROEDER, LDA.

STAND — RUA DO ARSENAL, 126
ESCRITÓRIO — RUA DO ARSENAL, 148, 1.º E 3.º • LISBOA
TELEFONES 36 18 32/3/4 TELEGRAMAS: «HERDER»

ALUMINIUM SUISSE S. A.

Chapas onduladas de liga de alumínio ALUMAN (Al-Mg) LONGSPAN, para coberturas, comprimentos até 27 metros VERTICLAD, para revestimentos de paredes comprimentos até 27 metros.



Chapas onduladas em vários perfis, em cor natural e esmaltada em outras cores.
Milhares de metros empregados em Portugal
O ALUMAN é uma liga de ALUMINIUM SUISSE S. A., de Zurich, com óptimas qualidades de resistência á intempérie e ao ar salino.
— PERFIS para Caixilharia de Janelas.

Entregas rápidas:

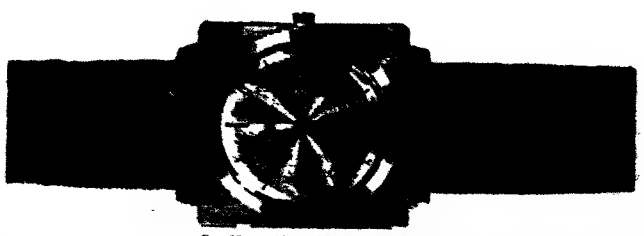
SORVAL
— Soc. Representações Vasconcelos, Lda.
RUA ARTILHARIA UM, 104-4.º, ESQ.º
— Tels 651229/20 — LISBOA-1
RUA SANTOS POUSADA, 571 — Tel. 56921 — PORTO

ESTE ANO OFEREÇO MENSALMENTE UM TELEVISOR PORTÁTIL NATIONAL

BASTA CONSUMIR Tigre

QUEIJO CREME DE GRUYÈRE

DELICIOSA ESPECIALIDADE SUIÇA



UNIVERSAL GENEVE
le couturier de la montre

EXCURSÃO DA C. P.

Domingo 18 de Maio

Comunica-nos a C P de que realiza no próximo dia 18, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Abrantes, com circuito por estrada de Entroncamento a Barquinha, Constancia, Abrantes, Alfarrarede, Chão de Codes, Amêndoa, Vila de Rei, Penedo Furado e Sardoal, incluindo a viagem e o pequeno almoço no comboio automotor FIAT (1.ª classe com ar condicionado) e almoço no Hotel de Turismo de Abrantes

Preço da excursão completa	215$00
Só transporte em caminho-de-ferro (com serviço de pequeno almoço no comboio de Lisboa a abrantes e volta	82$50

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agência de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do caminho-de-ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

MORADIA
Foz do Arelho
Vende-se junto à F.N.A.T.
Rua S. João Deus — Caldas da Rainha — Telef. 22317

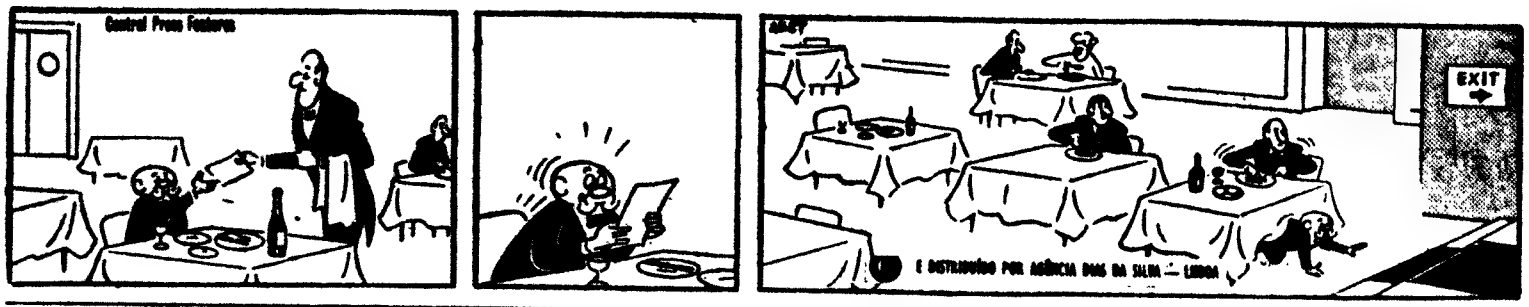
O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

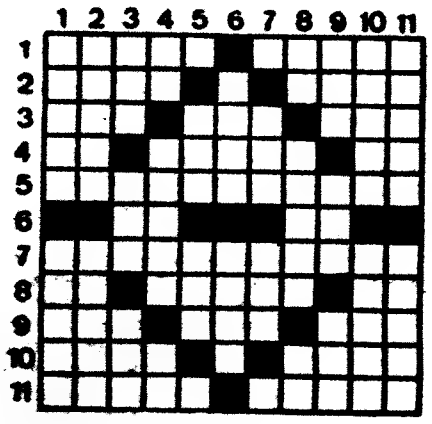
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5177

HORIZONTAIS: 1—Funcionar. Bater em (fig.). 2 — Antiga medida de capacidade equivalente a 60 alqueires. Por o. 3 — Sufixo que designa pequenez. Figura que simboliza o povo americano. Conjunção. 4 — Ruim. Soma. Deus dos pastores. 5 — Encarquilhavas. 6 — Fútil. Li. 7 — Estreitaremos. 8 — Pata. Equipam. Compaixão. 9 — Fileira. Uma das Cíclades. Doutora. 10 — Aquele que gogueja. Costumar. 11 — Árvores da América. Mamífero da família dos Tiquéquidas existentes nas regiões polares.

VERTICAIS: 1 — Acarinha. Sota. 2 — Observam. Descascar. 3 — Distrito da Índia Portuguesa. Pássaro. Nome de uma letra. 4 — Preposição e artigo definido. Conduzirás para cá. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 5 — Ribeira do distrito de Portalegre. Prefixo que designa três. 6 — Lapso. Rio da China. 7 — Uma das abreviaturas de matemática. Chefe etíope. 8 — Abreviatura que se usa em música. Limpem com água. Isolado. 9 — Um cento. Caminhei para cá. Mágoa. 10 — Oculta. Pessoas que se embriagam. 11 — Nome de flores. Ecoara.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5176

HORIZONTAIS: 1 — Fosse. Ganas. 2 — Aial. MENINO. 3 — Remotara. DL. 4 — To. Ro te. Laf. 5 — Mim. Içara. 6 — Sua. Ova. 7 — Parma. Aspo. 8 — AM. Rima. Er. 9 — Rl. Nadadura. 10 — Ingaza. Orai. 11 — Samoa. Grama.

VERTICAIS: 1 — FARTO. Paria. 2 — Óleo. Salina. 3 — Sam. Mura. GM. 4 — Siarlam. NÃO. 5 — Tom. Arara. 6 — Mat. E. Ida. 7 — Gaza. Agna. 8 — Ana. COMEDOR. 9 — Nl. Lavra. Ufa. 10 — Andara. Eram. 11 — Sulfa. Praia.

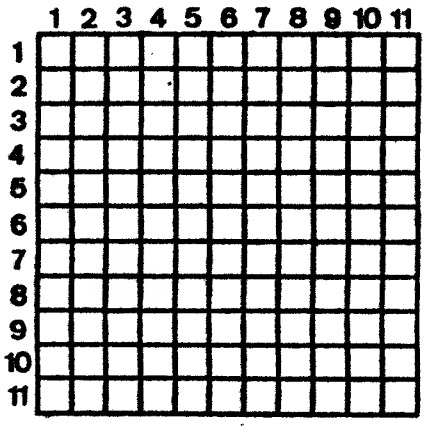
Provérbio: MENINO PARTO NÃO É COMEDOR.

(NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 9020

HORIZONTAIS: 1 — Nutrido. Imitação. 2 — Gostais muito de. Tratam por tu. 3 — Saudável. Pátria. 4 — Faldas. Rio da América do Sul. 5 — Ente. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Sadias. 6 — Agita o ar. 7 — Gorjeio. Afro. 8 — Ramalhete. Mãe de Ismael. 9 — Aperta molhos. 10 — Minerva considerada deusa da guerra. Conduzir. 11 — Querida. Magnetiza (um corpo).

VERTICAIS: 1 — Louvas. Intestino. 2 — Ribeira da Ásia russa. Brama. Amônio (s. q.). 3 — Nivelar. Sacrifica. 4 — Apelido. Espaço de doze meses. Preposição latina que designa movimento. 5 — Sufixo que designa abundância. Concelho do distrito de Cabo Delgado (Moçambique). Emprega. 6 — Nome de fruto. Prata. (s. q.). 7 — Óxido de cálcio. Nome de mulher. Genro de Maomé. 8 — Iniciais de Organização do Tratado do Atlântico Norte). Governanta. Preposição. 9 — Naturais. Figura formada por dois arcos que se cortam superiormente, contam superiormente. 10 — Seguia. Nome de mulher. Prefixo de privação. 11 — Os dois. Rezara.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9019

HORIZONTAIS: 1 — Mania. Ocos. 2 — Destapavam. 3 — AC. Sousa. Am. 4 — Rea. Lal. Are. 5 — Ondear. Anis. 6 — Aios. Trio. 7 — An. Tram. 8 — Aam. Oro. Ode. 9 — Rn. Fiapo. In. 10 — Recostara. 11 — Elar. Asaro.

VERTICAIS: 1 — Faro. Sarre. 2 — Cena. Ansi. 3 — Ad. Adiam. Cá. 4 — Res. Eon. Fár. 5 — Isolas. Ois. 6 — Atuar. Trata. 7 — Asi. Trapos. 8 — Opa. Are. Oro. 9 — Cá. Animo. Ar. 10 — Ovário. DL. 11 — Samos. Pena.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 15 de Maio de 1939 publicava:

«BRUXELAS, 15 — Anuncia-se que Van Zeeland se encontra actualmente em Espanha, como consultor jurídico e financeiro do grupo de banqueiros franceses, holandeses e suíços que está a negociar com o Governo do generalíssimo Franco as bases para um empréstimo de 20 milhões de libras esterlinas, destinado à reconstrução da Espanha.»

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, s. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

S. João do Estoril
Bom emp. capital
Vendo andar, barato. Fac. pagam. Tel. 2462620.

da Rua do Ouro
Policlínica

Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º
Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina — Coração e pulmões — ás 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — ás 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — ás 16 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas electroterapia — ás 14 horas
Dr. Carlos Vilar — Doenças das senhoras e coração — ás 18 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — ás 16 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — ás 14 horas.
Dr.ª Ana Brás Maria — Ginecologia — ás terças e quintas-feiras — ás 16 horas

UM FOLHETO DA C. P. SOBRE CIRCUITOS TURÍSTICOS

A C P acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede «EUROPA-BUS» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões nos outros países.

Peça folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de viagens.

U M
SERVIÇO PORTUGAL/FRANÇA
Para:
ROUEN
o m. s. «FRANÇOIS BUISSMAN» em 20 do corrente
Para:
ROUEN—HAVRE
BORDEUS
o m. s. «ÉVORA» em 26 do corrente
Estes navios recebem carga de transbordo para as Antilhas, América Central e América do Sul (Pacífico).
OS AGENTES GERAIS:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 — TEL. 322271 | 33255 | 381267
LISBOA 2 - PORTUGAL
Agentes Porto
Sociedade Comercial Orey & Barros Leite, Lda.

FRIGORÍFICOS
SALDAMOS MODELOS ANTERIORES
PREÇOS MUITO MAIS BAIXOS
GARANTIA DE NOVOS
LARGO DE SANTA BARBARA, 13 . 1.º ANDAR

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias do Loca, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua do Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

A PREPARAÇÃO DOS FUZILEIROS OBSERVADA EM VALE DE ZEBRO PELO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

As instalações e o funcionamento da Escola de Fuzileiros, em Vale do Zebro, com observação directa e pormenorizada da dura e intensa preparação ali ministrada, foram hoje apreciados, até ao começo da tarde, pelo sr. Presidente da República que ali chegou pelas 10 horas, acompanhado dos oficiais da sua Casa Militar.

Receberam o sr. almirante Américo Thomaz o ministro da Marinha e oficiais-generais da Armada, designadamente o Chefe do Estado-Maior e o superintendente dos Serviços de Pessoal, os 1.º e 2.º comandantes da Escola respectivamente, capitão-de-fragata Bustorff Guerra e capitão-tenente Paulo Teixeira, bem como a oficialidade que ali presta serviço.

Após as honras militares, o 1.º comandante, na sala do comando, saudou o Chefe do Estado, sublinhando a honra da visita, após o que explicou o itinerário da mesma. Esta abrangeu a messe dos sargentos (num pavilhão em obras de remodelação), aulas teóricas de armamento, aula de comunicação, pista de combate, em todo onde alunos dos Cursos a decorrer executavam exercícios; o bar, um dos do comando de instrução, secretarias, a biblioteca (com grande frequência) onde se procura dar uma preparação humanística tanto quanto possível» «Os centuriões» e uma das obras ali existentes, bem como os nossos clássicos, outros de índole vária e as «modernas histórias de quadradinhos»); o ginásio, onde decorria instrução de boxe, com dezenas de instruendos em acção. O judo é ali igualmente ministrado. Na piscina (coberta, climatizada — com a água depurada e agora á temperatura de 22º), outros instruendos lançavam-se á água calçados e vestidos, atravessando-a, nadando de bruços, por diversas vezes. À saída da piscina, e depois de ter observado outras fases da preparação física ministrada na Escola, com saltos de varas, «passadeiras» oscilantes de rolos de madeira, subida de obstáculos, etc., o Presidente da República assistiu á chegada de três pelotões em coluna, com armas, que, após um «cross» de mais de nove quilómetros, faziam a travessia de 350 metros de lodo e água, terminando em corrida. Após algumas semanas de instrução esta prova tem como limita de duração 38-40 minutos.

Dali o sr. almirante Américo Thomaz seguiu para o Serviço de Saúde, onde visitou quatro internados. Seguiu-se a visita á capela, á pista de treino com obstáculos a nível elevado (travessia em cordas, subida a árvores e descida á corda); ao Gabinete de Estudos, onde o 2.º tenente Allen fez uma exposição das respectivas actividades; ao refeitório da guarnição, assistindo á distribuição do almoço.

Após a visita a uma «cobertas» (local de pernoita), o Chefe do Estado seguiu para a messe dos oficiais onde foi servido um almoço em sua honra.

CURSO DE DECORAÇÃO NA CASA DA IMPRENSA

Cerca de 50 alunos de ambos os sexos frequentam, na Casa da Imprensa, o Curso de Decoração do Lar, que ali está a ser ministrado pela professora D. Joana d'Arc Palva Teophilo.

O curso terminará em fins de Julho.

CASA DE PESSOAL DA MOBIL

Na sede da Casa do Pessoal da Mobil, realizou-se, ontem á noite, uma sessão de informação sobre o XIII Festival Gulbenkian de Música que começa amanhã e se prolonga até ao dia 7 de Junho.

A sessão, orientada por António Marques de Almeida, foi ilustrada com gravações das principais obras que vão ser apresentadas no festival.

A sismicidade do Sul de Portugal

As «Causas da Sismicidade do Sul de Portugal Continental» foram hoje analisadas pelo sismólogo dr. Frederico Machado, numa palestra que proferiu, no Hotel Florida, durante o almoço-reunião mensal do Vet Clube de Lisboa.

Presidiu o prof. dr. José da Silva Leitão.

O palestrante descreveu a influência da tectónica do Atlantico-Norte na sismicidade de uma faixa activa que se estende de Marrocos aos Açores.

«Focos sísmicos muito violentos localizam-se no ponto onde esta faixa é interceptada por uma possível fenda dos tempos mesozoicos. Lisboa é afectada por esses sismos mas de forma já um pouco atenuada.

CENTENÁRIOS DE D. MANUEL I E VASCO DA GAMA

SETUBAL, 15 — Esta manhã, no Governo Civil desta cidade, realizou-se uma reunião das comissões distritais das comemorações do V centenário do nascimento de D. Manuel I e Vasco da Gama. Presidiu á reunião o chefe do distrito, tendo sido dado a conhecer o programa das comemorações que terão início as primeiras no dia 31 do corrente mês, decorrendo em Alcochete, Alcácer, Setubal e Barreiro, e as segundas em 17 de Agosto, e decorrendo em Sines, Setubal e Barreiro.

Realiza-se esta noite a conferência do arq. Franchetti Pardo

A convite do Instituto Italiano de Cultura e do Sindicato Nacional dos Arquitectos, encontra-se em Portugal, para proferir uma conferência o arquitecto italiano Vittorio Franchetti Pardo, professor da Faculdade de Florença e do Instituto Superior de Desenho Industrial da mesma cidade.

Já ontem nos referimos ao acontecimento que está a despertar muito interesse nos meios ligados á Arquitectura em Portugal. Todavia, por lapso, indicámos erradamente a data da conferência subordinada ao tema «Arquitectura dos últimos dez anos». Rectificamos, por isso: a conferência realiza-se esta noite, às 21 e 30, na S. N. B. A., á Rua Barata Salgueiro.

†

ADRIANO GUEDES

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Martins & Guedes, Lda., participa a todas as pessoas das suas relações que, sufragando a alma do que foi o sempre lembrado seu fundador e gerente, será rezada missa, amanhã, 1.º aniversário do seu falecimento, pelas 11,30 horas, na Basílica da Estrela. Desde já agradecem a quem se dignar assistir ao piedoso acto.

†

ADRIANO GUEDES

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua esposa e filho participam a todas as pessoas das suas relações, que amanhã, 1.º aniversário do falecimento, será rezada missa, pelas 11,30 horas, na Basílica da Estrela. Desde já agradecem a quem se dignar assistir ao piedoso acto.

«Os carros roubados há dois ou três anos, ou já não estão cá ou circulam com matrículas falsas», diz-nos o «guarda da boa memória»

«BOSSA-JAZZ TRÊS» NOS PUBLICITÁRIOS

Hoje, às 21 e 30, no Clube Português dos Publicitários realiza-se uma sessão de convívio com o trio «Bossa-Jazz Três».

Este trio, constituído por Marcos Resende (piano), Bernardo Moreira (contrabaixo) e Paulo Gil (bateria), formou-se em Dezembro de 1967 e já actuou no Festival de Música Moderna no Porto, em sessões de divulgação nas Associações Universitárias e no Festival Internacional de Jazz de Coimbra. Em 1969 a sua actividade tem-se manifestado sobretudo em sessões de divulgação de jazz. Para os publicitários, hoje, o trio «Bossa-Jazz Três» tocará mas falará também sobre a música a que apaixonadamente se dedica.

Suspensas as cobranças postais para Moçambique

A pedido dos CTT de Moçambique, torna-se público que foram suspensos os serviços de cobranças postais, da qualquer natureza, com destino áquela província.

BOA MEMÓRIA E CARRO VELHO

— ARMAS DO MAIOR DETECTIVE DE CARROS ROUBADOS

Um antigo marçano é agora o terror máximo dos «ratos» de automóveis: é ele Isidoro Francisco Lima Guerreiro, guarda da P. S. P. O ano passado recuperou 100 carros roubados e dos escassos meses que este ano leva, já tem mais 56 veículos no seu activo de capter de ladrões da especialidade. Isidoro Guerreiro, nascido há 32 anos, em Almodôvar (onde o Alentejo começa a fazer-se Algarve), continua a bem merecer o cognome de «guarda da boa memória».

Está na Polícia há oito anos e há já muito tempo que se tornou notória a sua especial aptidão para descobrir, entre o carrossel de milhares de carros que circulam na cidade, aqueles que foram subtraídos aos respectivos donos.

— *Não tenho nenhum segredo* — diz-nos — *Faço a «coisa» por partes: numa lista composta a partir dos números comunicados á Polícia, coloco de um lado as marcas e do outro as matrículas. Além disso, os mais recentes ficam á frente. Depois é fácil...*

O guarda Isidoro Guerreiro conhece bem todas as marcas (e respectivos modelos) em circulação. Isso e o facto de fixar igualmente a área em que desapareceu cada carro roubado são factores de grande importância para o êxito das suas pesquisas.

Conta um caso recente:

— *Um sr. coronel a quem tinha desaparecido o carro, ao mesmo tempo que participou o roubo á Polícia, comunicou-me também a mim, talvez porque já conhecia o meu feito para detective nestes casos. A matrícula do carro (um Cortina GT) era DF-38-09. Também sabia a marca e o local em que fora furtado. Um belo dia vou na Estrada de Benfica e, ao pé dum restaurante, vejo um homem a uma senhora e entrar para um carro igual ao roubado, mas com a matrícula ligeiramente diferente: FD-38-09. Aquilo fez-me espécie, tanto mais que de repente me lembrei de que na véspera tinha visto exactamente aquela matrícula num carro de outra marca — um Renault.*

O carro tinha sido roubado quinze dias antes e o ladrão, que já havia percorrido cinco mil quilómetros com ele, ficou de tal modo atrapalhado que deu uma grande pancada, ao fazer marcha atrás. Não foi difícil prender os gatunos.

Perseguição e tiros

Centenas de carros (nem sabe exactamente quantos) recuperou já o «guarda da boa memória». Do primeiro, isso é que já não se recorda: — *Já foi há tanto tempo!*

No dia 10 de Fevereiro último, voltou a vir nos jornais, em consequência da movimentada perseguição que moveu a um cadastrado que surpreendeu na Rua Alexandre Herculano e só conseguiu deter no Campo Grande, depois de sobre ele ter disparado alguns tiros.

— *Ele estava com liberdade vigiada e apanhou mais três anos e seis meses...*

Outro caso curioso foi o de um choca de stops de matrícula francesa que descobriu, também na Estrada de Benfica.

— *Foi em Dezembro. O carro tinha sido roubado na véspera: era um caso claro fresco. Vou atrás dele e o condutor, sentindo-se perseguido, quis despistar-me nas matas de Monsanto, mas acabou por se perder e foi dar a uma certa rua, onde parou. Depois, queria convencer-me de que era mecânico de televisão e ia fazer um conserto a casa de um cliente...*

E em jeito de parêntesis:

— *O meu comandante anda com vontade de me colocar num carro particular, a andar aí pela cidade...*

Saudades de serralheiro

Ainda moço, em Almodôvar, já o futuro guarda Isidoro Guerreiro mostrava tendência para as mecânicas.

— *Lá em casa havia um tractor e eu entretinha-me com ele. Se tivesse podido estudar (se o meu pai não tem morrido...) seria talvez serralheiro mecânico ou coisa parecida. Agora, casado e com uma filha, já não tenho paciência para estudar.*

Há, na Polícia, uma extensa lista de carros roubados, que todos os elementos da corporação (especialmente os sinaleiros) devem trazer consigo. O «guarda da boa memória» faz jus ao cognome e sabe-a quase inteiramente de cor. E mais: pela matrícula identifica a marca e a cor de cada um dos carros.

— *Esse GD-91-65 é um carro de 1958: um «Opel» cinzento... Aquele, CI-69-28, é um A35 cinzento...*

Quem tanto lida com carros desaparecidos, será talvez mais fácil de ser roubado. Ou talvez não:

— *Só tenho um carro, muito velho, de 1962. Não me roubam porque não presta...*

dia a dia

HOJE PODE VER...

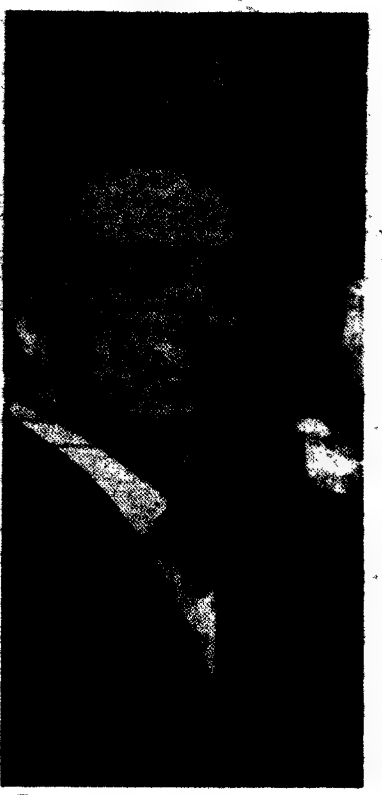
PARADA DA INDÚSTRIA: OS SEGUROS EM PORTUGAL

NESTE PROGRAMA do Gabinete de Divulgação Económica é hoje apresentada, cerca das 21, uma mesa-redonda sobre a indústria seguradora na economia portuguesa. Nela participam dirigentes dos Grémio e Sindicato dos Seguradores e outras personalidades ligadas à actividade seguradora nacional.

AUDITÓRIO MUSICAL

CERCA dos 21 e 55, a Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida pelo famoso maestro Herbert von Karajau, interpreta o Concerto n.º 1 do grande compositor Tchaikowsky.

SÉRIE DRAMÁTICA: «ENIGMA»



Rossano Brazzi, actor italiano bastante conhecido, está esta noite na série «Enigma»

DESTA SERIE a RTP apresenta pelas 22 e 40, o episódio filmado «Não esperes pelo amanhã» (Don't wait for tomorrow) com Donnelly Rhodes, Telley Savalas, Juliet Mils e Rossano Brazzi, numa realização de Harvey Hart.

«Numa ilha isolada passa-se um mistério desconcertante que quase arrasta para a morte um jornalista que tenta desvendá-lo...»

2.° PROGRAMA

CERCA DAS 21 e 50, depois da edição da noite do telejornal, é apresentado, em repetição na rubrica «Expedição», um documentário sobre a vida nómada dos esquimós.

«Um bandido denuncia os seus companheiros e foge para refazer a sua vida. Estes porém, perseguem-no para o matar. E o juiz Garth e a sua filha Betsy, vêem-se, então, envolvidos numa tremenda interrogação:

Devem entregar o delator aos bandidos, para estes o matarem, ou arriscarem a vida para o salvar?

Este episódio, da série «O Maioral», é exibido pelas 22 e 15, foi realizado por David Friedkin e tem como intérpretes, Le J. Colb, Dong McClene, Gary Clarke e James Druey.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 45 m — 665 kc/s — Às '6: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte '6 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira — Programa da Tarde: '7 e 35: Do Choupo até à Lapa; '8 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; '8 e 40· Musica e sonho; '9 e 50: Rádio rural — Musica só musica, 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40 24.º episódio do folhetim «O Imortal de Florença»; 2': Jornal de Actualidades; 21 e 30· Melodias pelo guitarrista Phil Morte; 2 e 40: Canções de Portugal, 22 e 30· Noite de teatro: «A Vida do grande D Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança», de António José da Silva em adaptação de Leopoldo de Araujo' ': Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às '6 e 30: 2.º, 3.º e 4.º actos da ópera «Andre Chenier» (Giordano)· '8: Musica do século XX — Obras de Rudolf Bruci; '9: Crítica literária, pelo dr Bigotte Chorão· 19 e '0 Folclore português — Cantos e danças de Trás-os-Montes· 19 e 25. Musica de piano, 20 Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental — Duas danças eslavas op 12 (Dvorak); 20 e 30 Missa n.º 4 em dó maior (Schubert) — solistas, Coro da Academia de Câmara e Orquestra da ópera de Viena sob a direcção de George Barati; 21: Concerto, em 6 para violoncelo e orquestra (Haydn) — solista Orquestra Inglesa de Câmara sob a direcção de Benjamin Britten; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista António Vitorino de Almeida — obras deste artista. 22 e 20: Poemas sinfónicos — «Os Pinheiros de Roma» (Respighi): 23: A voz do Ocidente; 0 e '5: Fecho

2.º Programa — (Cultural em MF ') — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano—Obras de compositores brasileiros: Mignone e Villa-Lobos; 23 e 30: Festival da Holanda de 1968 — em gravações cedidas pela Rádio Nederland; 0 e '5: Musica Sinfónica; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C D C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; '8 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos, 20 e 45: Rádio Placard; 2' e 02: Um conjunto; 21 e 09: Portugal de hoje, 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto 3 e 02: A noite é nossa· 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Totismá.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C. '7: Noticiário; programa C D C: (continuação); '7 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 2' e 02: Boa noite em FM: 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02· Alta Fidelidade Philips, · e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 6: Programa C. D. C. '8. Depois do chá; '8 e 30: Ela e o seu mundo; '8 e 45 'Matinee teatral; '9 e 03: Miscelânea; '9 e '7: Ela, '9 e 30: Robbialac '9 e 45: Um conjunto; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Noite dia a dia; 21 e 02: Orquestra 2' e '5: Só-Rádio; 21 e 30· Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 2' e 15· Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — '286 kc/s — Às 6: Radiorama; '8· Orquestras e canções; 18 e 30· Terço, bênção e missa vespertina da Basílica dos Mártires; 19 e 50: Página um; 20 e 55: Meditando; 2': Variedades; 21 e 30: Toca Filipe de Brito; 21 e 45: Uma voz, um conjunto; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30· Pentagrama; 22 e 45: Musica ligeira variada: 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 12 às '4 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 0 às '2 e das 19 e 30 às 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e das 22 às 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 às '9 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — Às '9 e 30: Telejornal; 9 e 50: Desenhos Animados; 20 e 30: A Criança Perante a Vida, 20 e 45: Vamos Jogar no Totobola; 21: Parada da Indústria; 21 e 55: Auditório Musical; 22 e 40: Série Dramática — Enigma; 23 e 40: Telejornal Meditação e Fecho.

2.º Programa — Às ,1 e 30: Telejornal; 21 e 50. Expedição; 22 e 15: O Maioral; 23 e 35: Telejornal e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal, 19 e 50: Os mistérios do rosário; 20 e 20: Vamos dormir; 20 e 30: Nós, as mulheres; 20 e 45: Sangue na estrada; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema — «Trinta Segundos Sobre Tóquio» com Spencer Tracy e Van Johnson; 0 e 05: Telejornal e Fecho.

II Programa — Às 21 e 28: Abertura; 21 e 30. Telejornal; 21 e 50: Folhetim «Os companheiros de Jehu» (Transmitido no I Programa em 2-1-67); 22 e 25: Mulher, Musica e Modas (I Programa em 28-4-69); 22 e 45: Concerto «Festival of Performing Arts»; 23 e 35: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

«NÃO ME FALES SÓ DE PADARIAS...»

1 Edna era viuva de um grande industrial de panificação, mais velho 35 anos do que ela. Ela casara-se porque já estava farta de ser caixeirinha. O casamento foi para ela uma desilusão, pois não viajara, coisa que ela gostava tanto de fazer, não tivera um filho e com certeza não plantara uma árvore.

Quando o marido bateu a bota, Edna pensa desfazer-se de todas as padarias — cerca de 110, imaginem! Mas conhece Roy, actor de profissão. Ora aí está um com quem ela vai viajar, ter um filho, plantar a sua arvorezinha...

2 Tal não se deu. Roy desinteressa-se do palco e apaixona-se pelas padarias. Viajar? É o viajas... Eu quero trabalhar, minha cara, quero ser rico, rico! Edna joga então a grande cartada: diz-lhe que foi ao médico, que este a achou capaz de cumprir cabalmente o seu dever de esposa... Ele responde que há coisas mais importantes do que ter filhos. Edna, em desespero cruel, fica logo a saber que dali não leva nada Aconselha-lhe o psiquiatra. «Roy não me fales só de padarias, fala-me também de amor!» Roy está mais interessado nos *papo-secos*, nas carcaças, nos pães de forma. Edna caiu outra vez na rede. É outra vez «o pássaro na gaiola».

3 Uma desgraça. Edna aceita passivamente a sua sorte. Bebe-lhe, para disfarçar. O marido, esse, passa as noites não com ela, mas com um bule de chá. Filhos, nicles. Além de que Roy tem um amigo íntimo que lhe dá conselhos. A pobre Edna! Edward não lhe roeu a carne, Roy não lhe roi os ossos. Tudo o que ele mais deseja é multiplicar os lucros da padaria em dois anos. Novo caso de multiplicação de pães

(Continua na página seguinte)

EXPOSIÇÃO
CISNE
GALERIA NACIONAL DE ARTE

O artista nacional precisa de ter outra ocupação para sobreviver

—diz-nos a angolana Lilly Tchiumba

LILLY TCHIUMBA é legenda de elegância. Vimo-la há dias no estúdio da R. T. P., actuando num programa de variedades, ao lado de António Calvário, Gina Maria, Maria da Glória, Eugénia Lima, Chantal et Demond, atracção parisiense vinda expressamente para o programa. Enquanto ela sorri a todas as contrariedades, sorri sempre, sorri quando o repórter a saúda e surge com algumas perguntas. A conversa começou:

—Lilly, já não a vimos desde o Festival da Canção.

—Certo. Mas não vamos gostar dele, pois não?

—Hum! Vem cantar «Flor Bailarina»?

—Não! Não lhe digo mesmo porquê.

—Nem eu lhe pergunto. Mas o que pensa dela?

—Assim está bem, Penso que era uma canção com um ritmo diferente de todas as outras que lá estiveram. Um género balada, parecida com a cantiga, o que a tornou diferente. Senti-me absolutamente à vontade nela, mas posso-lhe dizer que não foi uma canção para Festival. Como nós nunca sabemos qual a reacção, vamos sempre com esperanças e foi assim que a aceitei.

—Concorda então com o desfecho do Grande Prémio TV?

—Bom não vale a pena falar em coisas mortas, pois não?

Até porque o desfecho es-

Lilly Tchiumba, legenda de elegancia e uma voz de Angola para o Mundo

(Continua na página seguinte)

ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA

lançou as seguintes obras:

«Reumatismo e Gota», pelo Dr. Fritz Hube.
«Doenças do Fígado e das Vias Biliares», pelo Dr. Hans Weitcamp.
«Prisão de Ventre», pelo Dr. Werner Tiegel.
«Doenças do Coração», pelo Dr. Sanders Falconi.

PREÇO DE CADA VOLUME — 30$00

Tratamento pelos meios naturais

À venda nas livrarias e tabacarias e na Editora, R. do Salitre, 149-1.º — LISBOA

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA

NFORMAÇÕES: Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. em Lisboa Telefones 45843-47843

CANAL DA CRÍTICA

(Cont. da pág. anterior)

Com tudo isto, a peça podia ter alguma humanidade, alguma verdade. Precisava, para isso, de novo autor, de novo tradutor, de novos actores. O tom excessivamente literatesco impediu a naturalidade das situações; o tradutor não remediou o mal — e os actores ainda mais o acentuaram. Houve mesmo frases incompreensíveis, como aquela do Renato: «Tinha tornado o consumidor em produto de qualidade inferior...»

Maria Helena Matos não disse uma frase, uma palavra, convictamente. Tudo nela veio do texto, nada veio de si. Disse palavras, não significou palavras. Os actores deviam aprender com os atletas lançadores de peso que bafejam a esfera antes de a arremessarem.

Paula Renato incrustou-se na facilidade mecanica de dizer que lhe serve para todos os papéis e para todas as situações. Daí uma sensação de trabalho em série, com subtis aproveitamentos do sussurro do público...

Dos outros intérpretes, de tão episódicos e insignificativos, não vale a pena falar.

4 Não se diga, porém, que tudo nesta peça foi inutil. Não foi, caramba. Salva-se dela uma preciosa lição: isto de teatro não dá nada. As padarias é que sim. Nada de teatro, meninos, toca a fazer pão! Ouvem-me, daí? Gusmão, Igrejas Caeiro, Armando Caldas, estão a ver? O melhor que têm a fazer é tornarem-se padeiros. *Teatro Maria Matos? Grupo de Teatro 1.º Acto? CETA?* Juizinho, meninos! Toca a proceder á rápida reconversão. Troquem o palco pelo forno. Tudo pela padaria, nada pelo teatro. Esse, aliás, o exemplo que as «Noites de Teatro» da Televisão nos dão com frequência: está mesmo a ver-se que, por lá, fazem uma confusão danada entre uma peça — e um pão saloio...

M. C.

Delegação do Museu da Marinha em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 15 — Estiveram no edifício conhecido pelo Hospital Velho próximo da casa onde viveu o navegador quinhentista vianense, Pedro do Campo Tourinho, o sr. almirante Ramos Pereira, que vinha com a esposa e foi acompanhado pelos srs dr. Araujo Novo, governador civil do distrito; dr. Luís Monteverde, presidente da Camara, e comandante Miranda Gomes, capitão do porto de Viana do Castelo, para se inteirar da possibilidade de ali ser instalada uma delegação do Museu da Marinha.

Esteve, também, presente o sr. António Pinto (Calafate), descendente de uma velha familia de construtores navais de Viana, autor de diversas miniaturas de barcos da antiga frota vianense, as quais vão ser adquiridas para fazerem parte do património da Delegação do Museu, cuja formação está em vista.

NOVO «SNACK-BAR» EM LISBOA

Abrirá ao publico, na próxima segunda-feira, o novo Snack-Bar Monumental das Galerias Ritz, na Rua Castilho 77-C.

Entretanto, o proprietário, Amadeu Dias, oferece recepções de inauguração, na próxima sexta-feira, a directores de jornais e, no sábado, a convidados.

REUNIÃO DE AGRICULTORES

Na sede da Caixa de Crédito Agrícola desta cidade, realizou-se uma reunião para estudo da construção de uma Estação de Fruticultura.

Presidiu aos trabalhos o sr. Luís Alves de Matos, presidente do Grémio da Lavoura dos Concelhos de Leiria e Marinha Grande, registando a reunião a presença dos principais agricultores desta região e alguns funcionários da Junta de Colonização Interna.

A projectada Estação de Fruticultura, a ser criada, trará inúmeras vantagens para esta zona privilegiada de fruteiras que estão a ser tratadas, na maioria dos casos, em condições deficientes por muitos agricultores que assim poderão actualizar os seus métodos de cultura, conservação, transporte e comercialização dos seus produtos.

Tempo benéfico para a agricultura

MONTARGIL, 15 — Com tempo primaveril vai pelos campos grande azáfama nos trabalhos grícolas próprios da época, especialmente na preparação das terras para as plantações do arroz e do tomate, havendo já muitos hectares plantados. São, hoje, as principais culturas desta região, este ano muito beneficiados pela abundância de água, sendo por isso provável que as áreas plantadas sejam aumentadas.

Associação das Famílias dos Alunos dos Liceus

Amanhã, ás 17 e 30, haverá no liceu local uma sessão para apresentação e aprovação dos estatutos da Associação das Famílias dos Alunos do Liceu de Viana do Castelo.

UMA CRIANÇA ATROPELADA

VAGOS, 15. — O ciclomotorista sr. Manuel Joaquim Lancha, de 20 anos, solteiro, agricultor, natural do lugar de Sanchequias, deste concelho, e ali residente, atropelou a pequena Rosa de Oliveira Marques, de 5 anos, filha do sr. Albino Marques e da sr.ª Maria José da Silva, daquela localidade, quando saía de um estabelecimento aonde fora buscar uma garrafa de vinho.

Conduzida ao hospital de Ilhavo, na ambulancia dos Bombeiros Voluntários de Vagos, a pobre criança ficou internada.

O VOO DAS AVES

S. MIGUEL DE ACHA, 15 — O sr. Manuel Folgado capturou um pombo correio. Tem duas anilhas: uma, de alumínio, na perna direita, com a inscrição: «Port-66-584205»; e a outra, na esquerda, de borracha, onde se pode ler: «U-400». Será entregue a quem provar pertencer-lhe.

O JÚRI DA «MAJA INTERNACIONAL»

O juri que no próximo sábado em Saragoça, vai atribuir o título de «Maja Internacional 1968», é composto por:

- ★ **António Mingote (Desenhador e caricaturista), de Madrid.**
- ★ **Maria Cristina Navarro Mirabete («Rainha das das Festas de Primavera», de Saragoça.**
- ★ **Aurora Quilien Antolin («Maja de Aragão 1968»), de Saragoça.**
- ★ **Pedro Chicote («barman» de reputação mundial), de Madrid.**
- ★ **Rozelio Diez Alonso (Director de NO-DO), de Madrid.**
- ★ **Philip Bottfeld (Director executivo de certames promocionais), de Nova York.**
- ★ **José das Neves de Sousa (do «Diário de Lisboa»), de Portugal.**
- ★ **José Eládio Amado de Lema (da «Voz de Asturias»), de Oviedo.**
- ★ **Simone French (do «Evening News»), de Londres.**
- ★ **Vicente Ibañez (Fotógrafo internacional), de Madrid.**
- ★ **Manuel Pertegas (especialista internacional de Modas), de Madrid.**
- ★ **António Brunet (Director do «Heraldo de Aragón»), de Saragoça.**
- ★ **Ignacio Bertodano, Marquês de Roncali (Presidente da Associação Goya Internacional), de Saragoça.**
- ★ **German Lopez Vazques (subdirector da Ibéria, Linhas Aéreas de Espanha), de Madrid.**
- ★ **Anselmo Tascon (Presidente da Comissão de Festas), de Saragoça.**

ASSEMBLEIAS GERAIS

SONEFE

A assembleia geral ordinária da SONEFE (Sociedade Nacional de Estudo e Financiamento de Empreendimentos Ultramarinos, S. A. R. L.) vai reunir-se no próximo dia 23, ás 15 e 30, na sede da Associação Comercial de Lisboa para discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas, o relatório do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal respeitantes ao exercício de 1968.

O relatório do conselho de administração dá conta do que foi a actividade da Sociedade durante aquele ano, referindo-se concretamente aos planos gerais do Médio Cuanza e da Bacia do Cuanza, aproveitamento de Cambambe, rede de grande distribuição nos distritos de Luanda e Cuanza-Norte, linha de transporte Cambambe-Salazar-Malange, electrificação do distrito de Cuanza-Sul, ampliação dos meios de produção de Lourenço Marques e rede de pequena distribuição em Vila Salazar e na Machava.

O lucro líquido apurado, atingiu o total de escudos 26 695 256$51, já depois da integração que transitou do exercício anterior. Para aplicação deste saldo, o conselho de administração propõe a seguinte distribuição: fundo de reserva legal — 1335 contos; dividendo (4 por cento sobre 550 mil contos) — 22 mil contos; amortização de juros intercalares — 3 mil contos; saldo para conta nova — 360 256$51.

ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS DE BARCARENA

BARCARENA, 15. — Com uma récita, um baile e uma sessão de cinema, a Associação dos Bombeiros Voluntários «Progresso Barcarense», de Barcarena começou a comemorar o seu 89.º aniversário.

As comemorações continuarão no dia 18, com várias cerimónias, entre as quais um concerto pela banda de música da Associação, sob a regência do sr. Manuel Maria Baltasar.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

DECLARAÇÕES DA ARTISTA LILLY TCHIUMBA

(Continuação da pág. anterior)

tá certo quanto á primeira canção. Foi essa que vincou mais o Grande Prémio pois nada mais apareceu de novo. Tudo o resto foi igual aos outros anos. O que tivemos de mais «chic», tivemos de menos em canções. Gostei muito mais da poesia «Desfolhada» do que da música. Mas falemos de outras coisas.

— Certo! Mas voltemos á «Flor Bailarina». A Lilly habituou-nos ás canções de folclore...

— Não continue, pois não foi assim. Devo dizer-lhe que não foi esta a primeira vez que interpretei canções deste género. Aliás, quando comecei, em 1961, não foi com folclore. Só em 1963 é que me dediquei ao folclore angolano pela simples razão de pensar que ele devia ser divulgado.

— E agora?

— Agora penso continuar com o folclore sem pôr de parte a canconeta.

— O que pensa do actual momento artístico. Como o vê a artista Lilly Tchiumba?

— Sei lá o que penso! Está talvez, um poucochinho melhor. Mas continua a não se poder fazer uma vida profissional exclusiva, dado que o artista precisa de ter uma outra ocupação para sobreviver, ou, então, se é mulher e casada ser mantida pelo marido.

— Está satisfeita com aquilo que conseguiu até hoje, na sua carreira?

— De certo modo, embora no intimo esperasse conseguir um pouco mais. Tenho encontrado algumas dificuldades que, contudo, não me fazem desanimar, antes pelo contrário.

— Até onde pensa poder ir na sua carreira?

— Sei lá... todos os dias estamos a aprender e a ver que nos falta qualquer coisa. Ambicionamos sempre mais, sempre que conseguimos obter o que primeiramente pensaramos. Até que ponto poderei ir? Não é o Céu o limite?!

— Quando a veremos de novo na R. T. P.?

— Está a ver-me agora! O futuro... depende das condições...

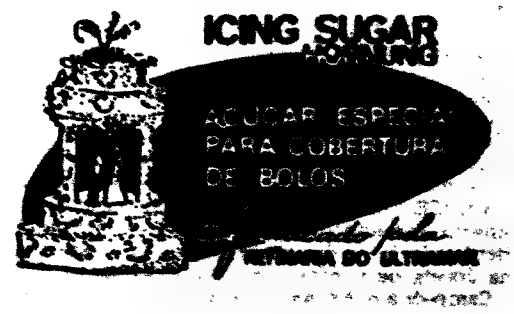
— Projectos imediatos?

— Viajar com contratos. México, Estados Unidos, Itália, mais próprimente Milão onde vou inaugurar uma «boite», Paris, Madrid e Angola.

— Óptimo.

VII Jornadas Farmacêuticas Portuguesas

Com uma sessão inaugural, presidida pelo sr. ministro das Corporações e Previdência Social, vão realizar-se, de 29 deste mês a 1 de Junho, na Faculdade de Fármácia da Universidade do Porto, as VII Jornadas Farmacêuticas Portuguesas.



A. S. A., 2-BENFICA, 3

Melhor réplica dos «aviadores» no jogo de ontem à noite

LUANDA, 15 — (Serviço especial para o «Diário de Lisboa») — O Benfica voltou ontem a vencer o A.S.A., agora por 3-2, no encontro da segunda emão da eliminatória da «Taça de Portugal» que veio disputar em Angola.

No entanto, a partida de ontem teve uma feição diferente da anterior. Desprezando cautelas e temores, a turma luandense pôs em execução um futebol solto, atrevido, criando sérios embaraços aos benfiquistas que experimentaram apreciáveis dificuldades durante largos períodos do jogo, para travar o acertado labor dos «aviadores». De tal modo este se fazia sentir que Otto Glória fez recuar José Augusto para a zona do meio campo em apoio a Coluna e a Toni.

Eusébio: mais dois golos contra o A. S. A.

No entanto, os benfiquistas, lógicamente, constituiram a equipa mais adulta, esclarecida e intencional e as escapadas de Eusébio provocaram o pânico na defensiva adversária. Foi mesmo o moçambicano que marcou os dois primeiros golos da sua equipa, aos 22 e 75 minutos.

Sentindo a injustiça dessa desvantagem o A.S.A. reagiu e, aos 78 minutos, GARRIDO reduziu a diferença e seis minutos depois CRUZ aproveitou um desentendimento da defensiva «encarnada» e estabeleceu a igualdade. Porém, a dois minutos do final, o Benfica, por intermédio de JOSÉ AUGUSTO, obteve o golo que lhe deu a segunda vitória em Luanda.

Sob a arbitragem de Ismael Baltasar as duas equipas apresentaram:

A.S.A. — Carlos; Faria, Inguila, Garrido e Armindo; Valente e Sousa; Sabu, Gaspar, Juvenal e Dinis.

BENFICA — José Henrique; Adolfo, Humberto Coelho, Zeca e Jacinto; Toni e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.

Acontecimentos DE ONTEM

CICLISMO

Resultados verificados no festival que ontem á noite a A.C.S. promoveu no Estádio José Alvalade:

Eliminação para populares — 1.º, Rosílio dos Santos, do Sporting; 2.º, Rui Santos, do C. A. T. de Loures.

Critério para amadores — 1.º, Fernando Vieira, do Benfica; 2.º, António Martins, do Benfica.

Australiana para profissionais — 10 voltas — 1.º, equipa do Sporting (Manuel Correia, Emiliano Dionísio e Leonel Miranda), com o tempo de 5 m 59 s; 2.º, equipa do Benfica (Augusto Cardoso, Américo Silva e Fernando Mendes), com 6 m 9 s.

Perseguição para amadores — 8 voltas — 1.º, Benfica (António Martins, Fernando Vieira e Pedro Rodrigues), com 4 m 58 s; 2.º, Sporting (José Valentim, António Lopes e António Duarte), com 5 m 1 s.

1/2 Hora á Americana para profissionais — 1.º, equipa A do Sporting (Emiliano Dionísio e Leonel Miranda), 49 voltas; 2.º, equipa B do Benfica (Augusto Cardoso e Daniel Vitorino), 48 voltas; 3.º, equipa A do Benfica (Manuel da Costa e Fernando Mendes), 48 voltas; 4.º, equipa B do Sporting (Manuel Correia e João Roque), 48 voltas; 5.º, equipa C do Sporting (Sérgio Páscoa e Norberto Tomóteo), 47 voltas.

HÓQUEI EM PATINS

UM FESTIVAL EM ÍLHAVO

Numa jornada de divulgação do hóquei em patins, a Associação de Patinagem de Aveiro, recentemente constituída, promove, no dia 24, no Pavilhão dos Desportos de Ílhavo, um desafio entre as selecções nacionais A e B daquela modalidade.

O dr. José Mária Gaspar presidiu ao jantar de homenagem a Domingos Claudino. Ei-lo no uso da palavra, no decorrer da festa, que reuniu á volta do ex-director do Estádio da Luz mais de três centenas de benfiquistas e amigos

DOMINGOS CLAUDINO —RECONHECIMENTO BENFIQUISTA

Domingos Claudino, o homem que durante largos anos desempenhou as funções de director do Estádio da Luz, terá compreendido ontem, mais do que nunca, que valeu a pena ter servido com tamanha dedicação e competência um clube como o Benfica.

Com efeito foram mais de três centenas de benfiquistas e amigos que num jantar, se reuniram em redor de Domingos Claudino para lhe testemunhar o apreço em que são tidas as suas altas qualidades de dirigente, de benfiquista e de homem.

Mas essa reunião teve sobretudo o mérito e o objectivo de exprimir a Domingos Claudino a mágoa dos benfiquistas em o verem afastado da direcção do parque desportivo do clube uma obra a que Domingos Claudino ficará sempre vinculado.

Uma verdadeira elite associou-se a esta homenagem. Figuras das mais destacadas no meio social do clube viam-se entre os assistentes. O prof. dr. José Maria Gaspar presidia á mesa de honra, onde se encontravam também á sua direita Domingos Claudino, a esposa do prof. José Maria Gaspar, dr. Paulino Gomes Junior, a esposa do sr. dr. Fezas Vital, José Ferreira Queimado, a esposa de António Ferreira, Artur Agostinho, a esposa do dr. Olindo Figueiredo e António Ferreira. À esquerda do presidente da mesa sentavam-se a esposa de Domingos Claudino, dr. António Catarino Duarte, a esposa do dr. Paulino Gomes Junior, dr. Fezas Vital, a esposa de Fernando Martins, major Baptista Rosa, a esposa do eng.º Martins Dias, Fernando Martins e Gilberto Cardoso.

Depois de Gilberto Cardoso, a convite do presidente da mesa, ter procedido á leitura dos numerosos telegramas de destacadas figuras do desporto nacional alguns dos quais foram particularmente saudados com fortes aplausos como o dr. Joaquim Ferreira Bogalho e Pinheiro Machado, Artur Agostinho iniciou a série de discursos falando em nome da Imprensa e Rádio. Seguiram-se-lhe no uso da palavra os drs. Fezas Vital e António Catarino Duarte, sendo todos os oradores unânimes na sua estranheza pelo afastamento de Domingos Claudino, da direcção do Estádio da Luz.

Em nome da Comissão Organizadora da homenagem o dr. Paulino Gomes Junior depois de «incendiar» a assistência com as labaredas vivas do seu benfiquismo, pediu a Gilberto Cardoso para que lesse uma carta recebida do dr. José Magalhães Godinho, fazendo em seguida o elogio do homenageado.

E por fim agradeceu Domingos Claudino visivelmente emocionado como era natural e sempre dentro da sua modéstia habitual, Domingos Claudino considerou aquela festa como «do Benfica», fazendo um apelo para a unidade clubista.

O prof. dr. José Maria Gaspar, encerrou a homenagem observando-se então um longo desfile dos presentes para abraçar Domingos Claudino, um exemplo de benfiquismo.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

OS JUNIORES DO BENFICA JOGAM HOJE EM FRANÇA

Já se encontra em França a equipa de juniores do Benfica que a partir de hoje e até depois de amanhã participará num torneio internacional que se realiza em Saint-Ouen.

Apontados como a principal atracção da competição os futebolistas do Benfica vão defrontar outras equipas de prestígio consolidado como a italiana do Cagliari, a do Racing, de Bruxelas e a jugoslava de Radnick.

A comitiva «encarnada» que tem sido alvo das maiores atenções quer dos organizadores do torneio como da numerosa colónia portuguesa é chefiada pelo dirigente Fausto Pires, e integra o treinador Artur dos Santos, o massagista Palhinhas e os jogadores Louro, Fernando, Leal, Lino, Martins, Nené, Pinheiro, Centro Faria, Armando Vieira, Sá Gomes, Silva Morais, Olegário, Queirós, Raul Moreira, Baptista, Sarina e Roquete.

Verifica-se que os reservistas Pinheiro, Nené e Vítor Martins foram integrados na caravana, uma vez que não puderam acompanhar a equipa os juniores Jacinto e Carolino, convocados para os trabalhos da selecção nacional da categoria que vai disputar em Leipzig, o torneio internacional da U. E. F. A.

Programa para esta noite:

Às 20 h, Racing White-Olympique Lyonnais.

Às 21 h, Andonièmne-Benfica.

Às 22 h, Olympique Marselha-Radnik.

O programa de amanhã constitui uma autêntica maratona.

Senão veja-se:

Às 10 h, Red Star-Olympique Lyonnais.

Às 11 h, Cagliari-Racing White.

Às 13 e 30 h, Olympique Marselha-Andonièmne.

(Continua na página seguinte)

INICIATIVA DO SPORTING

MINIBASQUETE PARA OS «MIÚDOS» DE LISBOA

Através da sua secção de basquetebol, o Sporting vai organizar o «1.º Torneio de Lisboa de Minibasquete», cujos jogos vão disputar-se no Pavilhão da Tapada da Ajuda nos dias 24, 25 e 31 de Maio e 1, 7 e 8 de Junho.

O torneio em que poderão participar jovens dos 8 aos 12 anos será disputado por dezasseis equipas em representação de diversos clubes, escolas e colégios. Em cada jornada efectuar-se-ão simultaneamente quatro desafios.

As equipas concorrentes serão agrupadas em quatro séries na fase preliminar. Depois e segundo as classificações serão constituídas novas séries com os primeiros, segundos, terceiros e quartos classificados. Daqui sairá a classificação final até ao 16.º participante.

Se no final de cada encontro se verificar uma igualdade no resultado, realizar-se-á um prolongamento de dois minutos (depois de um minuto de intervalo, sem mudança de campo).

Feliz iniciativa esta do Sporting que pode constituir o despertar de Lisboa por uma modalidade que em Coimbra e Porto tem vindo a desfrutar o maior entusiasmo. E ainda que sem optimismos exagerados pode aceitar-se que o torneio de minibasquete do Sporting pode até vir a ser o prólogo de uma nova era do basquetebol português embora, nesse sentido, os frutos do empreendimento só venham o ser colhidos a longo prazo, o que pode excitar os impacientes, aqueles para quem apenas interessam os resultados imediatos, os que vivem apenas para os desportivos sem cuidar do aspecto social da criança e da sua formação desportivo-educacional, afinal o propósito primário do minibasquete e reflexamente do clube organizador.

De qualquer modo, porém, o nosso inteiro aplauso para a iniciativa do Sporting que bem merece vir a ser fortemente apoiada (no sector económico) pelas entidades oficiais. Estas atitudes é que constituem o autêntico fomento desportivo e bem necessitam da tranquilidade financeira para uma garantia de continuidade. E para que outras colectividades mesmo mais modestas possam seguir o exemplo do Sporting.

HOJE À NOITE

TÉNIS DE MESA — Taça de Portugal de senhoras: Sporting-Paço de Arcos, na mesa da Recordação de Apolo, ás 21 e 30.

Torneio Popular de Lisboa para seniores: Academia 1.º de Junho-Palmeiras, Madre de Deus-Vitória e Caixa Económica-Cova da Moura, nas mesas dos primeiros, ás 21 e 30.

Campeonato de Lisboa individual de 1.ª, 2.ª e 3.ª séries, nas diversas mesas, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Torneio Aberto Feminino de Lisboa: Benfica-G. D. U. L., ás 19.15, na Jonefa de Óbidos.

Campeonato Nacional da I Divisão (fase de Lisboa): União Sintrense-Lisboa Ginásio, em Sintra, ás 22.

No Porto

BILHAR — Torneio do F. C. Porto — Jogos a partir das 21 e 15, na sala do Café Costa.

XADREZ — Torneio das Esperanças — Partidas na sede do Grupo de Xadrez do Porto, a partir das 21 horas.

DIVERSOS — Assembleia geral do Salgueiros — Às 21 e 30, para eleição dos novos corpos gerentes, no Clube Fenianos Portuenses.

— Na Associação de Ténis de Mesa — Às 22 horas, sorteio do 3.º Torneio Popular.

Reunião do Congresso da F. P. Basquetebol

Para apreciar, discutir e votar os recursos interpostos pelo Belenenses e pela Associação Académica de Coimbra, reune-se extraordinàriamente no dia 17, às 16 horas, o Congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol.

DESPORTO

O CONCURSO HÍPICO INTERNACIONAL E OFICIAL DE ESPANHA

Impressões de um concorrente

Especial para «Diário de Lisboa», pelo major JORGE MATHIAS

BARCELONA — Não posso deixar de confessar que foi com a maior expectativa que, integrado na equipa portuguesa, e após quatro anos de ausência destes certames, cheguei a Barcelona para participar neste Concurso Hípico Oficial de Espanha.

E é já do Real Club de Pólo, de Barcelona onde terá lugar o concurso, que transmito para o «Diário de Lisboa» estas «Impressões de um concorrente» no intuito de permitir que todos os que, com maior ou menor paixão e interesse, acompanham a actividade hípica do Mundo possam «viver» melhor este C.H.I.O., em geral, e a participação portuguesa, em especial.

Julgo interessante dar uma curta ideia sobre este maravilhoso clube.

Com cerca de 5200 sócios, ele dispõe de um campo de provas oficiais, com respectivo campo anexo de aquecimento, um campo de treino e provas particulares, um magnífico picadeiro, cerca de duas centenas de «boxes», corredores de obstáculos e, ainda, um maravilhoso campo de pólo. Esta a visão hípica.

Mas... há muito sócio que não é cavaleiro. Pois para esses o Real Club de Pólo dispõe de duas esplêndidas piscinas, vinte e tal «courts» de ténis e quatro campos de hóquei em campo.

No centro de todas estas instalações a sede, com as mais diversas salas e salões, restaurante, bares, escritórios, instalações próprias ao serviço das piscinas e balneários para os praticantes dos restantes desportos.

Com jardins primorosamente tratados, podemos bem dizer que este clube consubstancia os sonhos dos sócios da nossa S.H.P

☆

Quer a Federação Equestre Espanhola, quer o próprio Real Club de Pólo, procuraram imprimir a este C.H.I.O. dignidade e grandiosidade.

Meticulosamente organizado nos mais ínfimos pormenores, rodeado de bela propaganda, julgo não restarem dúvidas a ninguém de que o C.H.I.O. deverá vir a constituir um sucesso.

É evidente que para ele muito vão contribuir a presença das equipas da França, Inglaterra, Alemanha, Espanha e Portugal e, ainda, a de cavaleiros individuais da França — entre eles D'Oriola, do Brasil — «seu» Nelson, do Peru, e numerosos espanhóis.

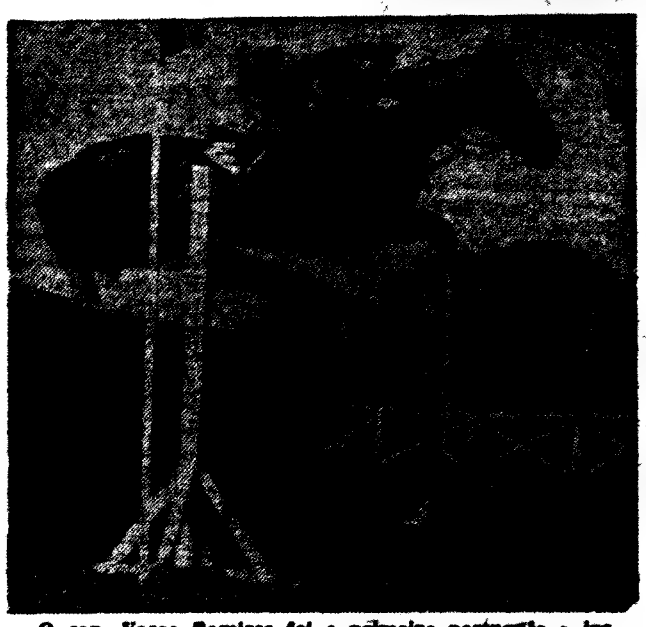
É, ainda, evidente que para esse mesmo sucesso muito vai contribuir a presença das grandes «cracks» olímpicos do México, como «Nagir», agora com Nelson Pessoa, «Rush du Camp», «Rocket», «Quo Vadis», «Enigk», etc.

E os nomes sonantes dum Winkler, dum D'Oriola, dum David Broome, duma Janau Lefebvre, dum Nelson Pessoa, dum Rosier a juntar a outros, talvez não destra craveira, mas da primeira plana mundial como Merkel (Alemanha), Martinez de Vallejo, Schmidt, Bebarques, Queipo de Llano, etc., emprestam, «á priori», ao C.H.I.O. a garantia de provas de muito nível e de grande competição.

Os cavalos e os «cavalitos» da equipa portuguesa chegaram na sua generalidade bem.

Só «Ofir», com muita tosse, e «Luculus», a queixar-se da perna esquerda, parecem oferecer um pouco de cuidado.

E durante uma semana vamos ver saltar, nesta maravilhosa pista, 103 cavalos de sete países d Mundo!!!



O cap. Vasco Ramires foi o primeiro português a inscrever o seu nome na lista dos vencedores do C. H. I. O. de Barcelona

O V. SETÚBAL NA CALIFÓRNIA

FERNANDO VAZ: «Um torneio importante, para confronto com adversários de muito valor»

Parte amanhã para os Estados Unidos da América a equipa de futebol do Vitória de Setúbal que na Califórnia vai disputar um torneio quadrangular em que também participam o Dukla, de Praga, o Albion e o Califórnia Clipper.

Com o entusiasmo de sempre o treinador do Vitória, Fernando Vaz falou-nos desta digressão, em que pela última vez acompanhará a equipa setubalense numa deslocação ao estrangeiro, uma vez que, como se sabe, irá dirigir na próxima época as equipas do Sporting. Porém, profissional probo e consciente, Fernando Vaz «vive» mais este acontecimento com o mesmo fervor de outros que conduziram a turma do Vitória á posição que alcançou no plano internacional:

— *O convite feito ao Vitória é uma consequência do prestígio de que a equipa desfruta no estrangeiro* — disse-nos o técnico setubalense —, *prestígio que vamos defender num torneio importante, para confronto com adversários de muito valor.*

E Fernando Vaz prosseguiu:

— *Os americanos estão a fazer mais uma tentativa para definitivamente implantarem o futebol no seu país. E esta equipa do Califórnia Clipper é das que mais tem procurado desenvolver o futebol na América e constituem um excelente grupo com futebolistas jugoslavos, checos, argentinos e brasileiros.*

Quais as vantagens do Vitória em participar nessas competições?

— *Para além dos interesses económicos todos estes contactos contribuem para a valorização dos jogadores do Vitória. Digo-lhes mesmo que o nosso futebol necessita cada vez mais destes confrontos. Só assim se podem abrir os olhos para as realidades do futebol actual. Lá fora, em despiques com equipas de outros estilos também se aprende. Atribuo grande interesse a estes jogos e digo-lhe até que foi graças a eles que o Vitória se personalisou como equipa de nível europeu. Foram-nos muito úteis, por exemplo, os sucessivos desafios que travámos o ano passado com o Bolonha, também na América.* E acrescentou: *Isso, pode crer, ajudou-nos a eliminar o Fiorentina, na Taça das Cidades com Feira.*

Fernando Pedrosa chefe da comitiva

Entretanto está já constituída a comitiva que se deslocará á América do Norte e que será chefiada por Fernando Pedrosa, integrando também o dr. Aníbal Pescadinha, provável presidente do futuro elenco directivo do Vitória de Setúbal. Além destes dirigentes seguem também, o secretário-geral Tavares da Silva, o massagista José de Lima e os jogadores Vital, Torres, Conceição, Carriço, Cardoso, Alfredo, Herculano José Maria, Wagner, Guerreiro, Figueiredo, Arcanjo, Jacinto João, Rebelo e Armando. Estes dois últimos substituem Tomé e Petita convocados para os trabalhos da selecção. Existem também dificuldades quanto á deslocação de Vítor Baptista que poderá ser substituído por José Mendes.

Um médico português para o Vitória

Por intermédio de Tito, antigo futebolista do Belenenses e da Académica, foi comunicado ao Vitória de Setubal a oferta do dr. Mário Madeira, um médico português há longo tempo radicado em S. Francisco, para prestar, graciosamente, assistência clínica aos jogadores setubalenses durante a sua estada na América. O convite, que foi aceite pela direcção do Vitória, vem comprovar o interesse despertado na colónia portuguesa de S. Francisco por esta deslocação da turma de Setubal.

O NORTE DESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

★ Tudo sobre o novo FIAT 125 experimentado em Turim por um enviado-especial
★ Jacinto João não sai do Vitória de Setúbal
★ Fernando Vaz em 1 de Junho no Sporting
★ Benfica desinteressa-se de Artur Jorge

HOMENAGEM DO SPORTING À SUA EQUIPA DE ANDEBOL

O Sporting Clube de Portugal promove no dia 20 um jantar de homenagem á sua equipa de andebol de sete que conquistou o título de campeão nacional da modalidade.

As inscrições para aquele jantar podem ser feitas na sede do clube.

TÉNIS

O BRASIL VENCEU (3-2) A COLÔMBIA

BOGOTÁ, 15 — (A. N. I.) — O Brasil qualificou-se para a final da zona sul-americana da «Taça Davis» em ténis, ao vencer a Colômbia por 3-2.

O brasileiro Thomas Koch obteve o ponto da vitória ao vencer o colombiano William Alvarez por 6-2, 7-5 e 6-2. O colombiano Jairo Velasco vencera Edison Mandarino por 6-2, 6-1 e 6-3.

O Brasil vai defrontar na final, que se efectua no Rio de Janeiro, o vencedor do encontro Equador-Chile.

O 49.º aniversário do Naval Setubalense

Integrado nas comemorações do 49.º aniversário do Clube Naval Setubalense, realiza-se no dia 17 no pavilhão daquele clube um sarau de ginástica.

Participam as classes femininas do I. N. E. F., que se exibirão em danças folclóricas e ginástica rítmica, e os alunos do Colégio Militar.

Do programa das festividades consta ainda a apresentação das classes de judo do Naval Setubalense que se efectuará no dia 24 e onde se exibirão os melhores «judocas» portugueses e o mestre japonês Koboyasky.

Torneio de ginástica no «Náutico» de Vila Real de Santo António

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 15 — O Clube Náutico do Guadiana realiza no dia 17, pelas 21 horas, no salão de festas do Lusitano Futebol Clube, um «Torneio de Ginástica Desportiva», sob o patrocínio da Federação de Ginástica e com a colaboração do Ginásio Clube Português.

Este «Torneio» está a despertar muito interesse entre a população desportiva desta vila e do Algarve.

No próximo dia 23 deste mês efectua-se um jantar de confraternização e homenagem aos atletas do Clube Náutico do Guadiana, que este ano alcançaram altas classificações nos campeonatos nacionais de ginástica.

As inscrições estão abertas na sede do Clube Náutico.

VELA

CAMPEONATO DO CENTRO DA CLASSE MOTH

VILA FRANCA DE XIRA, 15 — Organizado pelo União Desportiva Vila-franquense, realizam-se nos dias 18 de Maio e 1 de Junho, no estuário do Rio Tejo, nesta vila, provas de vela para o Campeonato Regional do Centro, da classe internacional «moth».

Os juniores do Benfica

(Cont. da página anterior)

Às 14 e 30 h, Benfica-Radnik.

Às 15 e 30 h, Racing-White-Red Star.

Às 16 e 30 h, Olympique Lyonnais-Cagliari.

À noite, no terreno de honra, a partir das 20 horas: exibição de «majorettes» e apresentação das oito equipas, seguindo-se os encontros Andonienne-Radnick e Benfica-Olympique de Marselha.

Depois de amanhã, á tarde, em desafios de 60 minutos jogar-se-á para o 5.º e 6.º lugares e para o 7.º e 8.º. À noite, no «relvado», joga-se para o 3.º e 4.º lugares e, a fechar, a final — estes no tempo regulamentar de 40 minutos.

Suíça, 0-Roménia, 1

LAUSANA, 15 — A Roménia venceu, ontem, a Suíça, num jogo de apuramento do grupo 1 das eliminatórias para o campeonato mundial de futebol. O resultado foi de 1-0 — golo marcado pelo defesa suíço Michaud, na própria baliza.

A pontuação é a seguinte: Roménia, 5 pontos; Suíça e Grécia, 4; Portugal, 3.

Granada, 2-Leixões, 0

GRANADA, 15 — Num encontro particular, disputado nesta cidade, em que um misto do Granada teve por adversário o Leixões, os granadinos venceram por 2-0, com golos de Lara e Carmelo.

TORNEIO DE ANDEBOL EM ALGÉS

Organizado pela Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés, disputa-se no dia 17, naquela agremiação, um torneio de andebol de sete, em que participam as equipas do Benfica, Belenenses, Vendedores de Jornais, Santa Catarina, Madre de Deus e do Clube organizador.

UM PARQUE DE CAMPISMO EM ÍLHAVO

ÍLHAVO, 15. — O parque de Campismo da Barra, situado junto do mar e da encantadora ria de Aveiro, vai ser, finalmente, construído.

Com efeito, o sr. eng.º João Fonseca, presidente da direcção do Ilhavense Clube, esteve recentemente em Lisboa, na Federação de Campismo e obteve um subsídio de 30 contos para as obras do referido parque. Por outro lado, a obra tem o apoio da Câmara Municipal que cedeu os terrenos e, ainda, do Governo Civil.

Conta Juventude

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje

BOA NOITE SENHORA CAMPBELL — São Jorge

NADA DE ROSAS PARA O. S. S. 117 — Politeama

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153

HOJE, às 21.30

ESTREIA

BOA NOITE SENHORA CAMPBELL

com GINA LOLLOBRIGIDA

Às 15, 18.15 — MAYERLING (17 anos)

IMPERIO

(M. 12 anos) Tel. 555134

4.ª E ÚLTIMA SEMANA

Às 15.15 e 21.30

70 m/m Metrocolor

Vencedor do Oscar para «O melhor filme estrangeiro do ano»

NATASHA

2.º episódio de «Guerra e Paz»

ESTUDIO

(M. 12 anos) Tel. 555134

Às 15.30, 18.30 e 21.45

8.ª SEMANA

Technicolor — Techniscope

CHARLY

Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

EUROPA

(Adultos) Tel. 661936

Às 15.15 e 21.30

Technicolor — 5.ª SEMANA

O maior filme policial dos últimos vinte anos

STEVE McQUEEN é

BULLITT

Você jamais o esquecerá!

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45

c/ James Coburn, James Mason e James Fox

UMA INCOGNITA CHAMADA DUFFY

Duffy é um homem especial

Duffy é um homem estranho

CONDES

Telefs. 322523 326710

Às 15.15 e 21.15

9.ª SEMANA TRIUNFAL do filme mais desejado de sempre

E TUDO O VENTO LEVOU

com Clark Gable e Vivien Leigh

70 mm Technicolor

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50556

Às 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite

5.ª SEMANA

Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em

A PISCINA

Um filme de Jacques Deray

VOX

(Adultos) Tel. 720088

Às 18.30 e 21.45

4.ª SEMANA de grande êxito

Simone Signoret, James Caan e Katharine Ross num filme que entra pelo fantástico, onde o normal torra as proporções do bizarro...

JOGOS PERIGOSOS

Cinemascope-Technicolor

Av. Frei Miguel Contreiras

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 388743

Às 15.15, 18.15 e 21.30

George Peppard e Raymond Burr numa história vivida com nervos de aço!

UMA NOVA CARA NO INFERNO

SCOPE COL.

Metro: PICOAS

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 21.45

Uma história vivida com nervos de aço!

UMA NOVA CARA NO INFERNO

com George Peppard — Gamie Hunnicutt — Raymond Burr

TECHNICOLOR

LIDO

Praça D. João I — Amadora

(M. 17 anos) Tel. 927593

Às 21.30 h.

Mais uma louca aventura de «Matt Helm» com perigosas beldades!

UM PERIGO EM CADA CURVA

com Dean Martin — Elke Sommer — Nancy Kwan

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45033

Às 21 horas

24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER

O TIGRE PERFUMA-SE COM DINAMITE

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326366

HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA

UM SENSACIONAL FILME DE MISTÉRIO, «SUSPENSE» E ACÇÃO EXPLOSIVA

NADA DE ROSAS PARA O. S. S. 117

com John Gavin e Margaret Lee (Tecnicolor)

HOJE, ÀS 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA

(M. 17 anos)

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131

8.ª SEMANA

Às 15 e 21.30

FUNNY GIRL

Uma rapariga endiabrada

com Barbra Streisand e Omar Shariff

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 827172

Technicolor

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Uma comédia transparentemente íntima e escandalosamente feliz!

A FELICIDADE DA SR.ª BLOSSOM

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080

Às 15.45 e 21.45 (Technicolor)

A FELICIDADE DA SR.ª BLOSSOM

Uma comédia transparentemente íntima e escandalosamente feliz!

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 67163

Às 15.30 e 21.45

2.ª SEMANA

002 CONTRA AL CAPONE

Techniscope — Technicolor

com Franco Franchi, Ciccio Ingrassia e Moira Orfei

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729

Às 17 e 21.30

O BOM, O MAU E O VILÃO

com Clint Eastwood, Lee Van Cleef, Eli Wallach e Aldo Giuffrè

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 179006

Às 18.30 e 21.45

3.ª SEMANA

Emigrantes portugueses

O SALTO

com Marco Pico e Ludmila Mikael

Realização de Christian de Chalonge

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283

Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30

EM 3.ª SEMANA DE ENCHENTES

UM ÊXITO SENSACIONAL DE CONSTANTE GARGALHADA

BONANÇA & C.ª

com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

Às 21.30

CHAMPANHE ESCANDALOSO

com Anthony Perkins, Maurice Ronet e Yvone Furneaux

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

Às 21 h.

QUEDA MORTAL

O DESPERTAR DO AMOR

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917

Às 21.30

A LENDA DE UMA ESTRELA

SETE MULHERES

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TRINDADE — Às 21 e 30: (Ópera «Bodas de Fígaro»).

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A esfera facetada» (17 anos).

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23: «Mãos à obra» (17 anos).

CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Dança da Morte» (17 anos).

VARIEDADES — Às 21 e 45: «A Rainha do Ferro Velho» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Grande prémio» (12 anos).

PARIS — Às 21: «Tarzan e os inimigos da Selva» (12 anos).

ROYAL — Às 21: «O justiceiro de Rugova» (12 anos)

ARCO IRIS — Às 21: «As duas faces do perigo» (12 anos).

JARDIM — Às 21: «O regresso de um ídolo» (17 anos).

OLIMPIA — Às 19: «Bolas em jogo» (17 anos)

CINE-MOSCAVIDE — Às 2 : «Ladrão roubado» (12 anos)

CINE-ORIENTE — Às 21: «Amar e corridas» (12 anos).

SPORT L. BENFICA — Às 2 e 15: «As idades do amor» (17 anos).

UNIVERSAL — Às 21: «O Rei dos Deuses» (17 anos)

ENCARNAÇÃO — Às 21: «Alta Batota» (17 anos)

BOMBEIROS V. LOURES — Às 21 e 30: «O Rei dos Doidos» (17 anos).

IDEAL — Às 21: «Um rosto à chuva» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Um campista em apuros» (12 anos).

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Chuvasco» (12 anos)

ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «O bom, o mau e o vilão» (17 anos). CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Até encontrei ciganos felizes» (17 anos).

CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «As diabólicas» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A cruz de ferro» (17 anos). ACADEMIA — Às 21 e 15: «Raquel, Raquel» (17 anos).

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 2 e 15: «Furor de motor» (12 anos)

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Dois irmãos sicilianos» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «As girls» (17 anos).

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Hércules, o libertador» e «O tesouro dos Incas» (12 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Nas asas do amor» (12 anos)

QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Jesse James o filho do Frankenstein» e «Anúncio de casamento» (17 anos)

MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A morte espera em Atenas» (17 anos)

SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Argoman super-diabólico» (12 anos)

NOS PALCOS DO MUNDO

Foi apresentada em Stuttgard a peça «Ladrão e Rei» (uma dramatização da Guerra dos Sete Anos) da autoria de Rolf Schneider (Prémio da Radiopeça 1967), dramaturgo alemão da zona soviética. A crítica classifica a obra como falha de efeitos cénicos e quase sempre monótona. Rolf Schneider teve, há pouco tempo, outra peça, «Processo em Nuremberga», representada em Bochum, que também não alcançou grande aplauso entre o público. Foi seu encenador Max Fritzche, que, renunciando a todos os elementos habituais a uma representação teatral, apresentou os actores lendo os seus papéis, depois de terem sido apresentados com o nome próprio de cada um deles. Segundo a crítica, foram apenas as projecções cinematográficas de alguns factos políticos o que ajudou o público a «aguentar» a encenação.

FARMACIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G

AJUDA — Moura, Trav. da Memória, 55 (630944) ● Biotitar, Rua D. João de Castro, 27-B (638824)

ALCANTARA — Beirrão, R. Prior do Crato, 25 (13214).

ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)

ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D 711780) ● Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) ● S. João de Deus, R. Pedro Ivo, -A-B (725140).

AMOREIRAS — Britânica, Trav. Légua da Póvoa, 5-B (689250)

AREEIRO — Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ● Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860)

AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. da Repub., 74-A (771879) ● Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ● Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (45225) ● S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (48642).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27 n.º 4' (3112'6)

BAIXA — Fernandes, R. de S. José, 187 (326476) ● Azevedo, Filho, Pr. de D. Pedro IV, 31 (327470)

BENFICA — União, Est. de Benfica, 592-594 (700092) ● Alegria, Est. de Benfica, 180-A-B (700511).

CAMPO DE OURIQUE — Lobat, R. de Infantaria 16, 96-B (688807) ● União, R. Saraiva de Carvalho 119 (663643).

CAMPOLIDE — Salutar, Rua B, 75-A, B, Bairro da Liberdade (683694) ● Prata, R. de Campolide, 11 (682610).

CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468).

ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971)

ESTEFÂNIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578)

GRAÇA — Zilão, R. de S. Tomé, 54-56 (862835).

LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) ● Bom-m, Alam. das Linhas de Torres, 95-A-B (791181).

MADRAGOA — Eduardo A. César, R. das Trinas, 102 (662631)

OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311287).

PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, R. Penha de França 58-60 (849245) ● Vitalia, R. Morais Soares, 66-A (840011)

PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (728595-720708)

PRINCIPE REAL — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (326150)

REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873)

ST. AMARO — Correia de Azevedo, R. Luís de Camões 42-B (638620)

S. BENTO — Max Teixeira, Rua Poço dos Negros 115 (679961)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zofino Pedroso, 11-13 (381136) ● Banha, Est. de Chelas, 173-175 (382241) ● Frazão, R. da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019).

PALHAVÃ — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Av. Comb. G. Guerra, 39 (212081).

CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432089)

OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 18 (2430058).

PAREDE — Alvia, Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (2472948)

ESTORIL — Parque, Arcadas do Parque, 8 (260191).

CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (280078) — A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (2802'4).

● Linha de Sintra

AMADORA — Caveca, R. Elias Garcia, 209 (9800'9) — Fleming, R. Elias Garcia, 78-13 Tel. 932485 — Confiança, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 5-A (938 49).

DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (Tel. 97 10 28).

QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (950117) ● Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 — (950 28)

CACEM — Central R. Elias Garcia 95 (2940084).

MEM MARTINS — Quinta, Est. Mem Martins, 285 (2910012). PEDRO DE SINTRA — Valentim (980458)

SINTRA — Marçana, (Vila), Lg. Rainha D. Amélia, 20 (980155)

OLARES — Colares, Almoço, (Tel. 299080).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 0 (Tel. 234'87)

ALHOS VEDROS — Portugal, Av. do Bela Rosa, 8 (224250)

ALMADA — Algarve, R. Fernão Lopes (27027'1)

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional 22'-B (224 4'1)

BARREIRO — Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (22732'4)

COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombal, (274365).

MOITA — União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (239025)

MONTIJO — Higiene, R. José Joaquim Marques, 42 (230870)

SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (229471)

SETUBAL — Seromenho, P. Machado Santos (22691) ● Alise, P. do Quebedo (23743)

SEIXAL — Seromenho, R. Paiva Coelho, 38 (22'8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 561358 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla idem — Isoladas 382069

BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência 115 ● Segurança Pública, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional 862721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 56865

SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência 48755 ● Hospital de Santa Maria 775171 ● Hospital de S. José 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869829 ● Caminhos-de-ferro (Estoril) 361121 ● Estação Fluvial (T. Paço), 825345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663196 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

CASTANHEIRA

R. do Tesso - Lumiar - 790160

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

(M. 15 anos)

RESTAURANTES «O MANEL»

Todos os dias e semana LAMPREIA e ARROZ DE FRANGO À MINHOTA

LARGO DO REGEDOR, 1, 1.º

Telef. 30983

Parque Mayer

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B Telef. 57 37 73 (frente à Embaixada Americana)

ESPECIALIDADE DIÁRIA

GALINHA YO LYN e o célebre arroz CHAO CHAO

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO (POSTO SHELL) EM

AZEITÃO

ESTRADA Lisboa-Setúbal Telef. 22 82 44

LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR TOMAR CHÁ

COZINHA ALENTEJANA

Serviços de almoços no jardim

Encerra às 2.ªs-feiras

Av. do Aeroporto, 162 Telef. 72 70 71

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE

AOS SÁBADOS E DOMINGOS Telef. 790811

Telheiras de Cima, 144

JANTARES DANÇANTES c/ conjunto privativo

APÓS AS REFEIÇÕES CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de 84
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

ESTADO DE EMERGÊNCIA NA FEDERAÇÃO MALAIA

KUALA LUMPUR, 15 — (R.) — O estado de emergência foi declarado na Malásia — segundo anunciou hoje o primeiro-ministro Tunku Abdul Rahman pela Rádio e Televisão.

Por outro lado, o Governo anunciou a suspensão de todos os jornais, até nova ordem, devido à actual situação provocada pelas desordens raciais entre chineses e malaios.

Entretanto, as estatísticas oficiais indicam que já morreram pelo menos 75 pessoas mas fontes bem informadas dizem que o total é muito superior a uma centena.

A Polícia e os soldados dominam a situação na maior parte da cidade mas bandos de desordeiros armados deslocam-se ainda na zona de Kampong Bahru incendiando, pilhando, cercados por barreiras de arame farpado.

A acção do Governo contra os jornais segue-se a dois dias de violentas lutas entre malaios pró-governamentais e chineses oposicionistas.

Fontes bem informadas dizem que reforços de tropas estão a caminho da capital para ajudar os três mil homens das forças de segurança a restabelecer completamente a ordem.

O sector de Kampong Bahru, na periferia da cidade, é uma zona habitada de chineses e malaios que vivem misturados e onde as desordens têm sido mais violentas. Soldados equipados para combate bloquearam com barreiras de arame farpado todas as estradas de acesso àquela zona mantendo-se de guarda com metralhadoras apontadas mas sem intervirem enquanto as casas são incendiadas umas após outras.

Anteriormente, os soldados dispersaram com pontarias altas quando desordeiros se misturaram com a multidão que comprava comida nos mercados.

SONDAS SOVIÉTICAS EM VÉNUS

LONDRES, 15 — (F. P.) — Uma cápsula lançada pela sonda «Vénus 5» descerá, amanhã de manhã, no planeta Vénus — anunciou ao princípio da tarde o observatório de Jodrell Bank, citando informações recebidas directamente da U. R. S. S. No sábado realizar-se-á uma operação idêntica com a sonda «Vénus 6».

APELO A FRANCO PARA QUE RESTABELEÇA A MONARQUIA

MADRID, 15 — (R.) — Uma das principais figuras da monarquia espanhola, o marquês Luca de Tena, dirigiu publicamente um apelo ao general Franco para que restaure a monarquia antes de morrer.

O marquês, chefe de uma importante família proprietária do jornal monárquico «ABC», disse, numa reunião, que um rei só subirá novamente ao trono espanhol se lá for posto pelo general Franco, «a única pessoa que tem poder para o fazer».

O marquês reafirmou a opinião partilhada por muitos monárquicos de que o conde de Barcelona, filho do falecido rei Afonso XIII, é o sucessor legítimo.

OS OITO PONTOS DE NIXON

(Continuação da 1.ª página)

funcionamento do organismo internacional, realizar-se-iam eleições, sob a supervisão do organismo internacional.

«7 — Seriam celebrados acordos para a libertação dos prisioneiros de guerra dos dois lados, o mais rápidamente possível.

«8 — Todas as partes em causa se comprometeriam a respeitar os acordos de Genebra de 1954 sobre o Vietnam e o Cambodja e os acordos de 1962 sobre o Laos.»

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa: 23°,5; mínima: Penhas do Saúde, 4°,8

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava muito nublado; o vento era fraco

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No almaster: 18°; no água do mar: 7°

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 15°; Faro, 21°; Funchal, 18°; Lisboa, 17°; Penhas Douradas, 8°; Portalegre, 14°; Porto, 14°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado nas regiões do Norte e geralmente pouco nublado nas restantes regiões. Vento fraco.

Amanhã
Nascer do Sol: 06 e 24
Ocaso do Sol: 20 e 43

Amanhã Dia 24 Dia 31 Dia 7

MARÉS:

PRAIA-MAR: Dia 15 — 3 e 32 (3,9 m); 15 e 58 (4,0 m) Dia 16 — 4 e 13 (3,9 m); 16 e 30 (4,0 m). Dia 17 — 4 e 51 (3,8 m); 17 e 06 (3,9 m). BAIXA-MAR: Dia 15 — 9 e 20 (1,0 m); 21 e 40 (1,0 m). Dia 16 — 9 e 51 (1,0 m); 22 e 15 (1,0 m). Dia 17 — 10 e 23 (1,0 m); 22 e 48 (1,0 m).

Portugal nas conversações sobre preços do café

GENEBRA, 15 (A. N. I.) — Portugal é um dos participantes nas conversações privadas que os maiores produtores mundiais de café iniciam hoje em Genebra sobre a crise causada pela baixa de preços.

Fazem-se também representar o Brasil, a Guatemala, a Colômbia, o México, El Salvador, o Uganda e a Costa do Marfim, este país em nome dos produtores africanos de expressão francesa.

As conversações, num hotel à beira do lago de Genebra, são presididas por Alexandre Beltrão, director executivo da organização internacional do café, que tem atribuído a baixa de preços e evasões às cotas de exportação estipuladas e a importações ilegais provenientes de mercados livres.

COM UM CESTO DA MADEIRA

Vai atravessar o Atlântico de Balão

FUNCHAL, 15 — (L.) — Partiu ontem à tarde para as ilhas Desertas, onde iniciará no domingo a sua aventura — atravessar o Atlantico a bordo de um cesto de vime, construído na Madeira, suspenso de um balão de plástico — o navegador solitário inglês Francis Brenton, que preferiu aquelas ilhas para iniciar a viagem por se encontrarem mais dentro do Atlantico.

Benton, que também é escritor — assinou «Long Sail to Haiti» — confia inteiramente no êxito da sua viagem, inédita em que fará reviver, a poucos dias da chegada dos primeiros homens à Lua, a epopeia gloriosa dos acrostatos.

O aventureiro inglês explicou que o cesto será suspenso de um fio de «nylon» com a espessura de três milímetros. O balão, de plástico, pesa 120 quilos, tem a altura de 24 metros e está equipado com o material indispensável para ocorrer a qualquer surpresa. Subirá à altura de 150 a 180 metros e voará à velocidade média horária de 15 milhas, aproximadamente igual à do vento normal. A bordo do balão, Brenton, que tenciona estar no Sul da América dentro de oito dias, e alcançar as Caraíbas em 12 dias, leva todos os alimentos necessários. E' realmente notável a planificação da viagem, com todos os pormenores previstos, até os mais ínfimos.

Francis Brenton, que se encontrava já há algum tempo na ilha da Madeira, nunca revelou os seus designios e só ontem forneceu alguns pormenores acerca da grande aventura, e se, do projecto, pouco se sabe, o mesmo pode dizer-se do seu autor, um inglês de 36 anos, bastante simpático mas pouco falador.

No Funchal, a viagem está a despertar grande interesse e ansiedade.

DEMITIU-SE UM JUIZ DO SUPREMO TRIBUNAL DOS ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON, 15 (R) — O juiz do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, Abe Fortas, demitiu-se hoje do seu cargo em consequência do escândalo provocado pela acusação de que teria tido ligações financeiras com um homem de negócios que se encontra preso.

Um funcionário do Supremo Tribunal disse que o juiz Fortas apresentou a sua demissão à Casa Branca ontem à noite.

Ao mesmo tempo enviou uma carta ao presidente do Supremo Earl Warren, explicando as suas ligações com a fundação pertencente à família de Louis Wolfson, o financeiro que se encontra preso.

Fortas, que chegou a ser proposto por Johnson para mas até hoje Fortas tem sido alvo de críticas desde que foi revelado que recebera 20 000 dólares da Fundação Wolfson.

A sua demissão foi pedida por membros do Congresso mas até hoje Fortas tem afirmado que depois de receber esse dinheiro o devolverá.

Wolfson, que foi condenado a um ano de prisão por transacções ilegais na Bolsa, teria declarado que os 20 000 dólares entregues a Fortas constituíam a primeira prestação de um pagamento anual que o juiz ficaria a receber vitaliciamente.

Um jornal afirma que o acordo existente entre Fortas e o financeiro significava que o juiz se propunha auxiliá-lo durante o inquérito que estava a ser feito pela Comissão de Fiscalização da Bolsa.

Wolfson ao ser preso gabou-se de que contava com amigos em posições influentes que o poderiam tirar da prisão.

Em ALMADA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu à Verdasca, Praça da Restauração, 12.

BANCÁRIOS DISCUTEM O CONTRATO DE TRABALHO

Hoje, às 20 e 30, na sede da Sociedade «A Voz do Operário», realiza-se a assembleia geral extraordinária do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos: informações; contrato colectivo de trabalho — análise de crítica e apuramento de sugestões com vista à sua eventual revisão.

Esta assembleia está a despertar grande interesse na classe, em vista da importância dos trabalhos a apresentar.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

Guimarães-Varzim	1
Barreirense-Leixões	X
Leça-Salgueiros	1
Boavista-Espinho	1
Tramagal-Lamas	1
T. Novas-A. Viseu	1
Peniche-Gouveia	1
Atlético-Sintrense	1
Marítimo-Torriense	X
Oriental-Sporting	2
Montijo-Almada	X
Leio-Setúbal	2
Lusitano-Coimbra	1

M/6 ANOS

CAMPO PEQUENO

DOMINGO, 18 DE MAIO ÀS 17 HORAS

GRANDIOSO FESTIVAL LUSO-ESPANHOL

HOMENAGEM AO BANDARILHEIRO FRANCISCO COSTA

CAVALEIROS

R. TELLES — F. A. SALGUEIRO

FREDERICO CUNHA

ESPADAS

SIMÕES — AMADEU

P. PALLARES — VICTOR MARTIN

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

COMANDADOS POR RIBEIRO SARGO

7 TOUROS EDITHAMENTE ESPECIAIS PARA A PRAÇA

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 562/15 DE MAIO DE 1969

Extractos de

SOUL ON ICE

«best-seller» de

Eldridge Cleaver

(Páginas centrais)

JEAN CAYROL, lazare en sursis

por Alcides de Campos

NATURAL DE BORDÉUS onde estudou Letras e Direito, Jean Cayrol, conselheiro literário das edições *du Seuil* (dirige actualmente a colecção *Intuitions* após ter criado a colecção *Ecrire*, destinada aos novos), veio cedo às lides literárias. Com apenas dezasseis anos de idade, fundava e editava na sua terra natal uma revista em que colaboraram Jacques Dalleas, André Salmon e Daniel Rops. Em 1936 publicava o primeiro poema: *Le Hollandais volant*.

Nomeado bibliotecário no ano seguinte, exerceu estas funções até à conclusão da «Drôle de guerre» e, desde 1941, participou activamente na Resistência incorporado no *réseau C. N. D. Castille*, chefiado pelo coronel Rémy. Preso pelos alemães em 1942, deportado como N. N. («Nacht und Nebel») para o campo de Gusen, donde seria transferido pouco depois para o campo de Mauthausen. Jean Cayrol, regressado à França em 1945 e já instalado em Paris, publica o seu primeiro romance («Je vivrai l'amour des autres»), que obtém o prémio Renaudot em 1947, seguidamente, poemas, ensaios e romances antes de escrever o cenário e os diálogos do filme «Muriel», de Alain Renais, e do «Coup de grâce», desta vez em colaboração com Claude Durand, como ele conselheiro literário das *Edicions du Seuil*.

De sucesso em êxito literário, confirmando passo a passo a qualidade da sua prosa, Jean Cayrol atinge uma nomeada invejável em 1968, com a publicação de dois livros da sua autoria («Je l'entends encore» e «De l'espace humain») e um ensaio sobre a sua obra assinado por Daniel Oster, todos a cargo dos *Editions du Seuil*.

O primeiro dos três volumes é um romance tratado na forma e no fundo peculiares a Jean Cayrol: com o mesmo ritmo de voz, a mesma expressão tranquila, e mesma frase ininterrupta — como os dias e as noites de Mauthausen. Jean Cayrol é o eco vivo dos campos de concentração nazis, a voz teimosa e inferior que, mesmo en-

(Continua na 2.ª página)

LUIZA NETO JORGE e a poesia de vanguarda

por Gastão Cruz

PENSO QUE A OBRA de vanguarda é a que se instala no cerne da problemática do momento em que surge e que não há obras verdadeiramente importantes que não ocupem essa posição. A vanguarda é, pois, o ponto em que a crise gerada por um certo número de conflitos inerentes à saturação de uma linguagem se resolve numa síntese, que, mais cedo ou mais tarde, gerará, por sua vez, uma nova crise. É por isso que — passando agora para o caso específico da poesia — a vanguarda pode, a certa altura, dar relevo a uma organização rigorosa e estável do discurso, para, passado algum tempo, pôr essa organização em causa e, mais tarde, voltar a restabelecê-la com uma forma diversa. Estas flutuações subordinam-se a um amadurecimento de condições e de problemas que só uma atenção extrema e uma reflexão constante poderão acompanhar. Sem essa atenção, sem essa reflexão, sem esse conhecimento exacto do quadro geral da problemática poética em cada momento, não será possível nunca, já não digo produzir obras decisivas, mas ultrapassar sequer aquele estádio de amadorismo em que tantos permanecem.

No depoimento publicado num suplemento literário, a propósito do seu último livro, refere-se Luiza Neto Jorge a uma *revolta das palavras, apelando para um novo discurso*. Isto, que, à primeira vista, poderá parecer muito vago, bastaria para demonstrar a nitidez com que a autora de *Dezanove Recantos* encara a inserção deste livro na poesia portuguesa actual. Porque é, na verdade, a elaboração de um *novo discurso* a grande tarefa desta segunda metade da década de 60, um discurso que opere a síntese entre a longa tradição discursiva que vai de Cesário Verde a Mário Casaxiny de Vasconcelos e a Herberto Helder e as tendências anti-discursivas manifestadas no começo do decénio. E não é certamente por acaso que três das obras mais significativas da década realizam, de modos completamente diversos, essa síntese: *Boca Bilingue* (1966) de Ruy Belo; *Micropaisagem* (1968) de Carlos de Oliveira; *Dezanove Recantos* (1969) de Luiza Neto Jorge.

Penso que o surrealismo, como ortodoxia estilística, digamos, pode considerar-se extinto na poesia portuguesa. Mas que as suas consequências mais directas se mantêm prova-o este livro de Luiza Neto Jorge.

A poesia surrealista, que, como se sabe, assumiu em Portugal uma forma muito particular, ao mesmo tempo que se integra na tradição discursiva de que falei há pouco, prepara a desagregação do discurso de que se ocupará *Poesia 61* — ou parte dela. Não sendo possível, por motivos de necessidade interna e externa, prosseguir por muito tempo nessa via, em breve começa a notar-se a tendência para a criação do *novo discurso* a que Luiza Neto Jorge se refere no depoimento citado.

Quais as características desse *novo discurso*?

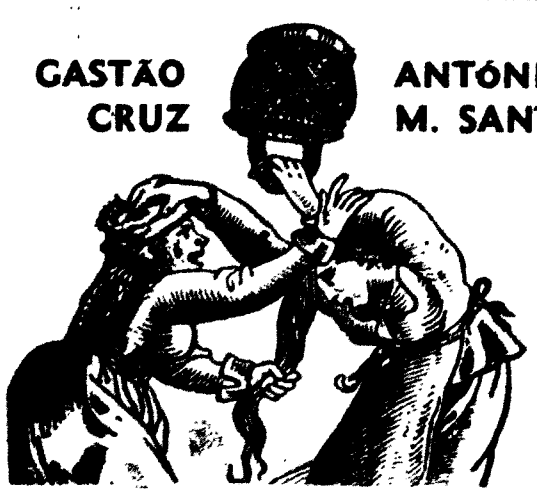
Recapitulemos. A fisionomia da poesia portuguesa apresenta, nos primeiros anos da década de 60, uma diversificação, ou mesmo uma sobreposição, de tendências que deve ser assinalada. Num ano de 1961 temos, por um lado, a poesia altamente retórica e barroca de Herberto Hélder, com *A colher na Boca*, e a poesia de propensão narrativa e descritiva de Ruy Belo em *Aquele Grande Rio Eufrates*, modalidades da tradição discursiva referida, que se prolongará até 1963, pelo menos, num livro como *Metamorfoses* de Jorge de Sena, e, por outro lado, a radical contestação, particularmente visível na colaboração de Maria Teresa Horta em *Poesia 61*, dessa mesma linha evolutiva — e visível também, embora mais atenuadamente, em outras obras de 1960 e de 1961, como *Cantata* de Carlos de Oliveira, *Voz Inicial* de António Ramos Rosa e *Mar de Setembro* de Eugénio de Andrade.

Luiza Neto Jorge: as mais directas consequências do surrealismo

A reconstrução do discurso que sucedeu a *Poesia 61* não pôde deixar de ter em conta as fecundas contradições dos primeiros anos 60. E, assim, o *discurso restaurado* é, na verdade, um *novo discurso*, que assenta, como diz Luiza Neto Jorge, numa *revolta das palavras*.

Os *Dezanove Recantos* agora publicados vêm demonstrar que Luiza Neto Jorge compreendeu que era possível transpôr para a poesia de hoje o tratamento surrealista do discurso, ou, mais exactamente, que era possível *descrever e narrar* utilizando largamente as relações de choque das palavras e a elipse. Por isso, a narração é sincopada e descontínua — por isso, *Dezanove Recantos* é uma epopeia *sumária*. E não pode surpreender quem conhece a poesia anterior de Luiza Neto Jorge que neste poema se tenham finalmente desenvolvido as virtualidades épicas (e dramáticas também) dessa poesia.

(Continua na 6.ª página)



(Ler na pág. 2)

A poesia portuguesa em polémica

GASTÃO CRUZ E A SITUAÇÃO DA POESIA PORTUGUESA

Gastão Cruz:

Acho que V., no seu recente artigo «Situação da Poesia Portuguesa», cometeu o mesmo erro que critica ao nosso meio cultural — ausência de uma autocrítica que me habituei a ver em si severa e lucida.

V. aceita implicitamente a existência de um vasto publico ledor de poesia. Será verdade? Eu considero público (existente ou possivel) toda a população portuguesa. Ou referia-se apenas a um publico minimo, centralizado em Lisboa, Porto e pouco mais, assiduo da Quadrante, agora da Livraria 111, das livrarias, dos grupinhos e grupelhos de café, leitores habituais (?) das páginas literárias, lavadeiras crónicas da roupa suja intelectual ou pseudo? Quer-me parecer que o seu artigo pretendia atingir apenas esse publico. Talvez por isso ele me surja mais como uma dessas futeis conversas do que uma análise verdadeira da situação actual da poesia portuguesa. Se, como é minha impressão, V. queria falar de Ruy Belo, não o fez; ou fê-lo da maneira que critica: publicitáriamente.

O publico (e V. sabe-o) que lê o suplemento literário do «Diário de Lisboa» por este pais fora pouco conhece da situação da poesia portuguesa, pois esta exige uma especialização, um estudo continuamente atento e critico. Esse publico lê (pouco) os poetas que conhece, vai ao cinema, vê televisão, raramente vai ao teatro (nunca chega o teatro á provincia e o que chega poderia ter ficado muito bem em Lisboa) — em resumo, cultiva o gosto pessoal, procura saber um pouco do seu mundo.

Acha que um artigo como o seu, em que divide as correntes poéticas modernas ou só os poetas em cinco grupos distintos, a saber: os academistas entronizados, os neo-romanticos, os pseudovanguardistas ou experimentalistas, os poetas comerciantes ou comerciantes poetas, e para finalizar (felizmente que se salva alguém), os poetas poetas sem adjectivação, trará ao publico leitor, que V. diz ser «vasto», um conhecimento real do fenómeno poético português? V. acha que sim, Gastão Cruz, e é pena que se tenha esquecido de que aquilo que sabe pode ser uma algaraviada para os outros. E mais, V. ridiculariza o leitor comum quando afirma: «Parece-me desnecessário exemplificar», ou «...deixo ao leitor a tarefa de identificar o poeta ou os poetas a que me refiro».

Não cita nomes (não é importante, o artigo é que não deveria ter sido este), á maneira sergiana de desfulanizar as questões. Chamar-lhe-ia outra coisa, se, como leitor, não tivesse melhor opinião a seu respeito e não supusesse que este seu artigo foi um produto de desatenção ou de pressa — ás vezes acontece.

Um dos grandes males da vida intelectual portuguesa é o de se dedicar a meias-verdades, meias-polémicas; e de viver só uma meia-vida, alheia ás amargas realidades da incultura portuguesa. Pessoa chamou a isso provincianismo, Gastão Cruz.

Talvez haja muita gentinha que tenha gostado do seu artigo, que o aplauda. Mas esse publico geralmente tem o gosto adulterado pelo vicio crónico da fuga ás responsabilidades.

Para terminar, quero pedir-lhe que escreva mesmo esses artigos sobre a situação da poesia portuguesa, bata onde bater, mas de um modo que o leitor comum aprenda qualquer coisa. Porque essa deve ser a função dos suplementos literários: difundir a arte e a literatura por um publico mais vasto, um publico que anda demasiado arredado (de quem a culpa?) desses mesmos assuntos. O mal é que os nossos suplementos literários são, na sua maioria, dirigidos ao intelectual português.

Conclusão: só bebe o que já matou a sede.

ANTÓNIO MÁRIO SANTOS

RESPOSTA A ANTÓNIO MÁRIO SANTOS

António Mário Santos:

Em nome do *leitor comum*, V. critica o facto de o meu artigo *Situação da poesia portuguesa* ter sido escrito para o *leitor não comum*. Se bem compreendo a sua carta, é esse o reparo fundamental que me faz. Mas parece-me que V. não usa, ao longo do seu texto, um conceito único de *leitor comum*. Começa por dizer que eu *aceito implicitamente a existência de um vasto público ledor de poesia*. Depois, diz que V. *considera público «existente ou possivel» toda a população portuguesa* (optimismo ou bom humor?!). A seguir, pergunta-me se eu me *referia apenas a um público minimo, centralizado em Lisboa, Porto e pouco mais, etc.*. Mais adiante, o seu conceito de *leitor comum* deixa de abranger toda a população portuguesa para se restringir ao público que *lê (pouco) os poetas que conhece, vai ao cinema, vê Televisão, etc.. Nunca chega o teatro à provincia*, diz V. Quer dizer que se refere agora ao público da provincia? Penso que existe uma certa barafunda em tudo isto.

Por outro lado, verifico, pelo modo como descreve os cinco grupos que eu assinalei na poesia portuguesa, que V. não soube ler o meu artigo. Não falei uma única vez em *neo-românticos*. Falei em *sub-romantismo em avançado grau de decomposição*, que coincide, aliás, com um dos tipos de *academismo entronizado*. Esse seria o primeiro grupo. Quanto ao segundo, completamente distinto, em caracteristicas e em méritos, nada tem que ver com romantismo, sub, neo, ou qualquer outro. Aí, as reservas feitas são minimas — não se esqueça de que eu falo de *poetas capazes da invenção de uma linguagem realmente nova e às vezes fulgurante*.

V. estranha e condena que eu me dirija ao *intelectual português*, em vez de me dirigir ao tal *leitor comum*. Ora eu dirigia-me, na verdade ao *leitor comum de poesia portuguesa*. E, das duas, uma: ou esse leitor lê, de facto, poesia portuguesa — e não lhe terá sido dificil compreender o que escrevi, apesar da omissão dos nomes; ou esse leitor não lê poesia portuguesa — e, com nomes ou sem eles, pouco entenderia do meu texto, se é que chegava a interessar-se pela sua leitura.

De qualquer forma, não era meu intuito traçar um panorama minuciosamente informativo da nossa poesia de hoje (o que, aliás, já fiz nas páginas do «Diário de Lisboa») destinado a elucidar *esse público de que V. fala, que lê (pouco) os poetas que conhece*. Eu desejava, simplesmente, chamar a atenção dos interessados pela poesia portuguesa, e sobretudo dos responsáveis pela sua critica, para um certo número de casos tipicos — e entendi que atingia mais perfeitamente o meu objectivo, pondo o problemas em abstracto. Não estou arrependido de o ter feito, apesar de algumas irritações provocadas pelo artigo (não me refiro a si, òbviamente). Era inevitável e, de certo modo, desejável que assim sucedesse.

Não se trata, pois, de um *produto de desatenção ou de pressa*, como V. generosamente, admite, certamente procurando, evitar uma desilusão demasiado grande a meu respeito e talvez até justificar-me aos olhos dos leitores. Lamento tirar-lhe as últimas ilusões: o artigo foi pensado e repensado, escrito e reescrito, lido e relido.

A sua impressão de que eu queria falar de Ruy Belo é também errada. Ruy Belo, foi um exemplo, apenas isso. Não porque eu seja agente publicitário desse (ou doutro) poeta, como V. amàvelmente sugere mas porque me parece que, dentre aqueles que poderiam corresponder à definição de poeta moderno que eu contrapunha aos quatro restantes casos considerados, ele era simultaneamente, o autor de um livro que poderia exemplificar os *factos culturais de primeira grandeza passados em claro ou quase* — questão igualmente abordada no meu artigo.

GASTÃO CRUZ

História do Teatro Português

Luciana Stegagno Picchio, catedrática da Universidade de Pisa e professora da Universidade de Roma, filóloga e erudita, nome de reconhecido prestigio internacional pelas suas investigações especializadas, particularmente no dominio dos estudos portugueses e da filologia românica, acaba de apresentar — numa edição esmerada da Portugália Editora e em tradução de Manuel de Lucena — a sua «Storia del Teatro Portoghese», corrigida e aumentada agora para o público português.

Trata-se de um importante instrumento divulgador da nossa literatura dramática, encenada ou não — desde os primórdios à mais recente contemporaneidade —, escrupuloso e objectivo, critico e didáctico no melhor sentido. «Esta história do nosso teatro» — revela Jorge de Sena, muito justamente — «não é também um livro escrito para um público ignorante do assunto: estudiosos, criticos, escritores e público, em Portugal, descobrirão nela, ao lê-la e consultá-la, um indispensável instrumento de trabalho, num campo da nossa cultura a que os estudiosos se dedicaram muitas vezes sem critica, e alguns criticos demasiadas vezes sem sólida informação».

Mais de espaço nos referiremos a este notável trabalho.

JEAN CAYROL, lazare en sursis

(Continuação da 1.ª página)

cerrada num túmulo, continuaria a salmodiar, infatigàvelmente, as mesmas palavras.

Palavras que são «o amor dos outros» trazido no «espaço de uma noite», pelo «vento da memória». Uma memória teimosa que não esquece...

Toda a sua obra romanesca assenta entre as noites e os nevoeiros da fatidica «Nacht und Nebel». E cada um dos seus romances um homem invariável penetra-se e fala-se, dissoca-se a si mesmo sem anestesia nem dor. Como sobre um cadáver. Um homem que se inventa na ficção e no sonho pode dar-se maior realidade. Um homem-sombra, fantasma, voz que não se cansa num murmurio infinito que o amarra à vida. Voz que é a terra e a cinza de milhões de vezes caladas para sempre: cortadas pelas balas, amordaçadas ou asfixiadas pelos duches de gás, abrasadas nos fornos. Voz de um «filho da memória e do imaginário», de um filho de Lázaro ressuscitado de entre os mortos do campo de Mauthausen, Jean-Pierre, herói de «Je l'entends encore» é (como Cayrol) um filho de ninguém, o herói-chave deste singular «romanesco lazareno» que é o universo literário e humano de um dos melhores escritores franceses contemporâneos: romancista, ensaista, poeta, jornalista e cineasta que sabe doscar, ao longo das suas explorações interiores e exteriores a vivacidade do olhar e a esperteza do ouvido que a memória de visões horriveis apura à medida que os anos passam. Como se a noite e o nevoeiro se adensassem cada vez mais à sua volta, emprestando-lhe este aspecto fantástico e irreal que tornam ainda mais autêntica a sua irrealidade.

O estilo é sóbrio, duma simplicidade nua, perfeita, quotidiana. Tanto na obra romanesca como na criação ensaistica, onde constata, com o rigor dum excelente sociólogo, a queda abismal da nossa civilização, tutora dos sistemas e dos valores negativos que tornaram possiveis os campos de concentração. Com a voz e o tom de um homem profundamente convencido de arvorar a verdade, o dia-a-dia em que nos atascamos. Estùpidamente. Encurralados em casa, no trabalho, no «metro», nas ruas, nos grandes armazéns da vida moderna...

Jean Cayrol é voz. A voz que não cessa de interrogar-se: «Como viver após ter-se estado morto?». Voz que é janela rasgando-se, debruçando-se sobre a vida após a morte de Mauthausen. Car écrire c'est rester en état de disponibilité; c'est penser que la vie n'a que nous pour survivre; c'est une façon pour ne pas se perdre, pour voir le jour se lever dans les ténèbres: c'est apprendre lentement à se taire».

OBRAS DE JEAN CAYROL

ROMANCES

Je vivrai l'amour des autres (prémio Renaudot, 1947), *Le feu qui prend, La noire, Le vent de la mémoire, L'espace d'une nuit, Le déménagement, La gaffe, Les corps étrangers, Les pleins et les déliés, Le froid du soleil, Midi Minuit.*

POESIA

Miroir de la rédemption, Passe-temps de l'homme et des oiseaux, Les mots sont aussi des demeures, Pour tous les temps.

ENSAIOS

Lazare parmi nous, Le droit de regard (com Claude Durand), *23 ilustrações*, col. «Pierres Vives».

CINEMA

Muriel (filme realizado com Alain Resnais), *Le coup de grâce* (filme realizado com Claude Durand).

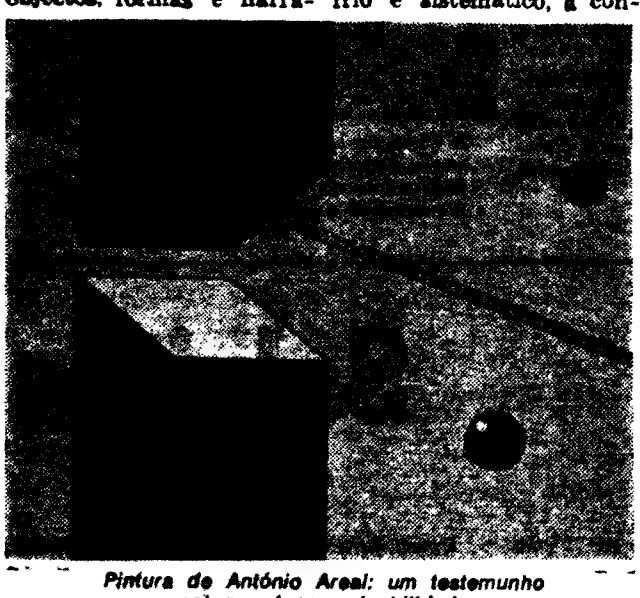
O vazio ilustrado

por Rocha de Sousa

As caixas vazias recusam muitas coisas...

ANTÓNIO AREAL
Galeria Quadrante

COM O MELHOR dos desencantos e uma pontinha de acidez nas palavras escritas, António Areal invadiu a Galeria Quadrante de caixinhas cinzentas, admiràvelmente vazias, e pôs-se a contar a sua revolta. Vê-se bem depressa que não tem empenho nenhum em ser considerado o maior autor português do século XX, como foi definido profèticamente por um crítico de arte amigo da onça, e é dono de uma voz de que nem toda a gente gosta. Produz coisas que parecem bizarras, mas que desarmònicamente se harmonizam no mundo escandaloso em que vivemos. Assumindo certa assiduidade, e com uma premeditação sarcástica, constrói objectos, formas e narrativas que parecem não se ajustar a uma arte conhecida, mesmo que violenta nas dissonâncias, e que com certeza não podem ser consumidas pelos museus nos tempos mais próximos. Para além disso, é um autor esquisito: isolado das tertúlias institucionalizadas, adoecido irremediàvelmente para as certezas dos outros, expõe onde calha e revela as incertezas da comunicabilidade. Os fragmentos da sua vivência são intransmissíveis, afirmou desta vez, e correspondem a «exactos momentos de um roteiro privado que quando se divulga logo se adultera no culturalismo de uma integração classificadora, promíscua e abjectamente supérflua». Escrevendo neste tom e agindo com este desconforto, é natural que as pessoas se interroguem acerca da crise que ele representa — ou assume. E é natural também que não se sintam tentadas a dar-lhe razão, e em certos casos nem mesmo o cuidado de uma atenção mais demorada, no mergulho de estabelecer o vazio para nele inventar um novo caos. No fim de contas, é isso mesmo o que acontece na *atitude* de António Areal: um despojamento frio e sistemático, a concretização física do vazio no rigor com que apaga as convenções, a ilustração irónica do acto de tudo reinventar a partir do silêncio. E é curioso ouvir o autor falar das soluções que não há, para conferir ao comportamento individual a sua verdadeira dimensão: «Talvez sòmente o comportamento individual estabeleça, ao assumir-se como fragilidade óbvia e inútil protesto, o mais agudo senso estético, dalgum modo básicamente suicidário mas sem problemas: e os artistas (nome venal dado aos que utilizam um certo poder para o desmerecerem deliberadamente) são quem pelas sucessivas descrenças que trouxeram acrescentam o tempo; só eles podem fazê-lo — porque é rigor estético o jogo em que se tenta (ficticiamente abstraindo do insucesso inevitável) desarmonizar o Mundo».



Pintura de António Areal: um testemunho sobre a incomunicabilidade

INSIGNIFICAÇÃO PELO VAZIO

As caixas vazias de António Areal, anulando a realidade que pareciam destinadas a conter, também não conseguem propor um processo desarmónico, mas recusam muitas coisas: têm um rótulo em que *se diz* ou se descreve aquilo que não se pode *mostrar*. E assim as caixas permitem que cada um de nós, pela expressão de uma linguagem diferente, construa dentro delas a diversidade do mundo e das sugestões transferidas. Assim nos apercebemos do logro das coisas, presos à irremediável armadilha de inventarmos o que não há, errados na incomunicabilidade do gesto, confrontados no silêncio com o rosto arbitrário do que criámos. Nada disto se classifica, é evidente, nem pode perpectuar-se no património dos museus — porque corresponde, de facto, a um exercício da consciência individual, porque a situa perante os fenómenos em que ela se gera, porque lhe encerra a crise das acções e dos conceitos. O vazio povoa-se com o existir dos indivíduos, um de cada vez e sempre contraditòriamente, como na realidade.

UMA INCONVENIÊNCIA CONVENIENTE

Areal parece desconfiar do acto de expor, tão votado à incomunicabilidade como outro qualquer: e daí o chamar fatigante a essa inconveniência conveniente. Mas a sua descrença, que se baseia sobretudo na impossibilidade de se transmitir aquilo em que de mais interior nos vivemos, refere também a errada filtragem que a obra vai sofrer por todos os que pretendem usufrui-la ou apenas julgam dever pensar nela. Do ponto de vista do indivíduo interessado numa acção que lhe decorre da própria vida, portanto do próprio pensar, o expor a obra é, apesar de tudo, uma obrigação — e uma obrigação também subjacente ao projecto profissional do autor, aí onde ele se humilha «na expressão porque ela se limita, mitifica-a um tanto porque nela se aposta, dela subsiste alimentarmente porque é trunfo dum combate o haver sangue, e não se liberta senão quando adquire consciência da sua contraditória submissão ao tempo». O homem exprime a violência da sua vontade, mas a originalidade que dolorosamente procura, no seu projecto essencial, depressa se dissolve no mundo. Em vão os artistas esvaziam os últimos gritos em busca de uma recusa redentora, mas a dissonância incómoda do seu desespero encontra na sociedade um poder de absorção irremediável. Também (ou sobretudo) culturalmente, o que não deixa de ser inquietante. Por isso a voz finalmente inibida dos que procuram desarrumar as certezas instituídas: «como dar um *outro* sentido a este estado revoltantemente harmónico?» É preciso talvez recomeçar tudo na raiz, com a mesma força mágica, com a mesma tenacidade primitiva. A seu modo, pelas que escandalosamente se exposições anteriores desvirtuaram, Areal intenta definir mais um comportamento do que uma obra, estabelecer mais uma afirmação humana de dúvida do que uma enfática discordância. E, nesse aspecto, não posso deixar de me referir do seu lado, muito mais (também) do que na profissional e luxuosa encadernação dos seus desenhos conhecidos. Ao legar-nos esta irónica colecção de caixas vazias, de que as crianças se aproximam com um irremediável sentido do maravilhoso e nós nos apropriamos temendo o ridículo, é a perplexidade de as povoar e significar que vivemos, mas antecipadamente conscientes de quanto essa vontade é gratuita. Agimos então por um apelo de raiz, como se estivessemos para conviver desesperadamente com uma realidade inventada, e resta-nos o desencanto de refazer tudo desde o princípio. Entramos assim num jogo em que sempre estivemos comprometidos sem o saber. Mas sabê-lo é terrível — e por isso é que o vazio não se enfrenta sem desconforto.

TESTEMUNHO E VIVÊNCIA DA CRISE

O testemunho de António Areal, além de ser um testemunho sobre a incomunicabilidade, situa-se perante aqueles que sempre tiveram a certeza de um destino e acreditaram poder moldar o artista a uma única definição moral. «Como autor, (Areal) é solidário consigo apenas — como cidadão, toma-se por juiz de todos os que se concedem à rendosa instituição das certezas (delas, a mais subtil é a da dúvida metódica) e da oportunidade». Ele acredita apenas na acção colectiva que convulsiona a integração nos sistemas, «não a favor de substituições, mas por fulgurante alogificação da moralidade». Prevê desse modo, não uma contraposição de sistemas, mas uma fidelidade dedicada à crise — «irrepetível na vivência, e humanamente imortal porventura na exasperação do quotidiano». A vanguarda terá aqui, afinal, a sua definição mais decisiva, porque joga constantemente no risco de uma recusa de facto, porque se acerta na capacidade de rever e não de instituir. Também aqui o artista escapa aos sistemas que se apropriam do seu trabalho, esvaziando-o da revolta em que se formula. Não é romântico o seu isolamento: este faz-se apenas por uma necessidade essencial de reafirmar, reservando para a profissão aquilo que permita ao homem não se adulterar.

EXPOSIÇÕES

GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**MANUEL BAPTISTA**, O RIGOR AO SERVIÇO DE UMA LINGUAGEM SENSÍVEL
GALERIA DE ARTE MODERNA *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**ANTÓNIO SENA**, UMA ESCRITA EM DEFINIÇÃO
GALERIA 111 *Campo Grande*	**COSTA PINHEIRO**, O PODER DA MÃO E A REFLEXÃO DA ESCRITA
GALERIA INTERFORMA *Av. Casal Ribeiro*	**DORITA CASTEL BRANCO**, TRANSPOSIÇÕES PARA O LUGAR-COMUM
INSTALAÇÕES DA LONGRA *Av. da República*	**EXPOSIÇÃO DE GRUPO DE JOÃO ABEL MANTA, CHARRUA, SÁ NOGUEIRA, MARIA VELEZ, FERNANDO CONDUTO E ANTÓNIO SENA (*)**
SOCIEDADE DE GRAVADORES *Travessa do Sequeiro*	**MARIA BEATRIZ (*)**
GALERIA PANORAMA *Damaia*	**LUD E PEDRO OOM (*)**

(*) Exposições ainda sem referência crítica.

Pintura de Sá Nogueira

EXPOSIÇÃO DE GRUPO NA LONGRA

Inaugura-se hoje, dia 15, nas instalações da Longra (Av. da República), a anunciada exposição dos artistas João Abel Manta, Sá Nogueira, Fernando Conduto, António Sena, Charrua e Maria Velez, com o apoio e a administração da Galeria Interior. Da sua afirmação pública, que se resume num texto breve, consta a seguinte declaração:

«A experiência desta exposição corresponde ao encontro de alguns artistas que se reconhecem solidários no trabalho que produzem e na formação que os define. É, por outro lado, uma forma de constituirem o projecto associativo e económico que lhes assegure, no futuro, uma constante afirmação pública e a oferta paralela às solicitações possíveis do mercado. Assim procuram defender a liberdade de formulação da sua obra, garantindo individualmente, enquanto produzem, a apresentação dos objectos por que se responsabilizam. Nesta vontade colectiva são apoiados e patrocinados pela Galeria Interior, entidade que centraliza a sua produção e decide administrá-la».

A vanguarda e a guarda vã

por E. M. de Melo e Castro

PARA QUEM ESTIVER atento ao que se passa à sua volta e, também, dentro de si, uma coisa ressalta à evidência: vivemos rodeados de coisas que não nos pertencem — que nada nos dizem — que não nos são indispensáveis — que são, até, nocivos empecilhos, restos de um tempo que não é já o nosso — resquícios de uma vida que, embora morta, se infiltra na nossa energia e nos limita e embaraça e frustra.

A dois terços do Século XX, ainda não conseguimos acabar de todo com o Século IXX, os seus simplismos, e as suas sobrelevações de requinte inexcedível de teorias inverificáveis — as suas ideologias — a sua não definição de objectivos — a sua falta de eficiência — os seus deslumbramentos e optimismos — as suas estruturas políticas — a sua moralidade de «deve e haver» (!).

Se nas artes e na cultura o século XX começou com uma explosão criadora que permitiu pela primeira vez a concepção de uma vanguarda — cubismo, DADA, surrealismo (óbviamente em relação a uma retaguarda = Século IXX), outro tanto não aconteceu ás outras estruturas de relação. Este Século XX — na sua primeira metade — não é mais do que um suceder de tristes mas óbvias conclusões do que politica e moralmente no Século IXX se urdira, sem que no entanto haja um esboço de formulação e proposição de novas, mais adequadas e melhores maneiras de nos definirmos e entendermos uns aos outros.

A maneira ideológica de conceber e efectuar as funções de relação e comunicação entre os homens pode dizer-se estar ligada pela base a todos os grandes malogros que se estendem pelo mundo actual e começa já a ser muito evidente que não podemos guardar por muito mais tempo as vãs coisas que nos não pertencem, que herdámos e ameaçam a nossa actividade criadora de homens.

Sentimentos deste teor estão na base dos actuais movimentos de vanguarda de todos os países — vanguarda que já não se define contra uma retaguarda, como no princípio do Século — mas sim contra uma guarda vã, um guardar inútil de fórmulas cadaverizadas.

E' pois num ambiente profundamente paradoxal que o artista jovem actual vai procurar construir os seus objectos de comunicação: por entre as solicitações das novíssimas tecnologias, processos, máquinas (os novos anjos) que lhe acenam com ilimitados horizontes, e os restos angulosos de uma maneira de viver que não entende e que detém a força do metal e das ideias fósseis (os demónios de sempre).

Julgo ser lícito afirmar que não só no campo das artes o domínio das novas possibilidades tecnológicas (que são nossas) pelas forças residuais do Século IXX (que não são nossas) é a raiz do verdadeiro drama da segunda metade do Século XX.

E é precisamente nesse ponto que se encontra o artista criador, porque se por um lado ele deve e quer utilizar os meios peculiares do seu tempo: (as novas tecnologias, a cibernética, etc.) ele só o pode fazer em verdadeira perenidade de consciência fora de ou contra os poderes que detêm e controlam materialmente esses mesmos meios.

Utilizar computadores não é o mesmo que comprar papel e tinta. Criar ambientes luminosos ou cinéticos não é o mesmo que fazer pintura de cavalete. Uma nova monumentalidade está entre nós e onde estão as estruturas colectivas para a facultar com dignidade?

O mito do artista chifrenado e incompreendido nada tem que ver com o artista pesquisador de espaços e construtor de objectos. E, no entanto, sobre este último pesa uma nova maldição — a necessidade de pactuar (pelo menos superficialmente) com uma organização económica obsoleta mas ainda poderosa para lhe serem facultados os meios financeiros indispensáveis para a utilização dos novos meios tecnológicos que são estrutural, temporal e verdadeiramente seus.

Assim, os melhores criadores de vanguarda norte-americana ou pactuam com as grandes companhias que são pilares de um capitalismo já ultrapassado sociológicamente — e neste caso os seus recursos não têm limites; ou recusam esse pacto e se lançam na grande aventura da destruição-auto-construção — seja ela «beat» ou hippy ou outra.

Na Europa o dilema é semelhante: a vanguarda ou constroi objectos para o público comprador americano e europeu rico, obtendo, assim, fundos que permitem desenvolver as pesquisas, ou se recusa a sustentar os valores baloiços e vãos que motivam esses compradores — e vê-se privada de poder realizar a sua arte com os meios que lhe são próprios.

É certo que há os mecenas, os institutos, as fundações, as universidades. Mas tudo isso são organizações provenientes de um espírito obsoleto onde vãmente se guardam os valores e os princípios oriundos do século XIX, e que, por isso, falham em reconhecer o valor sociológico da investigação estética. Isto é, em vez de considerarem a obra do artista como um bem colectivo que precisa ser estimulado e desenvolvido, para que todos através dela comuniquem usando-a e fruindo-a, continuam, em vez disso, a tratar como um indivíduo de excepção, incapaz de ganhar o seu sustento, e que se dedica a realizar obras sem valor de comunicação destinadas à fruição de eleitos (o que é hoje uma posição vã... porque a ninguém verdadeiramente serve, nem ao artista nem ao público).

É certo que a posição dos artistas plásticos e dos músicos é mais grave em todo o mundo que a dos poetas e escritores. Os Plásticos necessitam de grandes espaços, de novos materiais, de novas oficinas, de aparelhos cibernéticos. Os músicos, de equipamento electrónico complexo, de colaboradores técnicos, de estúdios especiais, de computadores. O Poeta pode e deve sempre escrever — pois a palavra é a sua matéria criadora, quer o faça à mão, à máquina ou com o magnetofone — mas o Poeta de vanguarda pode precisar escrever com os mesmos novos materiais do artista plástico, ou necessitar de utilizar o mesmo equipamento electrónico do músico de vanguarda.

Que sucederia se eu — Poeta — precisasse de 1000 contos para criar um poema verdadeiramente actual, destinado ao uso e à comunicação colectiva dos habitantes de uma das nossas cidades? — 1000 contos que tornariam os habitantes dessa cidade muito mais felizes, muito mais próximos uns dos outros, muito mais próximos da vida e da natureza, até, do que os produtos ou as vantagens imediatas de qualquer fábrica que com esses 1000 contos (capital diminuto para uma fábrica) se instalasse na mesma cidade?

Deixo a pergunta em aberto.

O problema da utilização de fundos avultados provenientes de empresas capitalistas (Cage, Rauschemberg, na América) ou o recurso ao comércio alto-burguês (Le Parc-Vasarely, em Paris), para além de uma questão moral individual do artista é uma questão de base para o estabelecimento da noção e prática de uma verdadeira vanguarda na segunda metade deste século.

É que os artistas que pactuam são os que podem realizar as obras mais arrojadas e interessantes do ponto de vista estético e até sociológico.

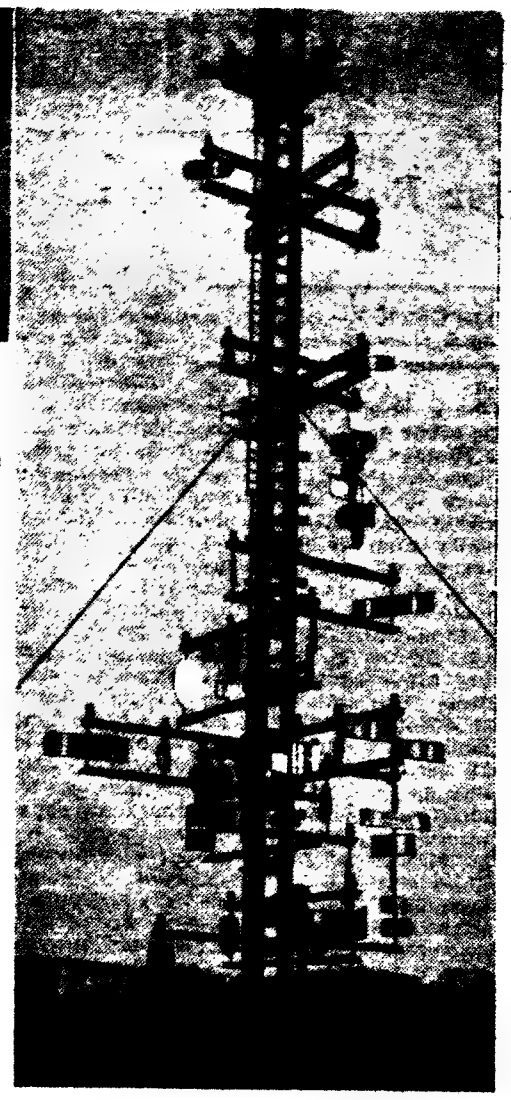
Os que não pactuam com a vigência das forças do século XIX, nada, ou quase nada, podem fazer em grande escala, perdendo-se em frustrações ou regressando a atitudes de tipo romântico ou moralista, que de vanguarda não são.

Mas há, ainda, os que apostam apenas em si próprios e constróem a sua arte com os materiais de que podem dispor no espaço que estão conquistando, fiéis apenas às opções básicas que como homens todos os dias põem à prova.

Aí está a verdadeira vanguarda desta segunda metade do século XX.

É que nem as grandes realizações tecnológicas nem a arte sofisticadamente comercializada (exemplo: Minimal Art na Documenta 4) podem pelos seus compromissos com o «establishement» e com

(Continua na 7.ª página)



A Torre de Liège, de Schöffer: *um caminho a seguir, pois resulta da compreensão exacta da obrigação de possibilitar dignamente a arte certa para a cidade actual*

Salpicos

ELDRIDGE CLEAVER, nasceu em Little Rock, Arkansas, em 1935. Foi educado no «ghetto» negro de Los Angeles e nas prisões de San Quentin, Folsom e Soledad, no estado da Califórnia. É considerado o mais original, magnético e esclarecido dirigente dos movimentos de emancipação dos negros norte-americanos. É ministro da informação do «Black Panthers» e presidente do conselho da «Black House»; nas últimas eleições para presidente dos E. Unidos foi candidato pelo partido «Peace and Freedom».

Como jornalista, é colaborador das revistas americanas «Esquire», «Liberator», «Black Dialogue», «Mademoiselle» e «Ramparts».

Publicado em fins de 1968, o seu livro «Soul on ice» é já um «best-seller» americano.

«Soul on ice» pertencerá ao pequeno grupo dos grandes clássicos que tratam o conflito racial norte-americano, desde «Native son», de Richard Wright, até à autobiografia de Malcom X.

...NA PRISÃO de Soledad, reuni-me a um grupo de jovens negros que, como eu, estavam em rebelião contra o que consideravam a continuação da escravatura, num estado mais apurado. Odiávamos tudo o que era americano — incluindo o «baseball» e os «hot dogs». Todo o respeito que poderíamos ter tido por políticos, pastores, advogados, governadores, presidentes, senadores, congressistas, foi completamente destruído ao vê-los contemporizar e comprometer-se, com o certo e o errado, a legalidade e a ilegalidade, o constitucional e o inconstitucional...

...Na prisão, tive várias sessões com um psiquiatra. Ele concluiu que eu odiava a minha mãe. Como ele chegou a esta conclusão, jamais o saberei, pois ele não sabia nada a respeito de minha mãe e quando me fazia perguntas eu respondia-lhe com as mais absurdas mentiras...

...Fui católico, baptizado, fiz a minha primeira comunhão e usava Jesus crucificado ao pescoço; rezava à noite o meu terço, ia confessar-me, rezava Avé-Marias e Padres-Nossos.

Tudo, no entanto, acabou um dia numa aula de catecismo, quando o professor perguntou se algum dos presentes percebia o mistério da Santíssima Trindade. Eu tinha estudado diligentemente as minhas lições e sabia de cor o que tinha aprendido. Levantei a mão, estremecendo de orgulho, pela oportunidade de exibir os meus conhecimentos. Para meu grande espanto e embaraço, o professor afirmou (e tal soou em mim como um trovão) que eu mentia, que ninguém, nem mesmo o Papa, a percebia. Senão que outra razão haveria para lhe chamar o mistério da Santíssima Trindade...

... Na prisão de Folsom vivia no bloco de honra, onde as portas das celas não tinham grades. O dia começava oficialmente ás 7 horas, quando os presos eram convidados a saltar da cama e a alinhar junto das portas das celas, para serem contados pelos guardas. Às 7,30, tomávamos o pequeno almoço. A seguir, trabalhávamos até ao meio-dia. Depois, até às 15 e 20 era tempo livre. Podia escolher entre ir para a cela ou ficar na sala de jantar a ver TV ou ir para a biblioteca ou para o pátio passear, apanhar sol, levantar pesos, jogar xadrez, andebol, «baseball», ou simplesmente olhar para os outros, enquanto eles olhavam para mim. Às 15 e 20, nova con-

A invenção da claridade

por José Vaz Pereira

ENCONTRAM-SE MAL os nossos escritores, artistas e intelectuais com o cinema. As câmaras filmam-lhe a casa, os quadros ou as capas dos livros, os ócios algumas palavras. E retiram-se. Sem mais nada além de uma documentação inexpressiva. Sem mais nada além de planos que fornecem um «curriculum» e ignoram uma personalidade.

O encontro de João César Santos (tratava-se de um filme sobre Sophia de Mello Breyner Andresen), traduzido em termos de cinema, muda resolutamente este panorama. A linguagem, atraiçoada aqui e ali por mesquinhices puramente técnicas, organiza-se de uma maneira densa, nobre e digna — á imagem da poesia sobre a qual se quer falar. O primeiro plano da curta metragem de João César dos Santos (caramba, muito beloá) estabelece uma disciplina uma harmonia de vida interior, uma identificação imediata com a densidade e a força das coisas, com a densidade e a força de uma personagem (Sophia), com a densidade e a força da natureza (o mar algarvio, de uma placidez majestosa) e aglutina, numa síntese por ventura ainda mais feliz, todos os esses elementos com o rigor estilístico das pessoas que sabem contar muito em poucas palavras.

Das vantagens desta economia, desta secura é João César dos Santos um acérrimo defensor na actividade crítica (irregular e feroz) a que se tem dedicado. E ,nesse aspecto, torna-se curioso notar, no filme sobre Sophia de Mello Breyner Andresen, a identidade com esta posição, a recusa ao efeito fácil, á mentirazinha da habilidade com a camara, á sobreposição retórica dos poemas e das imagens.

Mas a precisão e a severidade desse tom justo não se pode, também, organizar de uma maneira maciça, por afirmativas. Há que deixar entrar nele a irregularidade, a discontinuidade ou seja a frescura da própria vida. É desta construção eminentemente dialéctica que resulta, aliás, a força límpida e clara e (porque não escrevê-lo?) a força poética da curta-metragem de João César dos Santos. Ou, para sermos ainda mais simples, César Santos é um fanático do rigor que não pode viver sem luz. Essa luz, essa claridade reinventada que banha todo o filme, que o transfigura. São também os objectos e as coisas e a disposição dos objectos e das coisas face a câmara e a espontaneidade, a garrulice, a profundidade e a liberdade das pessoas. Concebida e explanada como parte de um conjunto mais vasto — o mundo de Sophia. Simultâneamente momento e abertura e não pré-condenação ao espaçozinho mediocre e bem organizado de uma planificação documental sobre um determinado autor (estilo «O Homem e a Obra» ou «O Meu Tipo Inesquecível» ou «Um Dia com Fulano de Tal»).

O filme vale também por isso: rasgar, cortar com uma tradição de banalidade. Não «explicar» o escritor, não «inventariar» o escultor. Partir á descoberta deles e transformar essa tarefa numa alegria criadora. Francamente, se o cineasta que já sabe tudo sobre X ou Y não terá o mínimo prazer em fazer o filme. E, sem prazer, não há filme — há película impressionada, o que é diferente.

João César Santos: um fanático do rigor que não pode viver sem luz

E neste aspecto há imenso trabalho a fazer. Ninguém nos livra da vergonha de hoje, 1969, não existir um bom filme sobre Aquilino Ribeiro, sobre António Sérgio. Que deixemos partir, assim, as pessoas sem ao menos tentar ficar com imagens de como elas são.

Rodeando e vencendo as dificuldades do género, João César Santos aproximou-se dum mundo. Não quiz fazer a obra definitiva ou filmar algo complexo como todo um processo criador. Mas não há dúvida que dominou um ambiente, uma maneira de ser, um modo de estar na vida. Juntou à poesia das palavras este cotidiano simultâneamente próximo e distante que é eco e forte da mesma poesia. E uma alegria que quase se confunde com a serenidade, uma claridade invencível que faz a força dos que olham para as coisas de frente. O filme do rigor e da luz. Um momento frágil e precioso dum cinema que não receia ser vulnerável e daí extrai a sua ética.

de «soul on ice»

por José Duarte

Eldridge Cleaver: «Soul on ice» pertencerá ao pequeno grupo dos grandes clássicos...

tagem junto às celas, para onde entrávamos até às 18 e 30, hora da terceira e última contagem do dia. No bloco de honra, estávamos autorizados aos sábados, domingos e quartas-feiras, a ver TV até às 22 horas... ...Era um domingo, dia de cinema na prisão de Folsom. Víamos «The stranger», um filme com Vitor Buono, quando ao meu ouvido me segredaram: «a TV acaba de informar que Malcom X foi atingido a tiro, quando discursava em Nova Yorque».

Se a causa da morte é a chamada causa natural ou acidente, a reacção é previsível: um sentimento de impotência, humildade, desamparo, perante as forças do universo. Mas, se a causa da morte é a bala dum assassino, a reacção é o desejo de vingança.

Em Folsom, havia apenas alguns brancos, com quem eu discutia a morte de Malcom X ou outro assunto. Nos outros, com quem eu discutia «baseball» e o estado do tempo, havia no seu olhar de soslaio um sorriso malicioso. Pareciam ansiosos por ver estalar uma guerra, entre os adeptos de

«Slaves are generally expected to sing as well as to work»

FREDERICK DOUGLASS

Elijah Muhammad e Malcom X.

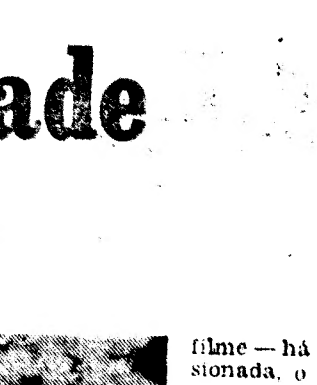
Depois de Malcom ter regressado da sua triunfal viagem a Meca, a África, ao Próximo Oriente, onde recebeu as mais altas honras, fundou na América a «Organization of Afro-American Unity» e organizou a «Muslim Mosque Inc.», destinada a receber os muçulmanos que se afastavam da linha de Elijah. Foi por essa altura que me tornei um adepto das ideias de Malcom X. Eu e todos os que aceitávamos as suas ideias sentíamo-nos felizes por nos libertarmos duma doutrina de ódio e supremacia racial.

Malcom quando discursava era irresistível. Mesmo que ele se tivesse tornado um «Quarker», um católico, um adventista, um judeu «tipo Sammy Davis» a sua obra seria triunfante. Porque não era ele que era grande, mas sim a verdade com que se exteriorizava.

...A rebelião da juventude branca processou-se através de 4 fases distintas: primeiro, com uma recusa, uma rejeição do conformismo, conformismo esse que a América sempre esperou e verificou, mais tarde ou cedo, a sua juventude aceitar. A juventude desafectada recusava-se a participar no sistema. A publicidade chamou-lhe a era dos «beatniks», embora nem toda a juventude pensasse como um «beatnik». É bem revelador que os mais velhos sempre tivessem olhado para os «beatnicks» como meros inadaptados obscenos, tão preguiçosos que nem tomavam banho ou cortavam o cabelo. Os mais velhos não gostam de considerar os mais novos, aptos a perceber o que se está a passar ou o que se passou. Quando falam de delinquência juvenil ou atitudes rebeldes, a sua retórica é fluente: «alienação da juventude», «desejo de independência», «problemas paternos», «problemas maternos». Para os mais novos, os mais velhos são americanos disformes; para os mais velhos, a juventude endoideceu.

A segunda fase chegou quando essa juventude de-

(Continua na 6.ª página)



EM ÓRBITA

por Alexandre O'Neill

EXPOENTE Máximo chamou pela fonia o mitolo de serviço. Em três foguetadas, Orbitete Kapa (assim se codificava o mitolo) surgiu natalòriamente frente à grande vigia de Mimi-a-Louraça, a cápsula chapeada a ouro onde Expoente Máximo fizera instalar o seu quartel-general. Justapondo-se à boca da sugadora-clímax (muito humorísticamente chamada, pelos mitolos, de A Chupona), Orbitete Kapa foi sugado, através das três membranas-contemporizadoras, até à presença de Expoente Máximo, que o esperava na sala Ponta de Sagres.

—*Orbi Kapa, meu velho!* começou o Expoente Máximo, enquanto o outro se desembaraçava da plastibolha que lhe recobria a cabeça. *A Madalena sempre tas mandou?*

— *Querido Max! Acabam de chegar pelo Retina Cinco!*

— *Vamos a isto! Vamos a isto!*, disse alegremente Expoente Máximo, esfregando as mãos sem peso.

— *E que fresquinhas, Max!*

Orbitete Kapa extraiu dos interiores do macaco espacial duas grandes enroladas folhas de couve, mas a sua precipitação era tanta que as folhas se lhe escaparam e, flutulentas, abriram mão de doze lâminas de prata, facas pairando sem gravidade.

— *Orbitinho dum jacto!*, praguejou Expoente Máximo. *Depressa, os camaroeiros!*

★

Enquanto Mimi-a-Louraça se afastava (de quê? de quem?) no espaço, ao som astroplangente do *Ai, Mouraria!* da grande mítola Amália, Max e Orbi Kapa continuavam, no seio dela, a apanhar as sardinhas a camaroeiro.

Luiza Neto Jorge

(Continuação da 1.ª página)

Porque ela foi sempre uma poesia de situações, de acontecimentos — situações e acontecimentos extremos, violentos, não raro de cunho trágico. Mas não confundamos: Luiza Neto Jorge não procura nem procurou nunca transmitir essa força agressiva, essa ironia contundente e dolorosa, através de uma adjectivação estereotipada, como o fazem certos outros criadores de uma poesia violenta apenas na superfície. Não. Em Luiza Neto Jorge, a violência brota da própria dureza da prosódia repartida em unidades rítmicas breves, entercortada de exclamações, enumerações, epítetos — e mergulha profundamente num estrato de sentido pleno de fricções e contrastes e de uma mitologia em torno da qual os motivos e os temas se aglutinam, no *rito infindável* de que se fala logo no primeiro dos *Recantos*.

GASTÃO CRUZ

Nota — O texto reproduzido acima foi lido na Livraria 111, no passado dia 18 de Abril, como introdução a uma sessão de leitura do último livro de Luiza Neto Jorge.

Eduardo Prado Coelho, na sua crítica a «*Dezanove Recantos*», posteriormente publicada neste suplemento, referiu-se, com alguma demora, a esse texto, pelo que a publicação do mesmo não deveria ser feita sem as seguintes observações, que deixarão, aliás, entre parênteses o problema central levantado por Eduardo Prado Coelho — *se o livro de Luiza Neto Jorge é efectivamente a «peça» que melhor se insere no meu esquema* —, visto que só uma análise de «*Dezanove Recantos*» poderia, na verdade, demonstrar devidamente o teor das suas relações com o surrealismo:

a) As três sínteses que indiquei («*Boca Bilingue*», «*Micropaisagem*», e «*Dezanove Recantos*») não constituem nenhum *esquema*, nem são necessàriamente as únicas existentes; são apenas três exemplos, que julgo especialmente elucidativos, de resultantes do conflito entre discursivismo e antidiscursivismo. Além disso, a tendência antidiscursiva, se encontra, na sua forma mais radical, em «*Poesia 61*», não é representada apenas por ela: citei livros como «*Voz Inicial*», «*Cantata*», «*Mar de Setembro*», e poderia citar ainda «*Queda Livre*» de E. M. de Melo e Castro, toda a poesia de Fernando Echevarria, etc.

b) A referência aos nomes de Rui Dinis, Nuno Júdice e Manuel Gusmão, como representantes mais legítimos do que Luiza Neto Jorge de um novo discurso, parece-me infeliz, por mais de um motivo:

1) Conhecemos muito insuficientemente a poesia de qualquer deles, sobretudo a do primeiro e a do terceiro, para podermos falar com alguma segurança.

2) Aquilo que publicaram até hoje afigura-se-me demasiado aula diário do surrealismo ou de Herberto Hélder, conforme os casos.

G. C.

Salpicos de «soul on ice»

(Continuação da 5.ª página)

cidiu enfàticamente que o mundo e particularmente os E. Unidos eram inaceitáveis na forma presente, e começou a procurar activamente qual o papel que devia ter nesta mudança da sociedade. Então, alguns foram atraídos pela revolução negra, embora tivessem tido dificuldades em perceber qual o papel dum branco numa revolução negra. Limitaram-se a ser puros observadores.

A terceira fase surgiu quando grande número de jovens brancos se começaram a juntar aos manifestantes negros. Esta presença permitiu tácticas novas. A consciência rácica americana é tal que um crime só é crime quando a vítima é negra.

Assim o público começou a protestar quando soube pelos jornais e revistas que manifestantes brancos eram mutilados e feridos pela Polícia.

A quarta fase, ainda na infância, começa com a juventude branca tomando iniciativas, usando técnicas aprendidas nos movimentos negros. São exemplos: os acontecimentos na Universidade de Berkeley, as manifestações contra a intervenção americana em Cuba, no Vietnam, na República Dominicana, e a ajuda congolesa e americana ao «apartheid» na África do Sul...

...O ringue de boxe é, na América o derradeiro foco de masculinidade, o campo experimental onde com dois punhos se demonstra virilidade; o campeão de pesos-pesados, como um símbolo,

«THERE'S A SHIT STORM COMING»

NORMAN MAILER

é o verdadeiro Mr. América. O combate Muhammad Ali-Floyd Patterson foi para os negros americanos como que um «negócio interno», embora ambos os atletas e o boxe pròpriamente dito, como tantas outras coisas na América, sejam controlados por brancos. Patterson era o símbolo da contra-revolução. Muhammad Ali, ao derrotá-lo (e puniu-o até final para não haver dúvidas e não lhe ser roubada a vitória nas crónicas desportivas), castigou psicològicamente a América branca; choque semelhante ao da Baía dos Porcos...

...De todos os novelistas negros americanos, e, sem dúvida, de todos os novelistas americanos de qualquer cor, Richard Wright é o primeiro, pelo seu profundo sentido político, económico e social. Wright tinha o talento, como Dreiser, de desmontar o intrincado mecanismo duma organização social e do seu funcionamento como um todo.

O ensaio de James Baldwin sobre Richard Wright revela o seu desprezo não por Wright, mas pela sua masculinidade. Baldwin possui uma excelente emoção quando fala de seres humanos, especialmente dos homossexuais.

Não penso que a homossexualidade seja, na escala da evolução humana, a fase que se segue à heterossexualidade. A homossexualidade é uma doença, como o é a violação de menores ou o desejo de querer ser director da General Motors... Não pode haver verdadeira competição entre superiores e inferiores. Quando o homem negro se começa a destacar num determinado desporto, a pergunta começa a ouvir-se: «o boxe está a morrer?», «o «baseball» acabou?», «o que aconteceu ao futebol?», «em que é que o basquetebol se está a tornar?». De facto, o novo símbolo da supremacia branca é o «golf», porque ali o CÉREBRO domina o CORPO. Mas assim que o CORPO se libertar de algumas trafias, a pergunta surgirá: «o que é que aconteceu ao «golf»?». Tudo isto se tornou claro quando Joe Louis venceu Max Schmeling, no segundo combate que travaram...

...O canto e a dança são talvez a ligeiramente mais novos que o próprio homem. É com a música e a dança (a recriação através da arte dos ritmos, sugerida e implícita no movimento da vida e no ambiente cultural) que o homem purga a sua alma das tensões do dia-a-dia e mantém no universo a sua harmonia.

No mundo moderno, onde o ambiente é cada vez mais mecanizado, automático, cibernético — um mundo frio, desumanizado, de rodas, superfícies plásticas e lisas, tubos, botões, transistores, computadores, propulsão a jacto, foguetões para a Lua, energia atómica — a necessidade do homem afirmar a sua biologia tornou-se muito mais intensa. Há necessidade de definir onde o corpo acaba e a máquina começa, onde o homem acaba e os seus «prolongamentos» começam. Esta, a contradição central do séc. XX.

...Os negros personificando o CORPO, e assim em comunhão mais íntima com as suas raízes biológicas do que outros americanos, asseguram a ponte entre a biologia do homem e as máquinas do homem. Na sua forma mais pura, como adaptação ao ambiente científico e tecnológico da nossa era, foi o aparecimento do «jazz» (surgido do atrito e da harmonia do negro americano com o seu meio ambiente) que melhor captou o ritmo dos nossos tempos. Embora a ciência moderna e tecnologia sejam as mesmas desde Nova York e São Paulo, o «jazz» é o único e verdadeiro meio internacional de comunicação no mundo de hoje capaz de falar criativamente, com igual intensidade e relevância, aos povos de todos esses lugares.

A música dos negros das cidades (menos sofisticada, mas nem por isso menos baseada no CORPO), conhecida por «Rhythm and Blues», antes dos brancos dela se apropriarem e a destilarem num produto a que chamaram «Rock and Roll», é o ingrediente básico co, o âmago dos hinos cacofónicos com que os Beatles de Liverpool levam as hordas das suas admiradoras ultrafemininas à histeria ..

...mas põe a tua coroa, minha rainha, e sobre estas ruinas construiremos uma Nova Cidade...

(Extractos seleccionados, traduzidos e adaptados de «Soul on Ice», edição inglesa de Jonatham Cape).

ALTO RENDIMENTO
CUSTO REDUZIDO

SOMADORA BURROUGHS

Maior rapidez de operação
•
Suave depressão de teclas
•
Compacta, Portátil

Apoiada pelo serviço mecânico e garantia Burroughs

Peça já uma demonstração sem compromisso ao representante Burroughs

ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.
LISBOA — R. S. Sebastião da Pedreira, 122 — Tel. 56 02 60
PORTO — Rua do Rosário, 104 — Telefone 2 97 67

INTERIOR
J. ABEL MANTA
CHARRUA
MARIA VELEZ
CONDUTO
ANTÓNIO SENA
SÁ NOGUEIRA

Um filme «A»

(Continuação da 3.ª página)

sência de tal quotidianeidade própria dos «olímpicos», da grande aristocracia financeira). Mas a influência de Fitzgerald (já notada na crítica da *Positif* e, de facto, patente) é abertamente reivindicada na entrevista-carta: «E' extraordinário que vocês tenham relevado uma influência de Fitzgerald no argumento... o herói é uma personagem de Fitzgerald (talvez Amory Blaine) que, como Fitzgerald, sai de uma universidade prestigiosa (Harvard) e, no entanto, observa o mundo dos ricos como um banido, como um *voyeur*...»

Acrescentemos nós, à guisa de elogio, que o Jack Washington desempenhado por Robert Wagner não é um puro decalque da personagem central de *Este lado do Paraíso* e que dele se diferencia na medida em que Hale lhe não empresta a dolorosa lucidez de Amory, não o faz passar de «egotista» a «personagem», lhe sublinha umas componentes de medíocre esperteza e de histérico arrivismo que o distanciam do espectador (o que leva, entre outras coisas, a uma subtilíssima transmutação do *happy-and* — imposto — no seu contrário. E acrescentemos ainda que até a episódica figura de Nikki Pine, essa jovem filha de milionário magnificamente interpretada por Jill St. John, já divorciada, fazendo-se massajar por um qualquer marinheiro do iate paterno ou abrindo solitàriamente garrafas de champanhe ao luar, faz pressentir umas angústias bem fitzgeraldianas que teriam ganho em ser desenvolvidas (afastando-se de Rosalind, o amor «impossível» de Amory em *Este lado do Paraíso*, tais angústias remeterão talvez às da Cecilia de *The Last Tycoon* ou a essas outras da Rose Mary de *Terna é a Noite* que, por coincidência, a mesma Jill St. John encarnou, há anos, numa mediocre adaptação de Henry King).

No meio disto, a pintura a que Hale se entrega de uma dialéctica de humilhações resulta, mediada por uma curiosa meditação sobre o significado do jogo nas sociedades extremadamente competitivas, em algo de fascinante.

No entanto, sublinhemos a necessidade de uma reserva: o nosso elogio tem estado confinado a uma esfera «contenutística». Se, como assinalámos no início, consideramos *A Roleta Fatal* uma obra modesta e não fundamental, é porque o filme se ressente bastante da sua realização pouco segura e pejada de efeitos fáceis, de umas escórias e de uma falta de vigor que Hale não soube ou não póde evitar.

Mas é ele quem declara à *Positif* a respeito de uma observação da revista neste sentido: «Haveis justamente detectado os planos à Carol Reed. São «truques». Quando eu era novo, era um dos meus ídolos. Agora, vejo que se trata de um realizador brilhante ao nível da planificação e nada mais. Mas as primeiras influências são difíceis de desenraizar». Eis uma reflexão de tipo pouco comum em Hollywood (a consciência da problemática dos meios expressivos não sendo algo de muito habitual) que promete o surgimento de um futuro autor completo se sublinharmos que as suas ambições futuras não podem ser mais interessantes: «Actualmente, tento encontrar um meio de chegar a um filme sobre os jovens de Nova-York que utilize certas técnicas etnográficas no interior de uma articulação dramática (mais ou menos o que faz Godard)».

Tendo já abandonado a *Universal*, uma das mais rotineiras e totalitárias firmas de Hollywood, Hale está, portanto, em excelente caminho: «Sinto que estou tentando romper o cordão umbelical que me liga aos estúdios para me dirigir para um cinema mais pessoal».

Resta desejar que isto se cumpra. E que, para já, não só os nossos cineclubes «recuperem» *A Roleta da Morte* como os representantes da *Universal* em Portugal se decidam a estrear *Journey to Shiloh*.

MANUEL MACHADO DA LUZ

(1) Todas as citações foram extraídas da *Positif* n.º 99, pá. 50 a 53.

A vanguarda e a guarda vã

(Continuação da 4.ª pág.)

os poderes financeiros, exercer uma actividade crítica construtiva.

E é toda uma equipa dispersa pelo mundo, de criadores individuais ou em pequenos grupos, sem alarde nem subsídios, verdadeiramente à margem de qualquer «establishment», que vai realizando as experiências fundamentais para a estética de hoje e que serão decisivas para a sociologia de amanhã.

E que a vanguarda (se desejarmos manter ainda esta metáfora militar) é a materialização crítica da má consciência do tempo presente e a abertura para a possível boa e clara consciência do tempo que há-de vir.

(1) Pode não se concordar com esta sumária caracterização do século XIX mas a questão permanece a mesma: a permanência abusiva dos seus resíduos.

PRÓXIMO ARTIGO: **«AS OPÇÕES»**

Uma poesia de sobrevivência

(Continuação da 8.ª página)

panheirismo firme e orgulhoso vai falhar também:

Aqueles (tantos foram;) pra quem fui
O amigo sincero e dedicado.
Onde estão? O que fazem? De que lado
Da esfera giram como um rio flui?
De mim partiram sem olhar pra trás,
Na procura da usura tentadora
O mais rentável êxito da hora.
Mais fácil coração, melhor cartaz
Levaram tudo Estilhaçaram tudo
O que ficou por não caber no peito.
Quanta vez me encontrei só e desfeito,
Mas fronte erguida, mas o lábio mudo!

E surge a grande acusação de oportunismo:

E os vermes crescem, engordam, gozam
A liberdade da confusão.

Sabemos agora qual é a grande mágoa que domina o poeta, esse tão vigilante e lúcido interrogar sobre o ainda valer a pena:

Não ouves as vozes dos novos que che-
[gam
à margem da hora, forçando as en-
[tradas!
Os muros são firmes? A torre alta-
[neira?
Quem é que defendes, se já não há
nada?

EM relação ao estudo-prefácio de Tomaz de Figueiredo, pouco tenho a dizer. Os criadores julgam-se soberanos quando dissertam sobre a prática da criação. Pela minha parte, não creio possível que a prática só por si conduza a uma teoria. Mas contra tal espontaneidade e certeza é difícil argumentar. Estou quase sempre em desacordo com o texto de Tomaz de Figueiredo (excepto quando ele diz que «aceitar o poeta preso, que não seja da própria Poesia e da sua pessoa única. (...) vale por negar a própria Poesia»). Anotemos apenas um pormenor significativo do ponto de vista ideológico. Para Tomaz de Figueiredo, o grande poeta é aquele que não «faz» poesia, mas deixa que ela nasça em si. Quantas implicações sociais não tem esta desvalorização do fazer? Como é sintomática esta vontade de recalcar o simples facto de a poesia ser também trabalho? Como todas as coisas. Como o amor. Porque, disse-o uma vez o O'Neill, o amor não há feito. Nem a poesia.

EDUARDO PRADO COELHO

(1) António Manuel Couto Viana, DESESPERADAMENTE VIGILANTE, Editorial Verbo Lisboa, 1968.

«BEST-SELLER» SÉRIE ROMANCE

Pelo autor de
SEMENTES DE VIOLÊNCIA
E
MÃES E FILHAS
EVAN HUNTER

ESTRANHOS QUE ENCONTRAMOS

Histórias de pessoas sem fronteiras nem bairros dos subúrbios de Nova Iorque.

Leia na Série CONTRISTAS

CONTOS POLICIAIS DE O'HENRY

O'Henry — um homem que criou uma história com a imaginação mais fértil que jamais existiu.

Já se inscreveu na TERTÚLIA DO LIVRO?

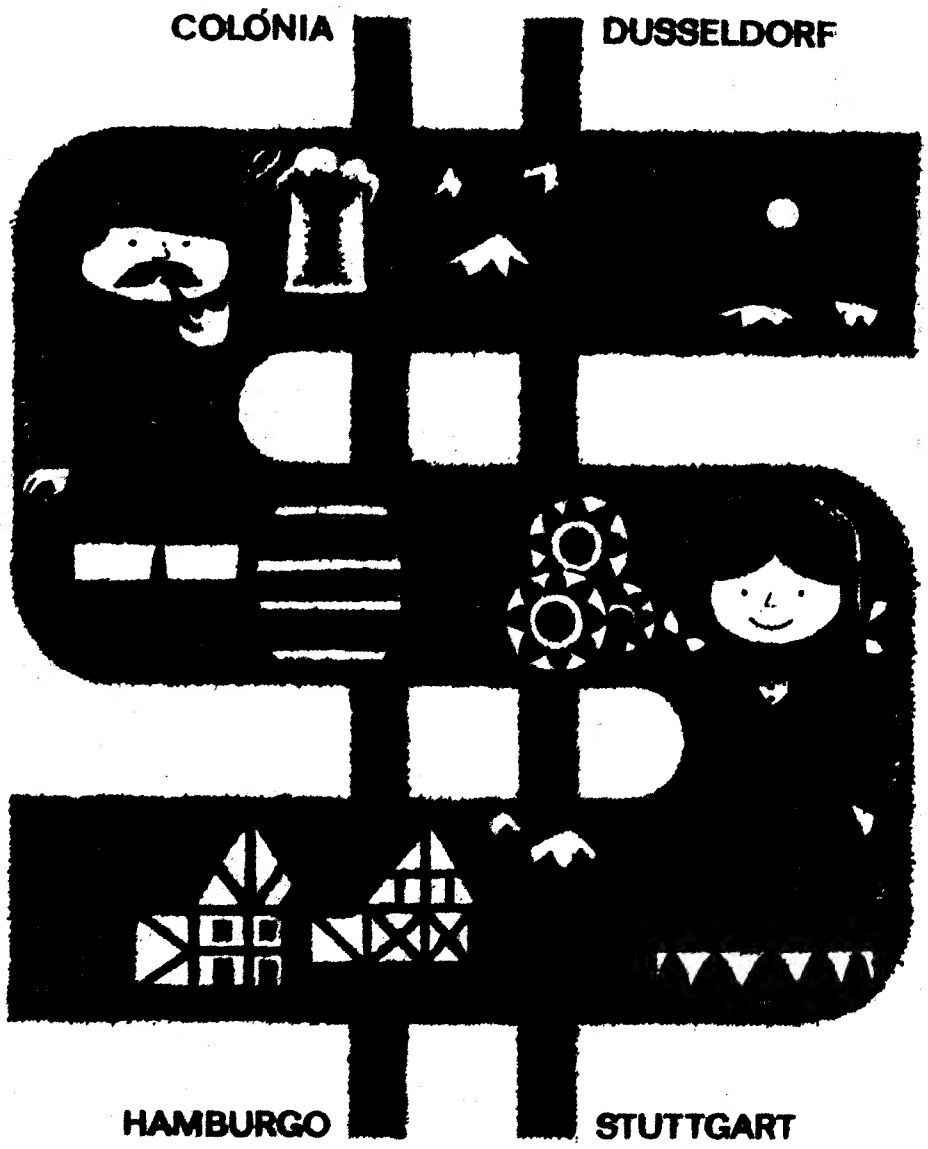
Peça dados bibliográficos à

Galeria Panorama

Rua Luciano Cordeiro, 123, r/c, Esq.º — Telef. 40016/529024/5 — LISBOA

ALEMANHA

COLÓNIA DUSSELDORF



HAMBURGO STUTTGART

Clássico

NEGÓCIO E TURISMO

com a SABENA

consulte o seu agente de viagens

BELGIAN World AIRLINES

crítica

UMA POESIA DE SOBREVIVÊNCIA

por Eduardo Prado Coelho

AQUELAS objecções de ordem «formal» ou de ordem temática que se poderiam formular em relação à obra de António Manuel Couto Viana, já o leitor as pressente e fàcilmente as enunciaria. Trata-se de uma poesia muito presa à tradição, tanto no plano métrico como pelas suas intenções. Se a construção do poema, a segurança do ritmo, o sentido da harmonia interna, me parecem irrepreensíveis, já os valores que esta poesia a todos os níveis (palavras, frases, composições, etc.) propõe se me afiguram muito discutíveis, e são para mim inteiramente estranhos. Dou apenas um exemplo: é-me quase intolerável ler tranquilamente um verso em que se fala na «sagrada hora da merenda». Porque «merenda» tem todas as conotações que evocam o vocabulário dos livros de textos de instrução primária, e o que aqui está representado é um tipo de nostalgia pela mais enfadonha e conservadora imagem da infância que um poeta possa conceber.

É este abismo ideológico que se torna difícil transpor quando se lê Couto Viana. Não é que os abismos ideológicos sejam intransponíveis, como Céline ou Ezra Pound amplamente demonstram. Mas Couto Viana não atinge esse plano, e por isso aquele tão necessário momento de adesão desaparece aqui no processo da leitura. Fica acima de tudo uma admiração pelas capacidades técnicas exemplificadas e uma compreensão à *distância* de alguns temas, de algumas obsessões e paixões. Creio, no entanto, que Couto Viana não chega a dar-nos uma poesia de grande densidade temática, apesar das suas evidentes qualidades melódicas (ao contrário de Fernando Guedes, de quem falaremos numa próxima vez). Por outro lado, as suas imagens e metáforas são muitas vezes embaciadas ou frustres, sem conseguirem impressionar-nos nem pela justeza nem pela violência.

Couto Viana: a visão de um total descalabro

Feitas estas reservas, que seria desleal não formular com toda a sinceridade, gostaria de pôr em relevo a simpatia que o último livro de Couto Viana me despertou. Simpatia que não implica transigência. Não procuro ser adversário de pessoas, mas de sistemas. E procuro compreender as pessoas como elementos desses sistemas. Daí o interesse que *Desesperadamente vigilante* (*) me suscita. É que poucas vezes nos surge uma poesia tão desamparadamente desesperada e pessimista.

PARA Couto Viana, os valores essenciais são a terra e a casa dos pais, a infância e seu universo de pureza, a amizade e os ideais de luta que podem unir os homens. Ora nós estamos aqui perante a visão dum total descalabro. E a primeira nota que este livro nos dá é aquela que outro poeta da mesma geração (David Mourão-Ferreira) já começara a desenvolver: a amargura do envelhecimento, o cansaço, este chegar-se a um ponto em que a gente não sabe. Pois Couto Viana diz-nos o mesmo:

Já entre os dedos o desejo foge
E, chegue onde chegar, chegarei gasto.

Ou:

Por ser o que hoje sou, fiquei de lado
A minha voz, há quanto não escuto!
Reconheço que estou velho e cansado:
É por isso que luto.

Ou ainda:

Irás, meu Deus, nascer deste cansaço
Desta carência d'alma com que traço
O meu ponto final?

A esta consciência da progressiva degradação física, da crescente inadequação entre o espírito e o corpo, corresponde uma cada vez mais forte nostalgia da infância. Uma criança, estonteada e feliz, atravessa estes poemas sem ainda pressentir que vai morrer:

Ergui, nos joelhos, aquela criança
Que tive na infância por dentro de mim

Contudo, o problema que tortura o poeta é aquele que, de Leopardi e Fernando Pessoa, tem sido um dos grandes tópicos para uma reflexão sobre a felicidade: o prazer é inconsciente mas só há prazer quando dele se tem consciência, mesmo que essa consciência o destrua; donde, a felicidade é sempre do que se não tem, aqui nasce o desejo.

Agora sei que tive infância
Como um silêncio de alvorada.
Agora sei medir distância
Na minha carne sossegada.

NO entanto, este saber agora é saber também que todo o regresso é agora impossível. Entrar na vida é um acto irreversível, que mergulha o poeta no labirinto de uma cidade incendiada e corrupta. A única solução, a paz tão desejada, a grande esperança, é a da morte.

O CERCO

Fica tão longe a casa de teus pais!
Impossível voltar! Lenta, a cidade,
Tépida e torpe, avança mais e mais...
E ela que te envolve e que te invade!
Teu corpo é já um dédalo de ruas
(Veias de fogo), fervilhantes praças
Com estátuas corruptas e nuas
E mãos febris, erguendo flores e taças.
Corre em teu coração espesso rio
De detritos de sonhos de criança.
Lançaram-se, sobre ele, arcos de cio.
Só longe fica a paz que não se alcança!
Lá, tudo é branco e é deserto e é frio...
E a morte tem o nome de Esperança!

Contudo, e este é talvez um dos mais curiosos aspectos do livro, a dado momento, o poeta compreende que o regresso à infância é ainda mais impossível na medida em que a infância hoje é apenas uma palavra a envelhecer também:

Atrás, deixaste o quê? Dirás a infância?
A palavra começa a apodrecer,
É já sensibilidade de aluguer,
Perdido o sortilégio, cor, fragância.

É este o grande e imenso vazio que o próprio desgaste das palavras produz. Aquilo que o poderia preencher, a amizade, o sentido de um com-

(Continua na 7.ª página)

A Roleta da Morte: *um filme da «Série B» que permite uma análise à Henri Lefevre...*

Um filme «A» da «Série B»

por Manuel Machado da Luz

A ROLETA DA MORTE
(THE DEADLY ROULETTE)
de William Hale
com Robert Wagner, Jill St. John, Peter Lawford, etc.

ESTREOU-SE, há cerca de duas semanas, um desses filmezitos que, descuidada e apressadamente, a *Universal* produz para a Televisão. Sem um elenco sugestivo para o grande público e com um título não muito convidativo, desde o início destinado a preencher buracos de programação, *A Roleta da Morte* manteve-se, por conseguinte, sem honra nem glória, a semana da praxe no cartaz de uma sala — o *Eden* — cujas exibições raramente excitam os amadores de cinema.

Claro que de nada valeu a crítica (assinada A.L.S.) que o D. L. publicou na sua secção de primeiras exibições, a qual, utilizando uma óptica lefebvriana, deveria ter, pelo menos estimulado uma certa curiosidade: uma obra de «série B» dirigida por um desconhecido americano que permite uma análise á Henri Lefebvre não é — que diabo! — uma coisa assim tão vulgar...

Queremos, com isto, insinuar que *a Roleta da Morte* é uma obra-prima «maldita»? Ou que o público de Lisboa terá cometido um capital «pecado» ao ignorar tal filme? Digamos que a «injustiça» cometida nada tem de dramático, não dá para quaisquer prantos nem para um arrancar de cabelos. *A Roleta da Morte* está longe de ser um filme fundamental seja a que nível for que se examine: se «pecado» houve, foi o de uma abulia e, justamente, o de uma ausência de curiosidades paradoxais no momento em que, por toda a parte e com razão, se proclama que a programação cinematográfica portuguesa é miserável, sobretudo se comparada com a do resto da Europa, Espanha incluída.

É que nada deveria ser mais sugestivo para o espectador interessado do que a possibilidade de «descobrir» uma nova personalidade; e, no entanto, esse espectador cada vez tem mais tendência a só se aventurar numa sala escura quando o realizador do filme que ela anuncia já está prestigiado por uma multidão de mais ou menos doutras opiniões que os *mass-media* nacionais (e franceses...) se encarregam de difundir.

Mas tentemos apresentar o realizador de *A Roleta da Morte:* William Hale, 36 anos, diplomado em filosofia e em cinema pela Universidade da Califórnia do Sul, autor de algumas curtas-metragens e de um outro filme de fundo (*Journey to Shiloh*), inédito entre nós, assistente de George Stevens para *A Maior História do Mundo* (que foi, para ele, uma enorme decepção).

Esta informação sobre o desconhecido realizador chegou até nós através da revista francesa *Positif* e foi fruto de uma circunstância em que, precisamente, a curiosidade dos seus redactores desempenhou um papel decisivo.

A Roleta da Morte havia-se estreado em Paris em meados do ano passado e na mesma semana que *Journey to Shiloh*, produção de ainda mais escasso orçamento torpemente mutilada pela *Universal* e ambientada durante a guerra da Secessão. Dois críticos da revista, Richel Sineux e Roger Tailleur, agradàvelmente surpreendidos mas não excessivamente entusiasmados, escreveram sobre eles breves notas favoráveis. E um terceiro, Bertrand Tavernier, intentou uma espécie de entrevista por carta a Hale que acabou sendo publicada em Novembro p. p. (1) e que contém o suficiente para que se confirme a ideia de que *A Roleta da Morte* não é um desses agradáveis acidentes de que Hollywood é fértil e que não se devem á existência de uma particular personalidade. Para que se confirme a ideia de que podemos esperar que Hale venha a ser, em circunstancias favoráveis, um autor importante.

De facto, não poderia ser um acaso a confluência, em tão modesta «série B», de algo de kafkiano (via Orson Welles, embora sem a sua tumultuosidade genial) com algo de fitzgeraldiano através de um esquema de filme negro que remete aos do Humphrey Bogart da melhor época (e que é assumido como tal através da espirituosa negativa de que se fazem arautos, por várias vezes, os protagonistas: «Não estamos num filme de Humphrey Bogart!»)

Não sendo provàvelmente conhecido por Hale o sistema filosófico do autor da *Vida Quotidiana no Mundo Moderno*, as implicações

«Não estamos num filme de Humphrey Bogart!...»

lefebvrianas detectadas na crítica do «D. L.» atrás referida não terão cruzado o espírito do jovem realizador (note-se, no entanto, quão abonatório de Hale é o facto de ele ter intuído e posto em filme algo de coerente com as análises de Lefebvre: o choque, por exemplo, da quotidianeidade, de — mesquinha, por definição — de um parasita pequeno-burguês com a ex-

(Continua na 7.ª página)